Roswell High – 02 – O Selvagem (The wild one)

Tradução: Mia - www.helenamilena.com/roswell (dê os devidos créditos)

Revisão: Mia

Agradecimento: Rafael

Autora: Melinda Metz

Copyright (c) 1998 by POCKET BOOKS, a division of Simon & Schuster Inc.

First published in 1998 by Archway Paperbacks

*** 1 ***

- Me dá um O!
- OOOO – disse Michael Guerin com um gritou agudo.
- Me dá um V!
- Vêêêê – Alex Mane disse numa voz rouca, imitando Marilyn Monroe.
- Me dá um N!
- Ênnnni!
- Me dá um I!
- liiiii! – gritaram ao mesmo tempo.
- Me dá um tempo – murmurou Max Evans. Mas um sorriso passou pelo seu rosto enquanto ele observava seus amigos, que estavam nas arquibancadas imitando as líderes de torcida.

Um sorriso perfeito, lindo, sexy.

“Pare de ficar encarando ele”, Liz ordenou a si mesma, afastando o olhar de Max. Alguns garotos ficariam felizes em ter Liz os encarando... metade dos caras de Ulysses F. Olsen High, de acordo com a melhor amiga de Liz, Maria Deluca. Mas Max não era um desses caras. Max queria ser um amigo. Apenas amigos. Existe alguma frase mais horrível, dolorosa, destruidora de corações que “apenas amigos”? Liz achava que não.

“Olhe para Michael. Olhe para Alex”, pensou Liz. Os dois estavam chamando bem a atenção por conta de seus comportamentos ridículos. Michael tinha uns cabelos muito pretos, músculos nos lugares certos e um sorriso de matar. Alex tinha corpo magro, cabelos ruivos e aqueles brilhantes olhos verdes.

Não tão brilhantes quanto os de Max. Esse pensamento simplesmente entrou em sua mente. Seus olhos viraram para Max novamente. Não, os olhos do Alex são realmente bonitos, realmente bonitos... Mas os olhos de Max eram de tirar o fôlego. Realmente azul clarinho, quase com um toque prateado.

Às vezes Liz achava difícil de acreditar que o Xerife Valenti podia olhar para Max e não saber que ele era um alienígena. Os olhos de Max entregavam todo o segredo. Eles eram fora do comum, estranhos e lindos.

Felizmente para todos, Valenti nunca estudou Max tão de perto como Liz o fez. O xerife era um membro de uma organização chamada Project Clean Slate, e sua

missão era rastrear alienígenas que vivem na Terra... o que basicamente significa que estavam procurando por Max, sua irmã Isabel e Michael. Eles eram os únicos sobreviventes do famoso acidente aéreo com a nave espacial que aconteceu em Roswell anos atrás.

Xerife Valenti era a razão para Max querer que ele e Liz fossem '*apenas amigos*'. Enquanto Valenti estiver procurando por alienígenas, Max estava em perigo. Assim como qualquer um que estiver muito próximo a ele.

Seria tão mais fácil... okay, ainda assim seria difícil, mas seria um pouco mais fácil, se Max não gostasse dela. Isso, talvez, ela fosse capaz de aceitar. Mas Max ama Liz. Ela sabe que ele a ama. Ela podia ver isso nos olhos dele, quando ele a olhava. E é por isso que ele se recusava a deixar ela se aproximar demais. Ele insiste que é mais seguro para ela dessa maneira.

Como se ela ligasse sobre estar a salvo. Como se ela ligasse sobre qualquer outra coisa a não ser estar com Max.

Liz deu uma última olhada nele, em como era de tirar o fôlego e forçou a si mesma a olhar para outro lado. Ela tentava manter o foco numa conversa que acontecia perto dela.

- Eu estou fazendo uma lista dos melhores produtos com queijo de Roswell. O número um é o Crater Taters— Digo, batata coberta com queijo laranja brilhante? Coisa de gênio. Mas o Cosmic Crunch é bem style também – disse Alex. Ele colocou gentilmente um pedaço de queijo em sua boca e mastigou vagarosamente. Fechou os olhos, encantado e um sorriso percorreu seu rosto.

Maria alcançou os olhos de Liz e balançou a cabeça. As duas conheciam Alex por como ele ficava intenso quando fazia uma das listas para colocar no website dele. Mas elas também achavam as listas bastante engraçadas.

- É isso que eu gosto em você, Alex – disse Liz para ele – Você não tem medo de fazer essas grandes e filosóficas perguntas. Por que o mal existe no mundo? A ciência desaprova a existência da alma? E a maior de todas... qual a variedade de queijo é verdadeiramente a melhor?

- Ei, e eu? – Michael exigiu saber – Eu também sou um filósofo - ele pegou queijo Crater Tater com as duas mãos cheias e levou a sua boca então mostrou junto com saliva.

O que foi uma das mais repulsivas combinações que Liz podia imaginar. “Mas eu não sou um alienígena”, ela lembrou a si mesma. Michael definitivamente não tinha o paladar humano. Se ele tivesse, estaria vomitando em toda a arquibancada agora mesmo.

- Você tem sorte de ser bonitinho, ou acabaria no hall da fama dos repulsivos num instante – exclamou Maria enquanto Michael mostrava outra leva de queijo

dentro de sua boca.

- Você acha mesmo que sou bonitinho? – perguntou Michael. Ele pestanejou para Maria, então abriu muito a sua boca, mostrando o líquido laranja que se formava em sua língua.

- Eu com certeza te chamaria pra sair – comentou Alex segurando a bolsa de Maria.

Maria enrugou o nariz.

- Eu não como comida Laranja Neon. Simplesmente não é certo

Michael sorriu para Alex, que sorriu para Maria. E então os dois foram pra cima dela. Maria tentou escapar, mas Michael agarrou um de seus braços e Alex agarrou o outro. Os dois tentavam colocar comida em sua boca. Maria tentava sair enquanto fazia força para deixar a boca bem fechada, o que Liz achou bastante impressionante.

- Uma ajudinha aqui – Alex chamou Max.

Max saltou para eles e começou a fazer cócegas na barriga de Maria, que havia ficado exposta de tanto ela rodar. Ela começou a abrir a boca numa risada e Alex e Michael aproveitaram a oportunidade para forçarem a comida na boca dela.

- A gente devia estar prestando atenção – disse Liz. Ela soou um pouco mais alto do que gostaria – O jogo está quase começando.

Eles tinham uns minutinhos a mais antes do tempo. Mas Liz queria Max tirasse as mãos de Maria... agora mesmo. Ela sabia que não tinha nada para ter ciúmes. Max e Maria eram apenas amigos. Mas ainda assim doía ver Max tocando sua melhor amiga, quando ele não podia nem tocar nela.

Eles só se beijaram três vezes antes de anunciar a lei do ‘apenas amigos’. Mas Liz não podia se lembrar exatamente como era sentir os lábios dele nos dela. Ela não podia agüentar o pensamento de ter que passar o resto da vida dela sem outro beijo de Max. Sem sentir seus dedos dele no cabelo dela, ou em seu corpo...

“Pare de se torturar”, ela pensou. Ela se concentrou no campo de futebol.

As líderes de torcida fizeram uma linha em frente à arquibancada. A irmã de Max, Isabel, carregava um megafone.

- Batam palmas para os UFO High Aliens! Rick Monie, Doug Highsinger, Tim Watanabe – cada garoto trotou para dentro do campo enquanto Isabel ia pronunciando seus nomes – John Andrews, Richard Jamison, Nikolas Branson...

- Esse novato Nikolas faz alguma aula com você? – perguntou Liz a Maria.

- Espanhol. Ele é bem quieto – respondeu Maria.

- Ele é bem gostoso – disse Liz bem alto. Ela queria ter certeza de que Max

poderia ouvir. Talvez se ele pensasse que ela estaria interessada em outro cara, ele pudesse...

“Pô, cara, eu sou tão patética”, percebeu Liz. A próxima coisa que ela provavelmente iria fazer era começar a ler era “Fora Desse Mundo do Amor” de Susie Scotto, uma coluna da revista *Observador de OVNI*s.

- Bem gostoso? – repetiu Maria – Ele deveria vir com uma etiqueta de advertência!

Liz deu uma outra olhada em Nikolas. Ele tinha cabelo castanho escuro que ia até o ombro e olhos castanhos bem clarinhos. Tinha bochechas bonitas e seu nariz, que obviamente fora quebrado algumas vezes, dava a seu rosto um toque severo. Até você olhar para os lábios dele, que eram grandes e sensuais.

“É, ele é gostoso”. Mas Liz observou de um modo científico, antropológico. Categorizando seu nível de fofura como se ela estivesse no laboratório de Biologia, ou algo assim.

“Maria iria pegar totalmente no meu pé se ela soubesse o que está passando na minha cabeça agora”, pensou Liz. Maria diz que ficar levanto tudo pro modo científico estragava a mágica no mundo lá fora. Mas era simplesmente assim que a mente de Liz funcionava.

- É melhor aquele outro mascote se ligar, Izzy tá ficando com raiva – comentou Michael.

Liz deu uma olhada para baixo no campo. Rocky Rocket, o mascote da Guffman High, tinha os braços ao redor da cintura de Isabel. Isabel saiu para dançar com as outras, mas Michael estava certo. Ela parecia bastante irritada.

De repente, Rocky pegou o megafone da mão de Isabel e fez uma dancinha da vitória, mexendo o objeto no ar.

Maria deu um risinho de satisfação.

- Ooh, Isabel não vai gostar de ficar sendo testada por um idiota numa roupa ridícula daquela...

- Ela vai dar o troco – Michael respondeu confiante – Idiotas não deveriam mexer com a Iz. Observe.

Ele estava certo. Isabel parou de dançar e se virou para o mascote com uma expressão ameaçadora. Ela estendeu a mão para ele lhe dar o megafone.

Rocky balançou sua grande cabeça em forma de mão. Isabel se adiantou mais um passo em direção a ele... e parou. Rocky saltou no ar, fora de seu alcance.

A platéia toda se engasgou enquanto ele voava cerca de 10 pés para trás e caía de cabeça para baixo na lixeira cheia de gelo dos jogadores.

- Uau! Você viu isso? – uma garota atrás de Liz exclamou – Ele pulou, tipo, 4 metros do chão!

Rocky fez força para sair de dentro da lixeira e rumou para o outro lado do campo. Liz percebeu um sorrisinho em Isabel enquanto o mascote saía.

- A razão peso para volume daquilo nunca deveria ter permitido esse tipo de elevação – disse Liz pensativa.

Maria, Michael e Alex olharam para Liz com a expressão vazia de que não haviam entendido absolutamente nada do que ela disse, como sempre faziam quando ela dizia algo meio científico.

- Traduzindo, por favor, Sr. Spock? – provocou Maria.

- Liz está dizendo que de acordo com as leis da Física, um cara naquela grande e pesada roupa de mascote nunca poderia estar apto a pular naquela altura – explicou Max.

Michael levantou uma sobrancelha em direção a Max.

- Não sem ajuda, você quer dizer.

- Exatamente – disse Max.

====

Isabel tirou o prendedor de cabelos e balançou seus cabelos louros. Ela gostava do modo como ele ficava todo caído em seus ombros. E os caras pareciam gostar desse jeito também. Na verdade, os caras pareciam gostar basicamente de tudo em Isabel. Um pequeno sorriso de satisfação apareceu no canto de sua boca.

- Não posso acreditar no pulo que o mascote da Guffman deu – Stacey Sheinin foi em direção a bolsa de maquiagem que Isabel havia acabado de colocar no chão em frente de seu armário.

Isabel lançou para ela um olhar ameaçador, mas Stacey nem percebeu. Ela apenas continuou falando, como sempre. Stacey amava escutar a si mesma.

- Foi tipo, Wheee! – exclamou Stacey – Eu acho que todas nós deveríamos tomar lições de ginástica pra gente poder fazer movimentos como aquele em nossas danças. O que vocês acham, meninas?

Houve um coro de “Sim” e “Ótimo” e alguns grunhidos de aprovação das

imitadoras da Stacey. Isabel rolou os olhos. As líderes de torcida eram divididas em dois grupos, as garotas que odiavam a Stacey e aquelas que queriam se tornar uma Stacey.

Isabel estava, com certeza, no primeiro grupo. Por que razão ela iria querer ser como Stacey? A menina estava sempre sorrindo, pulando, chorando, ou fazendo os três de uma vez. Mas, por trás de toda essa melada, açucarada, enorme bondade, ela tinha o instinto matador de uma cobra.

- Principalmente você, Isabel – adicionou Stacey – Talvez se você tivesse algum treinamento de ginástica, você não teria que ficar tanto na dança da Invasão Alienígena.

Isabel a ignorou. Stacey levava seu trabalho como líder de torcida muito a sério. Obviamente era o ponto alto de sua vida patética. E, além disso, os saltos de Isabel eram perfeitos.

- Bom, Nikolas Branson parece que achou Isabel bastante bem durante a Invasão Alienígena – comentou Tish Okabe – Ele não parava de encará-la.

“Oooh. Boa, Tish”, pensou Isabel. Isabel já havia deixado bem claro que ela queria o novato Nikolas.

Stacey deu a Tish um olhar malvado. Tish retribuiu o olhar.

- Eu não me importaria de tomar lições de ginástica com o Nikolas – disse Lucinda Baker do seu armário.

Isabel achava Lucinda legal. Ela, com certeza, não estava tentando se tornar uma Stacey. Mas ela era uma daquelas garotas que tentavam um pouquinho demais ali. Uma das garotas que vestia meia-calça preta rasgada e batom verde. Isabel escutou que a única razão para Lucinda entrar para as líderes de torcida era porque sua mãe a pagava mil pratas.

- Como se isso fosse acontecer. Nikolas não está desesperado para sair com você, Loose-inda. – disse uma das garotas da Stacey.

Isabel tomou as dores. Ela queria sair de lá. O nível de estrogênio na sala estava muito alto. Era alguma coisa sobre passar muito tempo numa sala cheia de garotas que a deixava irritada.

- Vamos começar uma enquête de quem vai ficar com o Nikolas – alguém disse de algum dos armários próximos. Isabel não teve certeza quem foi. Um das Stacetietes. Elas todas tentavam imitar a vizinha fina, então acabava que soavam muito parecidas.

- Não precisamos de uma enquête para isso. Nikolas sairá com a menina mais gostosa da escola, que seria *moi*.

Tish deu um olhar Por-que-você-está-deixando-ela-ficar-desse-jeito a Isabel. Mas Isabel não estava no humor para ter uma briga verbal com Stacey.

- Se você é tão gostosa, por que é que todo cara da escola quer sair com Isabel? – perguntou Tish à Stacey.

- Ah, é. Todos eles querem a Izzy. Então por que é que ela estava dançando com o Alex Manes no baile de Homecoming? – respondeu Stacey.

Ai. Era verdade que Alex não fazia exatamente parte da corte real, ou o que quer que você queira chamar, da Olsen High. E geralmente as meninas mais populares – o que definitivamente incluía Isabel – saíam com os caras mais populares, ponto final.

- Ele é apenas um dos meus escravos do amor. Eu tenho que dar, ocasionalmente, uma chance a eles, ou ficarão deprimidos, esquecerão de comer, definharão por nada – disse Isabel mantendo o tom casual.

O único motivo de Isabel ter permitido ser vista com Alex aquela noite foi porque ele fazia parte do plano para manter o Xerife Valenti longe de descobrir a verdade sobre ela, Max e Michael. Não é como se Isabel fosse negar uma dança para um cara que estava ajudando a salvar sua vida.

Bom, se ela fosse totalmente honesta com ela mesma, Isabel teria que admitir que essa não era a única razão que ela concordou em dançar com Alex. Tinha simplesmente alguma coisa estranhamente irresistível com ele. Ele tinha esse excêntrico senso de humor. Ela era inteligente. E quando ele a tocou, bom, o cara realmente sabe o que faz com as mãos.

Isabel deu uma olhada em sua maquiagem no espelho dentro de seu armário e adicionou uma nova camada de batom. Então ela pegou sua bolsa e se dirigiu em direção a saída que levava ao ginásio.

- Eu direi a Nikolas que você tem uma quedinha por ele – ela disse a Stacey – Talvez eu o convença a lhe dar uma chance.

Isabel saiu pela porta antes que Stacey tivesse a chance de responder. Ela podia simplesmente imaginar o rosto angelical da Stacey corando de raiva.

- Isabel! – chamou Max.

Isabel se virou e viu seu irmão esperando por ela. Ele não parecia feliz. Nem Liz, nem Maria, ou Michael, e até o Alex, que geralmente não parava de dar risadinhas feito um tonto quando ele a via, parecia um pouco severo.

Alguma coisa deve ter acontecido. Alguma coisa grande. Alguma coisa ruim. Será que Valenti descobriu a verdade sobre eles? Será que ele sabia quem eles

eram? Isabel caminhou rapidamente para seus amigos, seu sapato ecoando no ginásio vazio.

- O que foi que houve? – perguntou ela em um baixo, urgente tom.

Max arfou.

- O que foi que houve? – ele repetiu, a imitando – Você sabe exatamente o que foi que houve.

Ele não parecia com medo ou preocupado. Então não era um grande problema. Ele estava apenas furo. Furo com ela. Qual era o problema dele? Ela não fez nada. Bom, tá certo, ela deixou os pratos para ele lavar a noite passada. Grande coisa.

- Não foi muito esperto, Iz – disse Michael.

Ele soava tão desapontado quanto Max. O que estava acontecendo? Alguém simplesmente se esqueceu de lhe dizer que hoje era o dia Nacional Anti-Isabel?

- Você sabe que Valenti ainda está procurando por alienígenas em Roswell – adicionou Liz – Você sabe o quanto ele é perigoso.

- E a gente mal conseguiu escapar dele da última vez – se juntou Maria.

Valenti. Espera. Isso tinha alguma coisa a ver com o Xerife?

- Certo, é melhor alguém começar a explicar agora mesmo – declarou Isabel – Vocês não podem simplesmente vomitar o nome de Valenti e não...

- Ah, qual é – interrompeu Michael – Nem tente agir toda inocente. Você usou seus poderes para fazer aquele mascote da Guffman voar para a lixeira. Você pensou que a gente não iria notar?

Isabel sentiu o estômago apertar. “Valeu por me dar o benefício da dúvida, galera”, pensou ela. “Valeu ter um tiquinho de fé em mim”.

- Bom, eu acho que devo dizer agora que também usei meus poderes para colocar campos invisíveis nos assentos das privadas e fiz as calças do Sr. Tollifson virarem cuecas de seda. Eu tenho o quê, nove anos?

Max deu um olhar de irmão mais velho para ela.

- Olha, Iz, eu senti o poder sendo usado... eu o senti pelo meu corpo, assim como Michael sentiu. E eu sei que nenhum de nós dois fizemos aquele mascote idiota voar.

- Bom, eu não senti nada. Vocês estão ficando voando por aí por nada – ela deu um sorrisinho - Voando. Saca? – ela começou a fazer seu caminho entre Maria e Michael. Ela não iria ficar parada ali e deixá-los gritar sem motivo

nenhum.

Michael agarrou o cotovelo dela.

- Você não pode simplesmente ignorar isso.

Isabel se soltou dele. Ela deu uma olhada para Alex. Ele ainda não havia aberto a boca para defendê-la. Se você não podia contar com um cara que ficava todo pegajoso em cima de você... ela o encarou.

- Você não tem nada pra dizer? – ela perguntou.

- Mal posso falar. Ainda estou traumatizado com a imagem do Sr. Tollifson de cueca de seda – disse Alex – Mas, se você diz que não fez, já é suficiente pra mim.

- Pra mim também – adicionou Maria rapidamente.

- Vocês não sabem das coisas que ela apronta – disse Max – Se lembram do ano passado quando o carro da Sra. Shaffer acabou no telhado do ginásio

- Lembro! – gritou Alex – Aquilo foi o máximo.

- Aquilo foi Isabel – respondeu Max levantando a sobrancelha – Fazer o mascote voar é exatamente o estilo dela.

Max se lembrava de cada coisinha idiota que Isabel fez em sua vida inteira. Às vezes ela pensava que Max tinha um arquivo de computador dela, ou algo assim. No próximo segundo ele iria reviver o tempo que ela bateu em Laura Bums na quarta série.

- Você acha que eu sou imbecil? – ela gritou – Você acha que não lembro o quão perto Valenti estive de descobrir sobre nós? Você acha que eu arriscaria tudo por... por... Você acha que eu quero que Valenti...

Isabel tomou uma longa e tremida respiração. Ela sentiu lágrimas nos olhos e piscou para afastá-las. Ela não iria fazer isso. Não iria. Ela não iria permitir que apenas pensamentos sobre Valenti a tornasse patética, abalada.

- Hey, Iz... – Michael alcançou a mão dela e a afagou – Eu pensei ter sentido o poder sendo usado, mas talvez meu pé tenha apenas adormecido ou algo assim. Pode ter sido só uma sensação de alfinetada. Eu não deveria simplesmente ter assumido que foi você.

Isabel lhe deu um pequeno aceno. Para Michael aquilo era um enorme pedido de desculpa.

- Tá tudo bem, Isabel – disse Liz – A gente não queria que você ficasse com raiva. Não deveríamos ter ido direto pras conclusões. Certo, Max?

Todos olharam para Max.

- Certo, Max? – repetiu Liz.

Max suspirou.

- Me desculpe, Izzy. Eu sei que senti o poder. Mas foi errado ir direto a você sem nem perguntar o que aconteceu.

Uma coisa Isabel tinha que dizer do Max... quando ele estava errado, ele admitia o erro.

- Certo, eu sinto que precisamos de um abraço em grupo – anunciou Michael.

Alex fingiu enxugar os olhos.

- Amo todos vocês – ele disse.

- Eu amaria mais todos vocês se parassem de assumir que eu sempre serei aquela a fazer alguma coisa idiota – murmurou Isabel. Eles deveriam ser os melhores amigos dela, e esse é o tipo de confiança que lhe davam?

Eles não notaram o quão cuidadosa ela estava sendo ultimamente? Cuidadosa já podia ser seu nome do meio. Cuidadosa já poderia ser seu perfume favorito. Cuidadosa já poderia ser o nome de sua música favorita. E como é que eles não notaram isso?

Claro, ela costumava ser bastante fora de controle. Ela costumava usar seu poder sempre que queria usar. Só porque era divertido. Mas isso foi antes deles descobrirem sobre o Project Clean Slate, antes deles saberem que Valenti era um caçador de Alienígenas.

Ela teria que ser doida para usar seu poder agora. Seria que nem estar mandando uma um convite para Valenti ir e pegá-la. Isabel de repente desejou ter trazido seu casaco. Pensar em Valenti sempre a fazia sentir muito frio.

- Max, você consegue pensar em alguma coisa que explique o que você sentiu? – perguntou Liz – Algum tipo de corrente elétrica ou, sei lá, alguma mudança no tempo?

“Seria legal se Liz tivesse feito essas perguntas antes de todo mundo sair me acusando”, pensou Isabel.

Max balançou a cabeça.

- A sensação do poder é realmente diferente. Não é algo que eu possa me confundir com qualquer outra coisa.

- Será que poderia existir outro alienígena em Roswell? – perguntou Maria.

Isabel se balançou numa explosão de risada histérica.

- Queria eu – ela murmurou.

Quando ela era criança, ela costumava ter a esperança de existir outros alienígenas. Talvez uma garota que pudesse ser sua melhor amiga. Mas ela nunca teve nem sequer uma pistazinha que a levasse a crer que houvesse alguém mais como ela mesma.

E quando eles percebessem como eles chegaram lá, quando eles percebessem que a nave de seus pais tinham caído, eles saberiam a verdade. Ela, Max e Michael estavam sozinhos. Estavam totalmente por conta própria.

Ao menos até Alex, Liz e Maria saberem a verdade sobre eles.

- Se houver outros na Terra, eles sentiriam nossos poderes. Eles teriam entrado em contato – explicou Max.

- Não é uma coisa que você pode manter em segredo de um outro alienígena – concordou Michael – Nós sentimos cada emoção um do outro. Apenas acontece. Não é uma coisa que podemos controlar.

- E nunca sentimos alguém mais, além de nós três – murmurou Isabel.

- Eu só senti o poder sendo usado por um segundo. Eu posso estar errado. Posso ter sentido outra coisa – disse Max.

Mas Isabel percebeu rugas aparecendo entre as sobrancelhas de Max, e isso sempre acontece quando ele fica preocupado.

*** 2 ***

UFO H2O: Tradução: garrafa de água com um alienígena no rótulo. “Cara, turistas compram qualquer coisa”, pensou Michael. Ele usava o aparelho para colar os preços nos rótulos das garrafas. Ele tinha que fazer isso para sua chefe, Kristen Pettit. Kristen disse que os alienófilos pagariam 6,99 dólares pela água, e ela estava certa.

A loja *Suprimentos do Espaço* realmente estava ganhando uma grana. Antes era apenas uma loja normal de conveniências onde os moradores poderiam comprar leite, soda e essas coisas. Mas a frente da loja estava coberta de preços de coisas que os turistas não pareciam resistir... coisas tipo cabeças de alienígenas na escova de dentes, jóias alienígenas que brilham no escuro, caixas com fantoches alienígenas, canecas de café que diziam coisas como “Seis Maneiras de Dizer se Seu Sócio É um Alienígena”.

Michael imaginou que ele poderia ser um milionário em mais ou menos uma semana se ele contasse a todo mundo sobre ele mesmo. Ele poderia provavelmente vender um fiozinho de cabelo de sua cabeça por mil pratas. E pelo do nariz... esqueça isso. Ele poderia até mesmo vender uma fibra de seu umbigo.

É claro que teria um pequeno problema com esse esquema de ficar rico instantaneamente. Se ele contasse a alguém que era um alienígena, provavelmente acabaria morto. Ou numa jaula em algum lugar sendo estudado por um grupo de cientistas. *Venham ver o maior milionário alienígena rato de laboratório*. É, certo.

A carinha do alienígena pendurado em na porta da frente fez um barulho. Michael nem se importou em olhar. Ele sabia que o cliente o encontraria já,já. Michael foi orientado a responder as quatro bilhões de perguntas sobre o Incidente Roswell que parecia que todo turista tinha.

Ele devia simplesmente gravar um pequeno discurso: “Bem vindo a *Suprimentos do Espaço*. Deixe-me lhe contar uma pequena história sobre o Incidente Roswell! Temos muito orgulho disso por aqui. Veja, nos anos quarenta uma nave caiu fora da cidade. Bom, na verdade foi a 75 milhas fora da cidade, mas não gostamos de contar isso ao pessoal porque pode limitar o dinheiro que podemos sugar dos bolsos dos turistas. Enfim, existem cidadãos, alguns ainda continuam a morar aqui, que juram ter visto a nave e o corpo de vários seres alienígenas. Por que então a nave e os corpos não estão em nosso museu do OVNI? Bom, vou lhes dizer. O governo acobertou tudo. Eles disseram a todos que o que haviam visto era um balão meteorológico. E...”

- Eu tenho uma pergunta para você – disse uma voz atrás de Michael.

“É, grande surpresa”, pensou Michael. Ele se virou para ver o Sr. Cuddihy em pé atrás dele. Michael reprimiu um grunhido de desaprovação. Por que ele não

poderia ter um daqueles assistentes sociais apáticos? Do tipo que nem notaria se você perdesse uma das reuniões.

- Você quer saber se eu acho que a fita da autópsia do alienígena é falsa? – perguntou Michael.

O Sr. Cuddihy balançou a cabeça.

- Na nossa reunião, você sabe; aquela que você não foi, eu queria lhe perguntar como vão as coisas com a família Hughes.

Michael deu de ombros.

- Okay, eu acho.

Seu pai adotivo era um idiota, sempre fazendo aqueles joguinhos de poder, mas Michael podia lhe dar com ele. Nenhum dos pais adotivos que ele teve foi perfeito.

- O Sr. Hughes mencionou alguma coisa sobre um caminhão da última vez que nos falamos – comentou o Sr. Cuddihy.

Michael não respondeu. O que era para ele dizer? Ele sabia exatamente de qual caminhão estavam falando. O velho caminhão que o Sr. Hughes matinha no canto da quintal. Ao menos costumava ficar lá, até Michael decidir libertá-lo.

Michael e Max haviam enviado o caminhão direto para o fundo do Lago Lee. O Xerife Valenti havia ficado muito perto de descobrir que Max era um alienígena. Então Michael apareceu com um plano para fazer Valenti pensar que o alienígena que ele procurava estava morto, afogado no fundo do lago. Infelizmente para o Sr. Hughes, o plano envolvia seu caminhão.

- O Sr. Hughes disse que o caminhão desapareceu misteriosamente há algumas semanas atrás – continuou o Sr. Cuddihy.

- Ele devia conversar com a Sra. Hughes – respondeu Michael – Ela odeia aquela coisa. Ela diz que é o ornamento mais feio do mundo para o gramado. Ela fica colocando coisa tipo duendes de gesso pra deixar o gramado mais bonito ou coisa assim.

Era verdade. Levar o caminhão foi como fazer um favor para a Sra. Hughes. E ela era muito mais legal do que o marido.

O Sr. Cuddihy sorriu.

- Então você não sabe nada sobre o caminhão?

Michael deu de ombros novamente.

- Eu não sei como alguém poderia ter tirado o treco do quintal. O motor nem ligava mais – é claro que se você tivesse o poder dele ou o de Max você poderia facilmente mover o caminhão apenas se concentrando. Mas ele não dividiu esse fato com o assistente social.

- Tudo bem, eu disse ao Sr. Hughes que mencionaria seu caminhão, e mencionei – disse o Sr. Cuddihy – Mas eu realmente vim para ver como as coisas estão indo pra você em casa. Eu não estou certo de que os Hughes foram uma grande escolha pra você. Eu estava pensando que talvez pudesse lhe mudar para um novo lugar.

Tradução: A família Hughes não queria mais Michael vivendo com eles.

Michael se encolheu, todos os músculos apertados. “Por que é que você se importa?”, ele pensou. Era só um lugar para dormir.

- Então, quando é que eu devo fazer as malas? – perguntou ele.

- Ei, você passou na minha frente – protestou o sr. Cuddihy – Se você acha que as coisas estão boas bom os Hughes, talvez eu possa promover algumas sessões de conselhos e...

- Não, você tá certo. Os Hughes não foram uma boa escolha, ou seja lá como chama – Michael tirou os cabelos pretos dos olhos – Isso é tudo? Porque minha chefe tem um monte de coisa pra eu fazer.

- Isso é tudo – respondeu o sr. Cuddihy – Voltarei a entrar em contato com mais detalhes em alguns dias. Então nós poderemos marcar outra reunião, e... eu espero que você compareça.

- É. Eu vou, com certeza. – “Só dá o fora daqui”, pensou Michael. O Sr. Cuddihy era um homem decente, mas Michael ficaria muito feliz de nunca mais voltar a vê-lo. Assim que ele completasse dezoito anos seria adeus Sr. Cuddihy e adeus pais adotivos.

Não que ele soubesse exatamente que dia era seu realmente seu aniversário. Ele havia saído da sua câmara de incubação em meados do inverno. Ele sabia disso. Mas ele já parecia uma criança humana de sete anos de idade. Então isso significava que ele saiu da câmara incubadora em seu sétimo aniversário ou seu primeiro aniversário, ou o quê?

Ele não costumava pensar nisso, na verdade. Tudo que ele se importava era a data que o serviço social deu para o aniversário dele. Falta menos de seis meses. O dia que ele finalmente estaria livre.

- Eu ligo para você em breve – o sr. Coddihy fez o caminho em direção a porta.

É, ele vai ligar e toda a porcaria de família adotiva vai começar novamente. Todos as porcarias do tipo “estamos-nos-conhecendo” e “essas-são-as-regras-da-casa”. Michael concordou e começou a trabalhar nos rótulos outra vez. Pelo menos ele não veria mais o sorrisinho de superioridade do Sr. Hughes nunca mais. E ele estava finalmente quase no fim de toda essa coisa de famílias

adotivas. Isso era o que ele mais odiava. Se pais adotivos fossem que nem motéis ou algo assim, seria ok. Mas tinha sempre essa idéia que você deveria se preocupar com eles. E a idéia de que eles deveriam se preocupar com você. Como se isso fosse realmente acontecer.

Bom, talvez tenha acontecido algumas vezes. Ele via algumas crianças do serviço social que pareciam bem próximas as suas famílias adotivas. Mas a maioria eram criancinhas. Criancinhas engraçadinhas. Quando Michael era criança, ele não era engraçadinho. Ele era estranho. Ele tinha 'sete anos' mas não sabia falar ou usar talheres, ou usar o banheiro ou nada. Ele aprendeu rápido, mas ele ainda não era exatamente o tipo de criança que os adultos olhavam e diziam "ooohhh".

O alienígena pregado na porta sacudiu de novo e Max entrou. Michael deu uma olhada em seu relógio. Bem na hora.

- Tô saindo, beleza? – ele disse.
- Te vejo amanhã – disse Kristen do seu escritório.

Michael pegou sua jaqueta.

- Vamos nessa.
- Ei, eu queria fazer umas comprinhas antes – protestou Max – Você tem um daqueles mapas onde os alienígenas vivem?

Michael bufou.

- Uma mulher uma vez me perguntou isso – ele disse enquanto caminhava para fora em direção ao Jeep de Max.

Max pulou no banco do motorista.

- Certo, pra onde vamos hoje? – ele saiu do estacionamento e dirigiu para fora da cidade.

Michael tirou o mapa do bolso. Ele estudou todas as marcas arredondadas dos lugares que ele e Max procuraram pela nave de seus pais durante todos os anos. Ele imaginava que o governo – ou o Project Clean Slate – havia mudado a nave para algum lugar próximo ao local da queda. Michael planejava continuar procurando até encontrá-la.

Mas o que ele iria fazer quando já tivesse circulado todos os lugares no mapa? Ele iria simplesmente desistir de procurar? Como ele poderia fazer isso? Essa nave era sua única chance de voltar para o planeta dele, seu verdadeiro lar. Não, não tinha chance dele desistir. Se ele circulasse todos os lugares do estado, ele simplesmente começaria outra vez e checaria cada centímetro do deserto de novo e de novo.

- Eu ouvi que existem umas cavernas umas cinqüenta milhas em direção ao sul do lugar do acidente – disse Michael – Quero ver se podemos achar alguma. Talvez tenha algum grande o suficiente para esconder a nave. Eles devem ser difíceis de ver. As aberturas são apenas fissuras no chão do deserto... que nem nossa caverna.

Michael, Max e Isabel não sabiam muito sobre seus passados. Mas eles haviam imaginado que seus pais estavam a bordo da espaçonave que caiu no deserto em 1947. As marcas em suas câmaras de incubação combinavam com as marcas achadas perto do lugar do acidente. Eles não sabiam como as câmaras de incubação saíram da nave para a caverna, de onde eles romperam. Talvez um dos parentes deles houvesse os salvo antes de morrer.

Michael gostava dessa idéia, embora ele nunca admitiria. Ele gostava da idéia de ter alguém que se preocupava o suficiente com ele e queria ter a certeza de que ele estava a salvo.

- Então o que foi que você fez a noite toda enquanto eu estava trabalhando para viver? – perguntou Michael.

- Ah, você sabe. O normal. Roubei um banco. Comecei um affair selvagem com a mulher dos correios. Então jantei com meus pais – respondeu Max – E Ray Iburg, o cara dono do Museu do OVNI ligou. Eu fiquei com o emprego.

- Muito legal – disse Michael a ele.

Max acelerou o Jeep enquanto saíam da cidade. Eles tinham a estrada para eles, enquanto rumavam para o deserto.

- Você acha que tem alguma coisa estranha com o fato de nós dois trabalharmos em armadilhas para turistas obcecados por alienígenas? – perguntou Michael.

- Ei, isso é Roswell. Metade das pessoas na cidade trabalham em lugares com temas alienígenas – disse Max.

- Podia ser pior, eu acho. A cidade inteira poderia vender derivados de peixe ou algo assim – Michael se esticou e ligou o rádio. Ele sabia que se continuassem falando, ele acabaria eventualmente soltando sobre a visita do Sr. Cuddihy.

Ele não queria contar a Max que estava trocando de pais adotivos novamente. Se ele dissesse, Max começaria a se sentir triste. Não que ele diria nada de mais – Max sabia que Michael odiava sentir que estavam com pena dele. Mas Max provavelmente acabaria sugerindo muito casualmente que Michael se mude para a casa dos Evans para seu último ano no colégio.

Michael sabia que o Sr. e a Sra. Evans concordariam em ficar com ele. Há alguns anos atrás, quando Michael estava se preparando para mudar de pais adotivos pela milionésima vez, a Sra. Evans havia se voluntariado para falar com o Sr. Cuddihy sobre ser a mão adotiva dele. Ela disse que, de todo jeito, ele praticamente morava com eles e ele definitivamente comia toda a comida do

prato. Mas os Evans adotaram Max e Isabel desde que eram muito pequenos. Eles eram uma família. E, por mais que o Sr. e a Sra Evans fossem bons com Michael, ele sabia que eles só estariam o adotando por que estavam sentindo pena.

Michael nunca durou muito nunca família adotiva, ele poderia esperar um pouco mais. E não é como se ele fosse completamente infeliz todos esses anos. Infeliz era uma palavra muito, muito forte.

Tá bom, ele não foi exatamente feliz. Mas, bem vindo ao clube, certo? Ele tinha olhos. Ele podia ver auras, aquela ondulação de cores que rodeavam todas as coisas vivas, como únicas impressões digitais. E essas auras diziam a ele que existiam muitas pessoas lá fora e não era muito felizes ou infelizes, de fato. E eles agüentavam tudo.

Michael olhou para fora da janela, se perdendo nas milhas e milhas do chão do deserto que passava por ele. Era legal não conversar, nem ao menos pensar. Era como se seu corpo estivesse no carro, mas como se o resto dele houvesse simplesmente se dissolvido no ar.

Max desligou o rádio.

- Essa motocicleta está me deixando doido.
- Quê? – Michael se posicionou e olhou Max.
- Essa moto está nos seguindo há milhas – explicou Max.

Michael deu uma olhada no retrovisor.

- Nos seguindo? Tem certeza? Digo, há apenas uma rodovia pra fora de Roswell nessa direção.
- É, você está certo – admitiu Max – Você sabe o que é isso? Eu continuo pensando sobre aquela coisa com o mascote. Aquilo me assustou.
- Talvez você devesse virar ali, como um pequeno teste. – sugeriu Michael.

Max concordou. Ele virou o carro para a esquerda, fazendo o Jeep entrar no deserto. A motocicleta continuou seguindo pela estrada.

- Alarme falso – disse Michael.
- Eu preciso relaxar – respondeu Max.
- É, não é como se todo o mundo estivesse procurando por nós, provavelmente planejando nos matar – comentou Michael sarcasticamente.
- Ah, é. Somos apenas estudantes normais. Eu vivo esquecendo – disse Max.

Michael escutou o ronco de um motor atrás deles. Ele olhou por trás de seus ombros. A motocicleta estava cruzando o deserto, seguindo ele e Max.

- Quer saber? Eu não acho que hoje é uma noite legal para a nossa procura.
- Quer saber? Acho que você está certo.

=====

Alex se abaixou e estudou o tapete roxo da miniatura de golf.

- Eu acho que você deveria usar um com aro nove pra essa tacada – ele disse.

Ele podia dizer que Isabel estava tentando não sorrir, mas os cantos de sua boca o fizeram, de qualquer forma.

- Viu, eu te disse que golf em miniatura iria fazer você se sentir melhor.

Ele colocou a bola de Isabel no tapetinho de borracha e se pôs de pé.

-Eu ainda não acredito que todos vocês me acusaram – ela reclamou – Foi como a festa do “Vamos Culpar a Isabel”.

- Todo mundo ainda está apavorado por causa daquela coisa do Valenti – explicou Alex – Estamos todos num alto risco de paranóia induzida de um modo bem idiota agora. O que explica todo mundo ter pegado no seu pé.

- Bom, é melhor todo mundo largar o meu pé, ou não terão que se preocupar somente com o Valenti. Terão que se preocupar comigo – Isabel deu um passo à frente em direção a bola – Isto aqui vai entrar no rank de esporte mais idiota do mundo.

- Ei, olha lá – avisou Alex – Estou planejando virar profissional – ele olhou o placar – O que não é uma opção pra você. Seus pontos são tantos que nem cabem numa linha.

- Como se eu ligasse – disse Isabel de olho na bola.

- Nós chegamos a um buraco particularmente traiçoeiro, o da nave espacial rosa-choque – Alex mantinha sua voz no mesmo estranho murmúrio que os comentaristas de golf fazem na TV – Como você pode ver, a escadinha que leva a nave se move para cima e para baixo. A golfista deve contar o tempo perfeitamente se ela quiser que sua bola entre na nave.

Isabel o ignorou. Ela tirou seus longos cabelos de seu rosto. Ela olhou para a escadinha da nave, então olhou de volta para a bola.

- Ela ajusta a tacada – Alex sussurrou – Ela começa a levantar o taco. Bela maneira. Ela...

- Ela gira e dá uma tacada na cabeça de seu amigo. O sangue se espalha por toda a relva artificial do buraco preto da Miniatura do Campo de Golf – interrompeu Isabel.

Alex decidiu se calar. O único motivo de ele a ter convidado a jogar golf em

miniatura foi tirá-la do mau humor, não fazer piorar.

“É, você é um inferno de garoto”, disse Alex a si mesmo. O tipo de cara que faz de tudo para ajudar uma amiga. O fato dessa amiga ser loura dos olhos azuis e curvilínea – o que significava basicamente ser linda, em seu gosto – não tinha nada a ver com isso.

Isabel esperou pela escadinha da nave abaixar, então girou o seu taco e perdeu a bola completamente. Ela tentou novamente e a bola bateu quando a escadinha fechou.

- De novo, por que estamos jogando isso? – ela perguntou.

- Porque é divertido – respondeu Alex – Vou ajudar você dessa vez. Ele ficou atrás de Isabel e colocou suas mãos sobre as dela no taco de golf. Ele aspirou uma certa essência de laranja apimentada do cabelo dela. Era imaginação dele ou Isabel simplesmente deu um passinho para trás, levando o corpo dela para mais perto do dele?

- Então, essa é a parte divertida? – perguntou Isabel. Sua voz soou um pouco rouca.

- Eu posso dizer com toda a certeza que todas as minhas partes estão se divertindo – respondeu Alex

- Você sabe o que deixaria ainda mais divertido pra mim? – perguntou Isabel.

- O quê? – Alex sentiu suas mãos começarem a suar. Ele desejou que Isabel não pudesse sentir isso. Encharcá-la de suor não causaria exatamente uma ótima impressão.

- Seria muito mais divertido se eu pudesse acertar a maldita bola dentro na maldita espaço-nave – respondeu Isabel gentilmente.

“Ah, sim. Golf”, pensou Alex.

- Certo, não espere que a escadinha toque no chão ou ela estará subindo quando a bola chegar lá. Quando a escadinha começar a descer, é que você deve jogar – disse Alex fazendo esforço para prestar atenção na escadinha. Então ele guiou o braço de Isabel e a bola disparou direto para dentro da nave.

Isabel deu um gritinho.

- De repente eu lembrei que estou na presença de uma líder de torcida – falou Alex.

Isabel corou.

- Eu pareci a Stacey Scheinin.

- Tá tudo bem. Golf em miniatura pode ser um esporte muito excitante – respondeu Alex. Ele acertou sua bola dentro da espaço-nave, então fez o caminho para o outro lado. Sua bola ficou perto da de Isabel, há centímetros de distância do buraco - Quer ajuda? – ele perguntou a ela.

- Acho que posso continuar daqui – lhe disse Isabel.

Então isso significava que ela não havia gostado de ter os braços dele em volta dela? Ou ela apenas pensava que seria idiota ele oferecer ajuda a ela para fazer uma tacada tão fácil? Ou o quê?

Alex jogou o resto do jogo em piloto automático. Sua mente continuava correndo como um hamster em uma daquelas rodas de exercícios. Isabel era tão difícil de se entender. É, ela estava flertando com Alex. Mas ele não fazia nem idéia do que ela estava pensando. Do tipo, ela estava apenas tendo uns momentos de divertimento? Ou ela pensava que algo estava sendo construído entre os dois?

“Cara, eu tenho passado muito tempo com Liz e Maria”, ele decidiu. Elas eram ótimas. Ele gostava de todo esse lance de meninas-como-melhores-amigas. Mas ele não queria começar a pensar como uma delas. Se ele não se ligasse, no próximo minuto ele iria perguntar a Isabel o que ela achava do relacionamento deles e, talvez até oferecer um cafezinho com essência de hortelã.

- Então já acabou certo? Já acabamos de nos divertir? – perguntou Isabel.
- Ainda temos o buraco bônus – Alex seguiu um caminho – Se você conseguir acertar a bola na boca do alienígena, você ganha um jogo grátis.

Isabel juntou as sobrancelhas enquanto estudava a enorme boca do alienígena.

- Eu achei que os humanos tinham uma coisa sobre os alienígenas serem *pequenos* homens verdes.
- Se fosse pequeno, o buraco seria mais baixo, o que significa que seria mais fácil acertar a bola lá, o que significa que o dono teria que dar mais jogos de graça – explicou Alex – Eu ainda não acredito que você nunca jogou miniatura de golf.
- Isso não é exatamente uma experiência fenomenal – disse Isabel.

“O que significa que ela deve querer passar um tempo comigo!”, Alex pensou. Levando em conta que ela não tem interesse em estar aqui por nenhum outro motivo.

O hamster começou a correr novamente. Será que isso quer dizer que Isabel pensou que isso fosse um encontro? Bom, não um encontro. Ninguém que viva nessa década sai em encontros. Mas, será que ela pensou nisso como alguma coisa? Aquela coisa de homem-mulher? Um evento homem-mulher que incluía algum tipo de beijo em algum momento lá para o final, ou seja, lá quando?

Desde a noite do baile de Homecoming, quando ele dançou aquela ótima e longa dançinha lenta a abraçando, ele desejava beijá-la.

“Fala sério”, ele disse a si mesmo. Ele havia visto Isabel no Hall no dia que fora transferido para a Olsen High. Dezenove de setembro do ano passado. E esse é

exatamente o tempo que ele desejava beijá-la.

Ele deu uma olhada em Isabel e a encontrou o encarando.

- Você tá fazendo algum tipo de visualização psíquica pra ganhar o desafio do bônus? – ela perguntou.

Isabel deve pensar que ele era tão idiota, olhando para o nada assim.

- Ah, sim – ele resmungou – Todos os maiores golfistas de golf em miniatura fazem isso.

Alex deixou sua bola cair no tapete e deu uma tacada sem sequer apontar direito. Ele errou.

Cuidadosamente, Isabel posicionou sua bola.

- Eu acho que finalmente entendi esse jogo. Meus pais não ficariam orgulhosos? – Ela deu uma tacada. A bola flutuou em direção a arma a laser na mão direita do alienígena, então rumou para a esquerda e caiu dentro da boca do alienígena.

Os olhos vermelhos do alienígena começaram a piscar.

- Me leve ao seu líder – o alienígena começou a falar numa voz eletrônica – Me leeeve ao seeeu lííídeeeeer. Meee leeeve ao seeeu lííí... – a voz do alienígena parou de repente.

A criança que tomava conta dos clubes de golf correu até ela.

- Você ganhou um jogo grátis. Isso foi incrível. Eu nunca vi ninguém fazer uma tacada assim. Nunca! – ele empurrou o cupom do jogo de graça nas mãos de Isabel.

Quando a criança se afastou, Alex deu um cumprimento a Isabel.

- Impressionante – ele disse. Isabel não respondeu. Ela não tirou os olhos do enorme alienígena. Ela deveria provavelmente estar atônita por ter realmente acertado a tacada. “Se Liz estivesse aqui, ela provavelmente diria que a bola desafiou as leis da física”, ele pensou.

O que foi basicamente o que aconteceu com o mascote que pulou para a lixeira. Alex sentiu seu sorriso desaparecer.

- Eu senti – Isabel murmurou ainda encarando o alienígena. Ela se virou para Alex, seu rosto um pouco pálido – Eu senti alguém usando o poder.

- Tem certeza? – perguntou Alex.

- Positivo – Isabel deu outra olhada no alienígena – Vamos, vamos cuidar de nossas coisas – ela disse. Eles largaram os tacos e rumaram para o estacionamento.

Alex não pôde imaginar. Era óbvio que nem Max nem Michael estavam seguindo Isabel para ajudá-la a ganhar cupons para jogos grátis de miniatura de golf. E todos insistem que não tinha possibilidade de ter outro alienígena. Então, o que estava acontecendo?

Fosse o que fosse, parecia estar focado em Isabel. O mascote que voou quando estava a tirando do sério. E foi Isabel que deu essa brilhante tacada.

Eles pararam em frente a VW Rabbit danificada de Alex.

- Uh... Isabel – ele hesitou. Ele não queria dizer o que estava prestes a dizer. Ele havia acabado de passar algumas horas trabalhando para mudar o mau humor de Isabel, e estava prestes a fazê-la voltar ao mau humor outra vez.

Ela estreitou os olhos.

- Fala.

- Seus poderes estão totalmente sob controle? – ele perguntou rapidamente – Digo, você alguma vez já os usou meio que inconscientemente.

- Quê? Você acha que eu tenho tanta vontade de fazer uma tacada de golf em miniatura que usei meus poderes inconscientemente? – ela exigiu saber – Muito Obrigada, Alex. Você é exatamente como os outros. Você pensa automaticamente que toda a culpa em mim.

- Não é sua culpa se você faz inconsci... Alex começou, tentando controlar o perigo.

- Sem chance – Isabel o interrompeu.

Ela empurrou Alex contra o carro. Estava tão perto dele, que ele pôde sentir a temperatura radiante de seu corpo. O Odor apimentado de seu cabelo o estava deixando tonto.

Isabel se aproximou ainda mais, juntando a pequena distância que separava os dois.

- Eu nunca faço nada que já não havia planejado fazer – disse ela firmemente.

Ela jogou os braços em volta do pescoço de Alex e o beijou, um beijo muito longo, que forçou todas as perguntas para fora da cabeça dele.

*** 3 ***

Isabel colocou o cupom do jogo de miniatura de golf grátis na borda de sua cômoda. Ela se certificou de que o cupom estava perfeitamente alinhado com a foto dela e de Alex dançando no baile de homecoming, então ela se jogou na cama.

Aquilo havia sido realmente divertido. Miniatura de golf tinha um alto potencial de idiotice, mas Alex deixou a coisa mais legal. Exceto aquela parte final. Aquele estranho momento em que ela sentiu aquele formigamento de poder sendo usado.

Será que Alex poderia estar certo? Será que ela usou seu poder na bola de golf sem perceber o que estava fazendo? Essa idéia realmente a assustou.

“Não faz o menor sentido”, ela disse a si mesma. Estamos falando de miniatura de golf aqui. Não tinha a menor chance de qualquer coisa relacionada a golf em miniatura que ela pudesse qualificar com um desejo inconsciente.

“É, acertar aquele buraco com uma só tacada teria sido divertido”. Mas não era como se ela realmente se importasse.

Seria muito diferente se fosse o Brad Pitt que tivesse de repente se materializado na frente dela. Ou se Stacey Scheinin tivesse inchado que nem um balão com uns 800 quilos. Então ela teria realmente que considerar a teoria de Alex sobre o desejo inconsciente.

Tinha que ter alguma outra explicação. Mas ela não fazia absolutamente idéia nenhuma do quê. E tentar imaginar o que era estava começando a lhe dar dor de cabeça.

Isabel se esticou na cama e fechou os olhos. Talvez ela fosse apenas dar uma espiada em alguns sonhos. Ela podia ter um pouco de distração.

Ao menos ela podia entrar nos sonhos. Era o único poder que era seguro, humanos nunca souberam disso. Até Max, o Sr. Responsabilidade, entra em sonhos de vez em quando.

Isabel se perguntou se haveria em sua vida algum tempo que ela pararia de ser cuidadosa. Se alguma vez haveria um tempo em que ela poderia usar os outros poderes. Ela sentia falta disso. Parecia que parte dela havia sido injetada com novocaína e ficado totalmente entorpecida. Quase morta.

Talvez Max e Michael não se preocupassem em perder essa parte deles. Mas Isabel se preocupava. Viver sem seus poderes era como ter um grande, belo, brilhante e colorido par de asas... mas nunca ser capaz de voar.

“Não havia sentido ficar pensando nisso”, ela disse a si mesma. “Use seus

poderes para fazer qualquer coisa além de entrar nos sonhos e você acabará morta. Ponto final.”

Isabel arrumou o travesseiro embaixo de sua cabeça. Ela se concentrou em tomar uma longa, constante inspiração, se preparando para entrar nos sonhos. E daqui a pouco, ela conseguiria ficar num estado entre o dormindo e o acordado, e os orbes dos sonhos se tornavam visíveis.

Ela se sentou e deixou seus olhos se maravilharem com o brilho dos orbes girando ao redor dela. Eles sempre lembravam bolhas gigantes de sabão, cheias de cores incandescentes.

Cada orbe pertencia a alguém que estava cochilando e dormindo. Com o passar dos anos Isabel aprendeu a comparar a maioria das pessoas que ela conhecia com seus orbes. Ela os identificava parte pela cor, mas principalmente pelo som. Cada orbe entoava uma nota de música pura, e nenhuma dessas notas eram exatamente iguais

Isabel fechou os olhos para concentrar sua atenção nos sons dos orbes sem ser distraída pela sua beleza brilhante. Sim, havia um novo som. Bem baixo e profundo. Quase inaudível.

Ela começou a sussurrar, chamando o orbe do sonho para ela. O som ficou mais próximo. Isabel abriu os olhos e esticou os braços. Ela sussurrou mais alto, atraindo o orbe para mais perto. Ela sorriu enquanto o girava em suas mãos.

“Seria provavelmente de algum garoto adolescente que acabara de se mudar para a cidade”, Isabel pensou. Ele estava tendo um sonho grosseiro sobre ele e uma super-modelo. Às vezes quando você entra nos sonhos de alguém, você vê coisa realmente nojenta. Coisa que faz você querer correr para o banheiro e lavar suas mãos.

Isabel tomou um grande fôlego e olhou dentro do orbe. Tudo o que ela podia ver era seu próprio rosto refletido de volta. Estranho. As superfícies dos outros orbes eram transparentes, tornando fácil ver o sonho dentro. Mas a superfície desse novo orbe parecia metálica, como bronze, mais fina do que uma folha de papel e flexível.

Com certeza não era suficiente para fazer Isabel sair. Ela separou as mãos, sussurrando mais baixo. O orbe do sonho se expandiu até ficar grande o suficiente para caber em seus braços. Ela o soltou e o orbe continuou a crescer. Quando ficou grande o suficiente, Isabel entrou. O Orbe voltou a mesma forma atrás dela.

Uau. Isso era muito melhor do que o sonho de algum cara suado. Isso era demais. Sério. Isabel estava de pé em uma praia deserta. O sol já estava quase se pondo, e o céu escurecendo, salpicado com as cores vermelho e laranja escuro. O ar cheirava a ozônio, o modo como sempre cheira após uma

tempestade. Mas não parecia ter chovido recentemente.

“Isso é o sonho de alguém”, Isabel lembrou a si mesma. “Não procure por lógica”.

De qualquer forma, não parecia um sonho. Por uma coisa, estava tudo muito parado. Havia alguns passarinhos perseguindo as ondas quando elas se formavam e se afastavam, e isso era tudo. Se isso fosse um sonho normal, alguma coisa deveria estar acontecendo.

E onde estava o dono do sonho? Ok, em alguns sonhos o dono do sonho não se parece muito com ele mesmo, mas quem quer que esteja tendo esse sonho deveria estar aqui de alguma forma. Será que o dono do sonho estava sonhando que era um daqueles passarinhos? Seria meio que um sonho bem legal.

Isabel decidiu que já que ela estaria se divertindo ali, ela deveria aproveitar mais. E ela não estava realmente vestida para ir a praia. Um minuto depois Isabel tinha um biquíni laranja com partes transparentes. Estava descalça e segurava um grande drink de frutas tropicais em uma mão. Ela decidiu dar a si mesma um bronzeado dourado também. Ela amava o modo como era fácil manipular a realidade em um sonho.

Isabel perambulou pela beira da praia. Seus pés afundando na areia a cada passo. A areia era tão macia, tão macia quanto poeira. Ela nunca havia visto grãos tão pequenos.

O céu ficou completamente escuro e a lua apareceu. Isabel se sentou e ficou a encarando. Foi quando ela percebeu que não havia só uma lua no céu, haviam duas. As duas perfeitamente cheias e com um brilho prateado.

Uma brisa passou, jogando o cabelo de Isabel para seu rosto. Um momento depois seu cabelo estava de volta numa elegante trança. Ela desejou poder ter tanto poder enquanto estava acordada! Ela nunca teria que sofrer com cabelo despenteado.

Nuvens foram arrastadas por correntes para frente das luas. Nuvens verdes ácidas.

Isabel sentiu seu coração palpitar em seu peito. Ela já havia visto nuvens assim antes. Ela, Max e Michael saíram das câmeras de incubação com memórias de seu planeta natal. Max imaginou que fossem memórias de sua espécie, memórias de todas as pessoas no planeta em que eles nasceram. Aquelas nuvens verde ácidas... era o que ela já havia visto antes. Em uma de suas memórias sobre sua espécie.

Por que essas nuvens estavam nesse sonho? Faria sentido se fossem o Max ou o Michael sonhando. Mas eles, com certeza, não estavam. Isabel sabia

exatamente como se pareciam os orbes dos dois.

“É apenas uma coincidência”, ela disse a si mesma. Nuvens verdes ácidas poderiam aparecer nos sonhos de qualquer um. Não é como se os humanos não pudessem imaginar nuvens estranhamente coloridas.

Isabel se pôs de pé e caminhou para a praia. Ela rumou para onde haviam umas árvores. Elas eram pequenas, menores do que Isabel, se descascando. Ela nunca havia visto nada como aquilo, mas ela não pensava tão biologicamente como o Max pensa. Essas árvores poderiam ser de uma variedade comum da terra, pelo que ela sabia.

Ela esticou as mãos e arrancou um pedaço que se descascava. Uma seiva vermelha, tão brilhosa quanto esmalte, começou a pingar da árvore. A essência chegou em seu nariz – picante e especial. E familiar. Mas familiar apenas para aqueles de sua própria espécie.

De quem era aquele sonho? Por que ela não poderia vê-los? Será que o dono do sonho estava se escondendo dela? A observando? Isso nunca havia acontecido antes. Mas ela também nunca havia encontrado um orbe com uma superfície metálica. Ela nunca havia entrado num sonho que se parecesse com as memórias de sua própria espécie.

- Onde você está? – choramingou Isabel – Quem é você?

Isso estava ficando muito assustador. Ela queria dar o fora dali. Da próxima vez ela levaria Max e Michael dentro do orbe do sonho junto com ela para que eles pudessem explorar juntos.

Isabel tropeçou para longe da árvore. Duas mãos fortes a pegaram firmemente pela cintura. Então ela foi puxada contra um peitoral nu. Músculos bem torneados e uma pele macia. Ela sabia que deveria sair dali. Mas simplesmente era muito bom.

- Procurando por mim, Isabel? – uma voz baixa de homem perguntou. A sensação de um hálito quente em seu ouvido lhe deu calafrios.

- Quem é você? – Isabel exigiu saber.

Ela começou a se virar... e o sonho acabou. Ela estava de volta em sua cama, de volta as suas roupas normais.

Ela se sentou, se sentindo fraca e desorientada. Mergulhou seus dedos num copo d'água que ela havia colocado em sua escrivaninha mais cedo e salpicou um pouco de água em seu rosto. Isso a ajudaria. Mas ela se sentia meio adormecida.

Era isso! Isabel se permitiu um suspiro de alívio. Ela devia ter pegado no sono antes de entrar no plano onde os orbes dos sonhos são visíveis. Isso explicaria

tudo... o estranho orbe metálico, as nuvens verde ácidas, o modo como ela sentiu que não havia ninguém sonhando no sonho.

Isabel era quem estava sonhando. É, isso explica tudo.

Bom, tudo menos aquelas duas estranhas explosões inexplicáveis de poder. Aquelas que não faziam parte de seu sonho.

—==—

Max inclinou sua cabeça para trás, aproveitando o sol iluminar seu rosto. Em outro mês por aí seria muito frio almoçar na quadra. Mas hoje o tempo estava perfeito. Ele gostava o modo como ele, Liz, Alex, Michael, Maria e Isabel pegaram o hábito de comerem juntos. Claro, ele gostaria de qualquer coisa que desse a ele a chance de passar um pouco mais de tempo com Liz. Mas essa não era a única razão. Estar cercado de pessoas que sabiam a verdade sobre ele... e se preocupavam com ele, de qualquer jeito... ainda era uma sensação incrível.

- Bom, silêncio. Olha só quem está chegando – disse Alex fazendo um exagerado sotaque sulista.

Max olhou por cima de seus ombros e viu Elsevan DuPris caminhando na quadra, vestindo seu usual paletó branco amassado, chapéu de palha branco e sapatos brancos.

- Bom. Olá crianças – DuPris falou lentamente enquanto passeava entre eles. Seu sotaque sulista soava quase tão falso quanto o de Alex – Eu gostaria de lhes fazer algumas perguntas, por gentileza. Estou trabalhando para meu pequeno jornal.

O pequeno jornal de Dupris era chamado de Astral Projector. Era a resposta de Roswell para o National Enquirer. Exceto por Roswell ser Roswell, todas as histórias eram sobre alienígenas. Max nunca leu nenhuma edição. As manchetes eram ruins o suficiente. “Bebê Alienígena Derrete Mãe com um Único Beijo”, e coisas do tipo.

- Me desculpe. Eu disse a minha advogada que não falaria com a imprensa se não estivesse na presença dela. Vivo sendo sempre horrivelmente citado indevidamente – disse Alex.

DuPris o ignorou.

- Eu ouvi que algo um pouquinho fora do comum aconteceu no jogo de Futebol Americano em outro dia. Algo sobre um mascote ter, falando de um modo muito peculiar, quase desafiando as leis da Física. Será que algum de vocês poderia me dizer algo sobre isso?

“De todo mundo que estava no jogo por que ele vem perguntar exatamente para nós?”, pensou Max. Ele disse a si mesmo para não ficar paranóico. DuPris era obviamente um palhaço. Não tinha nada para ficar nervoso sobre isso.

- Foi o mascote da Guffman, não o nosso – disse Maria a ele – Você deveria ir ali.

- Eu irei, eu irei. Mas, vocês não têm nenhuma coisa pra dizer, já que eu já estou aqui e tudo o mais? – perguntou DuPris. Ele girou sua bengala em suas mãos, de um lado para o outro.

- Eu nem notei. Eu estava muito ocupada dando uma olhada no novo jogador de Futebol – respondeu Liz olhando diretamente para Max.

“E Liz Ortecho deu um soco bem direto no estômago de Max Evans”, disse uma voz baixinha de comentarista de jogo na cabeça de Max. “Ele cambaleou, mas não caiu”.

- Foi um pulo muito bom. Todas nós, líderes de torcida estávamos falando que deveríamos começar a fazer aulas de ginástica para tentar fazer – adicionou Isabel. Ela sorriu para DuPris, seus olhos azuis bem abertos.

“Essa é a Iz”, pensou Max. Pensa que um sorriso bonito era tudo que precisava para ela, e geralmente era. Exceto com ele, claro. Irmãos eram invulneráveis para esse tipo de tática de suas irmãs.

- Ah, não seja modesta – falou DuPris de forma amorosa – Pelo que eu ouvi, você é uma boa atleta. Todos estão falando da sua performance no campo de golfe em miniatura

Isabel endureceu um pouco.

- Ah, pfff, aquilo foi pura sorte – ela disse.

“É, certo”, pensou Max. Era completamente óbvio que sua irmã estava mentindo... pelo menos era completamente óbvio para ele. Talvez não para o DuPris. Assim que DuPris saísse, Max iria ter que perguntar a Isabel qual era exatamente a performance envolvida. Obviamente alguma coisa aconteceu lá e ele precisava saber.

- Eu não creio em sorte – disse DuPris – Algumas pessoas acreditam que todos nós temos um anjo em nossos ombros, e é daí que vem nossa sorte. Mas eu tenho uma teoria diferente.

Max tentava deixar sua expressão completamente vazia. Talvez o cara sacasse que ninguém queria ouvir sua teoria e desse o fora.

- Minha teoria é que a nossa sorte vem de intervenção alienígena. Eu acredito que existam alienígenas entre nós e, às vezes, eles nos dão uma ajudinha –

continuou Dupris.

Michael levantou suas sobrancelhas.

- Eles vêm de bilhões de milhas para nos ajudar com miniatura de golf? – ele perguntou?

- Bem, entre outras coisas – concordou DuPris.

O sino tocou e Max ficou de pé num pulo.

- Tenho que ir para a classe.

- Ah. Bem, eu agradeço pelo seu tempo – DuPri tirou seu chapéu e partiu.

- Por que eu sempre sinto cheiro de comida do sul toda vez que vejo esse cara? – perguntou Alex. Ele enfiou o último pedaço de hambúrguer em sua boca e pegou sua mochila – Você vocês depois – ele adicionou e caminhou para o ginásio.

- Espera aê! – chamou Michael. Ele correu para alcançá-lo.

Maria se virou para Isabel.

- Você está pronta para outro round de Julio César?

- Não, mas vamos lá, de qualquer forma – elas vagaram pelo canto da quadra.

- Enfim a sós – Max disse a Liz. Ele planejava que soasse legal e engraçado. Mas ao invés disso soou ridículo.

Liz ficou de pé e encarou Maria e Isabel.

- Isso é algo que eu nunca pensei que viria. A algumas semanas atrás Maria estava certa de que Isabel queria matá-la, e Isabel... – Liz sacudiu a cabeça.

Uau. Max sabia que a coisa do “enfim a sós” foi idiota, mas ele não sabia que isso chamaria uma mudança completa no assunto.

A garganta de Max ficou apertada. Ele sentia como se não pudesse falar nenhuma outra palavra... até se ele pudesse, de alguma forma, pensar em outra palavra para dizer. Ele engoliu e seguiu Liz através da quadra e passando pelas portas do prédio principal.

O aperto em sua garganta desceu para seu peito enquanto eles subiam as escadas e rumavam silenciosamente para dentro do laboratório de biologia. Ele mal podia respirar.

Isso foi realmente ruim. Um mês atrás, antes de Liz saber a verdade sobre ele, Max e Liz eram amigos. Verdade, eles não eram o tipo de amigos que almoçavam juntos ou se divertiam tanto. Mas ele sempre se falaram. Sobre quase qualquer

coisa; bom, exceto essa coisa de alienígena. Max poderia falar com Liz sobre as coisas que faziam os olhos de Michael e Isabel ficarem tão vazios quanto mármore. Como teorias de como o universo foi criado, ou se programas de inteligência artificiais realmente dariam algum dia aos computadores a habilidade de sentir emoções.

Max largou seu livro na mesa. Ele não podia parar de pensar em como as coisas mudaram entre ele e Liz desde o mês passado. Primeiro, quando ela foi baleada e ele usou seus poderes para curá-la, a única consequência que ele esperava era ter que admitir que era um alienígena. Mas no segundo que ele pressionou sua mão sobre o ferimento dela, ele soube com absoluta certeza e clareza que ele amava Liz. E seu mundo mudou para sempre.

Ele não pensava que Liz pudesse um dia amá-lo de volta. É, talvez num programa de televisão uma menina completamente linda, inteligente e tudo o mais se apaixonaria pelo Fantástico Garoto Alienígena, ou seja, lá o que fosse. Mas isso não acontecia na vida real.

Exceto que aconteceu. Não tudo de uma vez. No começo, Liz ficou seriamente pirada com relação a Max ser alienígena. Mas então ela percebeu que ele era a mesma pessoa que sempre foi. E de algum modo... de algum modo, milagrosamente, Liz se apaixonou por ele.

Max deu uma olhada nela. Ela estava toda ocupada folheando seu caderno de anotações. Mas ela estava virando as páginas tão rápido, que ele duvidou que pudesse ler alguma uma palavra. Ela só queria uma desculpa para não ter nada para dizer a ele.

A Sra. Hardy se apressou para dentro da sala. Bom. “Agora podemos começar a trabalhar”, pensou Max. Algo que ainda conseguimos fazer juntos sem ficar completamente estranho e desconfortável.

- Certo, o experimento de hoje irá tomar praticamente todo o tempo que temos, então escutem bem – disse a Sra. Hardy - Cada equipe tem uma substância desconhecida. Seu trabalho é descobrir qual é essa substância usando a informação que nós já estudamos esse semestre. Vamos lá, podem começar.

Liz rasgou o envelope que continha a substância deles. Era uma pequena tira de metal. Deixou a tira em cima de seus dedos.

- É bem leve – ela comentou – O que você quer tentar primeiro?
- A Escala de Mohs? – Max sugeriu. Ele abriu a gaveta de cima da estação de laboratório dos dois e puxou algumas amostras de metal. Ele passou um pedaço de aço para Liz e ela arranhou a substância desconhecida com isso.
- Arranhou, então é mais leve do que aço – ela disse. Ela tentou o restos das amostras. Todas elas arranharam o metal desconhecido.
- O que você acha? Magnésio? - perguntou Max.

- Provavelmente – concordou Liz – Vamos tentar queimá-lo. Isso dirá um bocado de coisa para nós.

Max tirou o bico de Bunsen e ligou o tubo de borracha para a torneira de gás. Ele pegou um par de óculos de proteção, pôs um dos óculos em seu rosto e deu a Liz o outro. Ela usou a agulha para acender as chamas e Max ajustou o oxigênio até que a chama atingisse o ponto certo.

Liz pegou a amostra de metal com um alicate e o levou até as chamas. Quando ela o colocou lá, o metal queimou com uma cor branca brilhante, muito mais brilhante do que a chama alaranjada que saía do bico de Bunsen.

“Foi como quando eu toquei Liz no dia que ela foi baleada no Crashdown Café”, pensou Max. “Eu a toquei, e foi como eu tivesse acendido essa brilhante luz branca. E eu sabia que estava apaixonado por ela”.

- Acho que estávamos certos – ele disse a Liz – Você quer tentar mergulhar o metal na água, só pra ter certeza? – ele ligou a torneira com água gelada, e Liz levou o metal flamejante embaixo da água. O metal fez um chiado, mas não parou. Max desligou a torneira e as chamas brancas ficaram ainda mais brilhantes.

“Nada vai fazer apagar a minha luz também”, pensou Max. “Eu nunca vou acordar e me encontrar desapaixonado por Liz.”

Talvez ele devesse dizer a ela que ele estava errado em dizer que eles seriam apenas amigos. Será que ele era doido de desistir de um fogo tão brilhante, tão impossível de se apagar? Quantas vezes ele irá sentir isso novamente em sua vida?

Resposta: uma vez. Porque não existe nenhuma garota como Liz em nenhum lugar desse planeta, ou de nenhum outro.

E é por isso que eles tinham que ser somente amigos. Quanto mais próxima Liz fica dele, em mais perigo ela fica. Max tinha quase absoluta certeza de que o Xerife Valenti queria todos os alienígenas na terra mortos. E ele tinha uma sensação de que Valenti não se importaria em usar qualquer humano que estivesse no caminho. Incluindo Liz.

Apenas amigos. Max estava começando a odiar essas duas palavras.

—(4)—

- Apostem dez pratas na minha garota Isabel – provocou Tish. Ela deu um aperto nos ombros de Isabel – Eu sei que você consegue – ela sussurrou.

- Do que você está falando? – perguntou Isabel. Ela se sentou no banco de madeira em frente ao seu armário e deslizou em seu tamanco.

Ela parou a conversa quando Stacey começou a criticar cada técnica de pulo delas. Isabel nunca se preocupou em escutá-la quando ela fazia sua pequena palestra depois dos treinos enquanto todas estavam trocando de roupa.

Mas hoje Isabel não estava prestando atenção em ninguém, nem na Tish. Ela não podia parar de pensar no sonho esquisito que ela teve a noite passada. Ainda mais com aquela estranha conversinha com o DuPris no almoço.

- Estamos falando daquela competição agarre-o-Nikolas – disse Tish – O mesmo assunto que estivemos falando por, tipo, os últimos quinze minutos.

Stacey se sentou no banco próximo do armário dela.

- Parece que Isabel está tentando sair fora da competição – ela choramingou – Isso significa que eu ganhei!

- Isabel não está saindo fora – protestou Tish – Ela só quer saber sobre o que estamos falando, você sabe, o que conta para pegá-lo. Certo, Isabel?

- Certo – respondeu Isabel. Se não tinha nenhuma chance entre concordar com a Tish ou concordar com a Stacey, Isabel ficaria com a Tish, mas ela ainda estava tentando imaginar exatamente do que ela estava saindo fora.

- Almoçar junto na quadra – sugeriu Julie.

- Sem beijo de língua na quadra – Lucinda contrapôs.

- Segurar as mãos na quadra – disse Tish.

Isabel sacudiu a cabeça. Tish deveria se tornar algum tipo de diplomata ou algo assim. Ela estava sempre sugerindo acordos, tentando fazer todo mundo ficar feliz.

- Segurar as mãos está ok pra todo mundo? – perguntou Tish. A maioria das garotas afirmou com a cabeça ou grunhiram e nenhuma disse não – Certo, então é isso. Eu ficarei com o dinheiro de todo mundo. A maioria de nós almoça na quadra, então, seremos capazes de ver quem acabará segurando as mãos do Nikolas primeiro... se é Isabel ou Stacey.

“Ótimo”, pensou Isabel. Entendi. “Para humilhar Stacey, tudo o que tenho que fazer é ficar de mãos dadas com Nikolas Branson. Sem problema. Exceto por

Alex. Alex almoça na quadra praticamente todos os dias também. O que significa que ele irá vê-la segurando as mãos do Nikolas”.

Isabel fechou a porta de seu armário com violência. Ei, ela e Alex dançaram no homecoming. Eles foram ao jogo de golf em minuatara e ela o beijou. E era só isso. Bom, além de sair para se divertir com o grupo às vezes. Ela não devia nada a ele.

“Não acredito que estou preocupada com Alex me vendo segurar as mãos de outro cara. Eu tô perdendo o jeito”, pensou Isabel.

Isabel estava sempre dizendo a Tish que um pouco de ciúmes era bom para manter o interesse de um garoto. Ela não estava pronta para ser a namorada de ninguém, até mesmo de Alex. Ela queria ser livre para se divertir... com qualquer um que lhe agradasse. Mas, de algum modo não parecia certo fazer esses tipos de joguinhos com o Alex. Ela só tinha essa sensação de que ele a veria como ela é. Ele a entenderia. E ele chegou a ela de uma forma que nenhum outro garoto chegou.

Talvez toda essa coisa do concurso Agarre-o-Nikolas seja uma coisa boa. Isso lembraria o Alex e ela mesma que não havia nada sério entre eles.

Isabel acrescentou um pouco de máscara azul escura a seus cílios, o que fez seus olhos parecerem ainda mais azuis. Ela retocou o batom e colocou um pouco do perfume que Maria havia misturado para ela. Ela amou a combinação de frutas cítricas com especiarias. Ela simplesmente não fazia o tipo flor adocicada.

- Então, você vai procurá-lo? – perguntou Tish mantendo sua voz baixa.

- Exatamente. Stacey não vai nem ter uma chance – respondeu Isabel auto o suficiente para todos ouvirem. Ela saiu da sala dos armários e foi para o ginásio. Ela decidiu que as arquibancadas eram ótimos lugares para esperar que Nikolas “corra” para ela.

A porta do vestiário dos garotos se abriu. Isabel deu uma espiada. Eram apenas John Andrews e Richard Jamison. Ela lhes deu um sorrisinho, só para ver os músculos deles se contraírem. Eles se viraram em direção a ela. Oops. Ela não queria realmente encorajá-los a juntar-se à ela.

Isabel abriu rapidamente seu caderno e grudou os olhos em uma das páginas. John e Richard hesitaram, então continuarão o caminho deles para fora do ginásio.

“Bons garotos”, pensou Isabel.

Ela poderia tê-los mantido a sua volta para que quando Nikolas saísse ela tivesse companhia ao seu redor. Mas alguns caras não gostavam disso. Isso os intimidava, ou algo assim. Nikolas não parecia o cara que se incomodava com um

pouco de competição, mas não custava nada fazer um jogo seguro. Ela poderia ter sempre uns dois jogadores de futebol flertando com ela se Nikolas fosse o tipo que gostasse de dar uma surra nos outros caras.

A porta do vestiário das garotas se abriu e Stacey saltou dentro do ginásio. Isabel lhe deu um tchauzinho e os lábios de Stacey pararam de sorrir com um pequeno olhar de desdém. Ela não estava contente por Isabel ter tomado as arquibancadas. Pobre criança.

Isabel não pode deixar que um sorriso se estirasse pelo seu rosto enquanto Stacey rumava irritada para fora do ginásio. Uns segundos depois Craig Cachopo e Doug Highsinger se atiraram para fora do vestiário dos garotos. Eles fizeram algum tipo de luta falsa e barulhenta enquanto passavam pelas arquibancadas. Isabel se perguntou se alguma vez os garotos já pararam para pensar que isso impressionava as garotas de alguma forma. Como se ela fosse olhar para um deles e pensar, Uau, isso foi uma bela e convincente chave de braço falsa. Quero ele pra mim.

Umás duas Stace-tietes praticamente saltaram por cima dela. Tish saiu do vestiário alguns segundos depois. Ela deu apenas um aceno para Isabel e continuou andando. Ela obviamente não queria parar o que Isabel estava fazendo. Aí o Tim Watanabe se apressou em sair, de cabeça baixa. Isabel não pode imaginar em como ele podia ser tão tímido em todos os lugares, menos no campo de futebol. Quando ele saía de lá, virava um completo maluco. Talvez o treinador devesse começar a encorajá-lo depois dos jogos ao invés de antes deles.

“Vamos lá, Nikolas, estou ficando entediada”, Isabel pensou. Ela começou a fazer críticas sobre moda em cada um que passava por ela apenas para se distrair. Mas, no final das contas, as pessoas pararam de sair dos vestiários. Onde estava o Nikolas? Será que ele havia se vestido e saído dali antes de Isabel ter marcada seu lugar nas arquibancadas?

Isabel pegou sua mochila. Esqueça isso. Ela iria cair em cima dele da próxima vez que o visse. Não é como se ela estivesse preocupada com a Stacey. Mesmo se a Stacey chegar ao Nikolas primeiro, Isabel não teria o menor problema em ganhar essa pequena competição.

Ela desceu as arquibancadas e rumou a caminho do chão de madeira polido. Antes de ela alcançar a porta, duas mãos fortes deslizaram sobre sua cintura e a arrastaram contra um peito musculoso. Ela sentiu o hálito quente em suas orelhas. Então ela ouviu uma voz baixar de homem dizer:

- Procurando por mim, Isabel?

Isabel arfou. Era a voz do seu sonho! A mesma voz, as mesmas palavras. E aquele som enviou ondas quentes pelo seu corpo. A garganta dela ficou seca.

Vagarosamente, Isabel se virou... e viu Nikolas Branson a encarando. “Eu achei que os olhos dele eram castanhos”, pela pensou, sua mente girando. “Mas eles não são. São dourados. Como os olhos de um tigre”

- Quem é você? – ela sussurrou.

Ele não respondeu. Isabel se afastou dele e meio que tropeçou. Na verdade, suas pernas estavam tremendo. “Se acalme”, ela ordenou a si mesma.

- Eu estive em seu sonho a noite passada, não estive? – ela perguntou.

Os cantos da boca dele se viraram em quase um sorriso, mas ele não respondeu. Quem ele pensava que era?

- Se você não me der algumas respostas, vou embora daqui – ralhou Isabel. Mesmo pensando que a última coisa que ela queria fazer era ir embora.

- Eu nunca respondo a perguntas – disse Nicolas – Elas me deixam de saco cheio.

Ele caminhou ao redor dela e dirigiu-se às portas do ginásio.

- Então, você vem? – ele perguntou sem nem olhar para trás. Ele não esperou por respostas, ele apenas empurrou as duas portas e deixou-as baterem atrás dele.

Isabel hesitou por cerca de um segundo. “Não acredito que estou perseguindo um garoto”, ela pensou. Mas ela tinha que saber quem ele era. Ela tinha que descobrir porque memórias de seu planeta estavam no sonho dele. “E Admita”, ela disse a si mesma. “Você mal pode esperar para ele lhe tocar novamente.”

Isabel alcançou Nikolas enquanto ele fazia o caminho para as portas laterais. Eles caminharam para o estacionamento em silêncio. Nikolas deu um pulo em sua motocicleta esquisita. Dessa vez Isabel nem ao menos hesitou. Ela subiu atrás dele e passou seus braços no peito dele.

Nikolas acelerou o motor e eles rumaram para fora do estacionamento com o rugido da moto. Ele dirigiu direto para fora da cidade em direção ao deserto. Isabel inclinou sua cabeça para trás e deu um grito de puro prazer.

Maria estudou a bagunça de frasquinhos em sua penteadeira. Cada um estava cheio de essências de óleos que ela usava em aroma terapia. Ela puxou seis frascos: cedro, ylang-ylang, canela, amêndoa, eucalipto e rosa. E ela as levou para sua cama.

Ela queria recriar a mistura de essências que ela sentiu na noite que Max

formou a conexão entre os seis do grupo. A memória daquela tarde fez Maria sorrir. Ela estava apavorada que Isabel e Michael usassem seus poderes alienígenas para matá-la, e eles estavam apavorados que ela contasse a Valenti a verdade sobre eles. Então Max levou a todos para a caverna secreta dos alienígenas, o lugar onde eles saíram de suas câmeras incubadoras como crianças.

E Max formou uma conexão entre eles. Maria não fazia idéia como, mas ela sentiu como se de repente pudesse ver dentro da mente dos outros. Por um breve momento ela soube como era para Michael, Max e Isabel... como era sentir as emoções dos outros. A conexão permitiu que cada um deles visse a essência dos outros. Bem, não apenas ver. Isso fazia parecer um único ponto de vista. Mas não era assim tão simples. Nada muito normal.

Uma vez que a conexão foi formada, ela pôde ver as auras de cada um deles... a verde clara esmeralda de Max, a violeta escuro de Isabel, a cor de tijolo de Michael, a laranja berrante de Alex, o rico âmbar de Liz e a sua própria aura azul cintilante. E tinha música também. Cada um deles, de alguma forma, produziu uma nota de música, que juntos faziam a sinfonia mais melodiosa do que qualquer coisa que ela já escutou em sua vida.

Mas foi o perfume que mais atingiu Maria. Durante a conexão a caverna ficou cheia de uma mistura de essências que a fez se sentir completamente em paz, conectada não somente com os outros do grupo, mas com todo o universo. Maria percebeu que cada um deles contribuiu com uma fragrância para o perfume, da mesma maneira que cada um deles dava uma nota da sinfonia.

Desde aquela noite Maria vem tentando misturar as essências de óleo de um modo que recriasse aquele perfume da conexão.

Ela respingou umas gotas de óleo de eucalipto em seu pulso e inspirou. “É, essa era com certeza a essência que Michael tinha. Ácida, sutil. Quase chegava a queimar se você inspirasse muito profundamente.

Maria tirou a tampa do frasco do óleo de rosa e o cheirou. Rosa era sua essência. Sua contribuição para o perfume que preencheu a caverna. Agradável e doce. Talvez um pouco doce demais?

Ela suspirou. Desejou que sua fragrância fosse mais exótica, tipo o ylang-ylang da Liz. Ou mais apimentado, como a essência de canela de Isabel.

Maria adicionou algumas gotas de rosa em seu punho, misturando com o de eucalipto. A combinação era... única, com certeza. Mas ela gostou. A doçura da rosa se espalhou na de eucalipto, e o eucalipto fez a rosa um pouco mais interessante.

Hummm. Ela se perguntou o que Michael pensaria se ela explicasse como suas

essências se completavam. Provavelmente entraria num ouvido e sairia no outro. Os garotos levam tudo tão ao pé da letra. Ele poderia perder completamente o fato de que ela não estava nem ao menos falando sobre perfume.

Maria escutou um sussurro fora da janela.

- Kevin, você deveria estar na cama – ela gritou.

Seu irmão caçula havia acabado de entrar numa fase particularmente chata. Ele gostava de fingir que era uns dos Hard Boys ou algo assim. Ele estava sempre bisbilhotando tudo, espionando-a. Ela sempre mudava o lugar que escondia seu diário todos os dias, só por segurança. Se Kevin um dia colocasse suas mãos nele, ele vomitaria suas partes mais interessantes para qualquer um que o escutasse. Não que houvesse tantas coisas interessantes quanto ela gostaria, mas mesmo assim...

A janela se abriu.

- Quem é Kevin? – perguntou Michael enquanto pulava para dentro.

- Meu irmão. O que você tá fazendo aqui? – perguntou Maria. Ela nem sabia que Michael sabia onde ela morava.

- Eu imaginei que você pudesse estar nervosa. Sabe, com relação a toda essa coisa de poder estranho que está acontecendo – disse Michael – Ele caiu na cama dela, parecendo totalmente fora dos padrões na manta florida dela. Era como se G.I. Joe tivesse atacado a casa da Barbie – Então, você está?

- Eu estou o quê? – Maria estava enfrentando pequenos problemas de concentração.

- Nervosa – disse Michael.

“Bom, meu coração está batendo a mil por hora”, pensou Maria. Mas isso não tinha nada a ver com a coisa toda do poder estranho. Tinha a ver com Michael.

Liz provavelmente teria alguma razão científica para dizer o porquê do coração de Maria estar dançando fortemente em seu peito e do porquê dos espaços entre seus dedos terem, de repente, ficados todos molhados de suor. Algo sobre hormônios e feromônios, ou seja lá o que for. Mas Liz estaria errada. Não havia nada clínico ou científico no que Maria sente quando Michael está por perto.

- Eu te acordei ou algo assim? – perguntou Michael – Você tá meio que fora do ar.

“Ah, meu Deus. Eu estava aqui encarando ele com minha boca aberta”, ela percebeu.

- Uh, não. Eu só... – ela gaguejou. Ela tomou uma longa inspiração e

começou outra vez – Nervosa? Eu não estava realmente nervosa. Eu deveria estar?

Michael deu um sorriso para ela.

- Não comigo por perto.

Maria deu outro sorrisinho. Michael se sentou.

- Quê?

Maria sorriu mais alto.

- Quê? Não comigo por perto – ela repetiu fazendo uma voz grave – Por que você não... – suas palavras se dissolveram em outra explosão de risadas – Por que você não... flexiona os músculos e me chama de boneca e vem pra cá.

- Mas podia ser jovenzinha, ou senhora... ou princesa – Michael rolou de rir.

- Princesa Maria. Eu quase gosto disso – ela respondeu. Ela enxugou o rosto com a camisa. A camisa.

O coração de Maria parou. Ah, não. Ela estava tendo toda essa conversa vestida com a camisa velha de seu pai e uma calça. E era isso. Ela sentiu sua face ficar vermelha. Ao menos a camisa era grande. Longa como alguns vestidos... alguns vestidos bem curtos.

Ela abriu a gaveta do meio de sua penteadeira e puxou um par de roupas. Será que ela deveria vestir no banheiro ou colocá-las ali mesmo, ou o quê?

- Uh, está frio aqui. Eu vou só...

Ela puxou a blusa se sentindo completamente consciente. Por que parecia estranho colocar mais roupas na frente de um garoto?

Ela deu uma espiada em Michael. Ele não estava nem olhando para ela. Ele estava olhando os frascos de aroma terapia em cima da cama. Maria franziu a testa. Não é como se ela quisesse que ele estivesse a encarando. Mas seria legal se ele percebesse que ela estava ali na frente dele, quase nua. É isso, oi? Ela não era sua irmã caçula.

- Então, uh... já que você não está nervosa sobre o lance do poder estranho, eu acho que já posso ir – disse Michael.

- NÃO! – exclamou Maria – Digo, eu, hum... Eu preciso de um homem forte. Sabe minha mãe? Ela saiu num encontro, se você pode acreditar. E eu aluguei esse filme antigo que deve ser realmente assustador. Mas se eu assistir somente com meu irmão caçula na casa, eu sei que vou começar a ficar toda maluca e começar a ouvir barulhos e essas coisas.

- Isso não vai acontecer... não comigo por perto – Michael sorriu para ela.

Maria sentiu que uma nova explosão de sorrisos estava para sair, mas ela conseguiu se controlar.

- Então, você vai ficar? – ela perguntou.

- Por que não? – respondeu Michael – Eu gosto de filme de terror – Ele tirou se sapato e os jogou no chão. Então ele empurrou alguns travesseiros na cabeceira da cama e se apoiou para trás.

Isso era tão estranho. Michael estava agindo como se eles ficassem juntos o tempo todo. Mas eles nunca estiveram realmente a sós. Maria estava feliz que ele se sentisse tão confortável com ela, exceto pelo fato de ele se sentir tão confortável reforçava o sentimento que ela tinha que Michael a via como sua irmãzinha/amiguinha/nada nem de longe romântico.

- Você quer ligar para seus pais? Meu telefone está bem ali – disse Maria a ele.

- Nah – ele disse – Eles não ligam pra hora que chego em casa. É meio igual àqueles professores que não ligam pra tarefa da semana passada no colégio.

- Não entendi – Maria balançou a cabeça.

- Ah, é, eu vivo me esquecendo de falar pra todo mundo – Michael de repente pareceu bastante ocupado em mover os frascos de aroma terapia da cama para a escrivaninha – Eu vou mudar de pais adotivos daqui a alguns dias.

- Ah – isso pareceu uma coisa bem grande para se ‘esquecer’ de falar sobre isso. Maria ficou imaginando qual era a história. Mas se Michael quisesse que ela soubesse, ele a diria, certo? Ela pegou o filme de sua mesa e colocou no vídeo cassete. O primeiro, dos bilhões de trailers havia começado.

Maria se sentou na cama ao lado de Michael. Então ela pegou um travesseiro e o esticou. Se ele iria ficar totalmente despreocupado em ficar na cama dela, ela também não iria agir como se isso fosse grande coisa. Mesmo pensando que estar tão perto dele fazia seu corpo se sentir como se houvesse uma grande mola dentro dela, se movendo com força.

- Então, você já empacotou tudo? – ela perguntou.

- Vou empacotar. Eu sei como são as coisas. Não é tão importante – ele encarava a TV como se os trailers fossem as coisas mais interessantes que ele já vira.

“Não é tão importante. Certo. Eu acredito nisso”, pensou Maria. Ela nem podia imaginar como era ficar mudando de casa para casa, novos pais em cada parada. Ela morava na casa que ela cresceu. Sua mãe e seu irmão estavam bem ali com ela, como sempre estiveram. Embora ela ainda se sentisse péssima sobre o seu pai não estar mais ali com eles. Depois do divórcio ele se mudou para o outro lado da cidade, mas pareceu que tudo na vida dela havia mudado.

- O filme nem começou e eu já estou nervosa – disse Maria – Se minha mãe não chegar cedo em casa, você acha que pode dormir aqui? Eu tenho um saco de dormir no armário.

Maria sabia que sua mãe não estaria em casa quando o filme acabasse. O que significava que Michael não precisaria ficar uma noite num lugar em que ele obviamente não queria estar.

- Claro. Você não tem nada com o que se preocupar, juvenzinha – ele respondeu. Ele deu uma fungada alta – Você tá sentindo um cheiro engraçado? Tipo, pastilha pra tosse e flores?

- Tô – ela respondeu – Eu acho que o cheiro é bom. É uma mistura estranha... mas é muito boa.

—=(5)=—

Isabel apertou seus braços em volta de Nikolas e pressionou sua bochecha contra as costas dele. Ela não fazia idéia para onde ele a estava levando e ela não se importava. Ela sabia que *deveria* se importar, mas não se importava. Fechou os olhos e se perdeu nas sensações... no cheiro da jaqueta de couro de Nikolas, o calor do seu corpo contra o dela, o clima quente do deserto afastando os seus cabelos do rosto.

Max teria um chique se soubesse que ela estava lá fora dirigindo no deserto com um cara que ela mal conhecia. Michael também iria pirar. Na verdade, o Alex também, mas por uma razão completamente diferente.

Mas não tinha nenhuma chance dela deixar o Nikolas escapar dela. No segundo que ela olhou nos olhos dourados dele, ela se sentiu atraída por ele. Como se ela estivesse o procurando por toda sua vida, mesmo achando que ela nunca percebeu que estava procurando por nada.

Isabel mal acreditava que ela estava tendo todos esse pensamentos sentimentais. Ela estava começando a soar como Tish, a menina que achava que o comercial da Certs era romântico. Ela lembrou a si mesma que Nikolas era só um garoto e que todos os garotos eram praticamente iguais. Totalmente previsíveis. Totalmente fáceis de manipular. Divertido fazer jogos com eles. Mas nada para ficar se complicando com eles.

Só tinha um probleminha nesse discurso que ela estava tendo com ela mesma. Isabel tinha saído com vários garotos e flertado com muitos mais, mas nenhum deles a fez se sentir do jeito que Nikolas faz. Nenhum deles fez seus joelhos tremerem só olhando para ele. E isso significava que Nikolas era diferente de todos os garotos que ela já havia saído.

Mas isso não significava que ela iria deixá-lo saber disso. Ela abriu os olhos e se sentou um pouco mais ereta. Ela deixou seus braços apertados no peito de Nikolas. Isso estava certo. Isso era necessário. Ela não queria cair da moto ou nada desse tipo.

Isabel tentou se concentrar no cenário que passava por ela. Ela queria parar de pensar em Nikolas por um tempinho. “A caverna!”, ela pensou, percebendo onde eles estavam. Nikolas está dirigindo diretamente para a caverna.

De repente ela se lembrou de Max e Michael falando que alguém numa motocicleta estava seguindo os dois algumas noites atrás quando estavam indo fazer as procuras pela nave espacial de seus pais. Seria Nikolas?

Por que ele os seguiria? Quem era ele?

“Isso era tão idiota”, pensou Isabel. E se Nikolas estivesse trabalhando no Project Clean Slate? E se ele estivesse trabalhando para Valenti? E ele sabe a verdade sobre mim? Seu coração começou a golpear em seu peito. Ela podia sentir o coração batendo em sua garganta, ouvir o batimento em seus ouvidos.

Nikolas aumentou a velocidade indo direito até a rachadura no chão do deserto que abria para a caverna. Ele fez a motocicleta parar com um barulho. Saltou para fora da moto e se abaixou para a caverna sem nem mesmo olhar para Isabel.

Ela pensou em pegar a moto, dirigir para a cidade e contar aos outros o que havia acontecido. Tudo o que ela tinha que fazer era se virar e partir, deixando Nikolas para trás.

Mas isso daria a Nikolas poder demais. Além do mais, se ele trabalhasse para Valenti, ele não a deixaria ali sozinha, lhe dando a chance para escapar. Certo?

Quando as pontas de seu pé tocaram na pedra grande que ela usava como um degrau, ela deixou para lá, retomou seu equilíbrio, então pulou para o chão da caverna.

Ela cruzou os braços e encarou Nikolas.

- Estou esperando.

Ele sorriu.

- Isso realmente funciona com você? – ele perguntou – Os caras humanos tremem nas bases quando você os mostra um pouquinho de sua atitude?

Isabel não acreditou nisso. Nikolas não sabia das regras? Ele não sabia que ele deveria estar tentando impressioná-la? Ele não sabia que ela poderia ter qualquer garoto que ela quisesse e que era o trabalho dele fazer com que ela o desejasse?

“Espera um pouco”, pensou Isabel. “Ele acabou de falar os caras *humanos*?”.

Nikolas se agachou e correu suas mãos na superfície metálica da câmara de incubação que Isabel e Max dividiram.

- É maior que a minha – ele murmurou.

- Que a sua? – ela repetiu. Nikolas estava tentando fazê-la acreditar que ele era um alienígena também. Mas isso era impossível. Não havia outros alienígenas. Ela se esforçou para permanecer calma. Ela precisava pensar. Precisava entender o que estava acontecendo ali.

“Isso poderia ser um grande jogo?”, ela pensou selvagememente. Será que

Nikolas trabalhava no Project Clean Slate? Será que ele estava se passando por alienígena para poder tirar informações dela?

Isabel deu uns passos em direção a boca da caverna, pronta para sair dali. Mas isso pareceria completamente suspeito se Nikolas fosse algum tipo de agente tentando descobrir se ela era uma alienígena. “Apenas aja como se você não tivesse idéia do que ele está falando”, ela ordenou a si mesma.

Nikolas se endireitou. Ele a estudou calculadamente.

- Eu posso sentir o medo emanando em você. Estou desapontado, Isabel. Eu achei que você fosse alguém que valeria meu tempo. Não um ratinho assustado.

Ele sentia o medo por que era um outro alienígena ou estava só chutando?

- Não, sou eu quem está desapontada – respondeu Isabel – Como se eu devesse pensar que isso é divertido. Se você quer se divertir comigo, você tem que fazer algo melhor.

Ela encarou Nikolas nos olhos. Não importa o que fosse acontecer, ela não daria a ele nenhuma pista do que ela sabia sobre a caverna, as câmeras ou qualquer outra coisa.

Nikolas levantou as sobrancelhas.

- Isso foi quase convincente. Exceto, como eu disse, eu posso sentir seu medo. Você deveria realmente ter aprendido a bloquear suas emoções. Aposto que você não pode sentir nada que estou sentindo.

- Isabel está chateada, Isabel está de saída – Ela se virou. Ela tinha que sair dali. Ela precisava ir para casa e discutir isso com Max, Michael, Liz, Maria e Alex. Eles a ajudariam a descobrir qual era o jogo de Nikolas. E então eles apareceriam com um plano para lhe dar com ele.

- Mas e todas as suas perguntas? – perguntou Nikolas – Você não queria me perguntar algo sobre meu sonho? Você sabe, aquele que você simplesmente entrou nele, sem ser convidada.

O sonho. Era o sonho de outro alienígena. Isabel hesitou.

- No segundo que voltei, eu senti você – Nikolas sussurrou atrás dela – Eu tinha que te encontrar. Se você não tivesse entrado em meu sonho, eu teria entrado no seu – Nikolas caminhou por cima da pedra, perto de Isabel. Ele se sentou e a puxou para junto dele.

- Voltou de onde? – perguntou Isabel. Seu coração ainda palpitava, mas de alguma maneira ela não sabia se era de medo ou de excitação por tê-lo tão perto

dela.

Nikolas não respondeu.

- Olha, eu sei que você disse que não gosta de perguntas – ela disse – Mas se você quiser que eu fique, você vai ter que começar a falar. Você decide.

- Certo, certo – disse Nikolas – Eu saí da minha câmara primeiro. Eu esperei por um tempo, mas eu fiquei com frio e com fome. Deixei a caverna. Eu carreguei minha câmara comigo... minha própria manta de segurança. Fui adotado. Minha família se mudou para Califórnia uns meses depois – ele disse num tom monótono – Alguns meses atrás eu comecei a ter esses sonhos e visões. Eu sabia que tinha voltar. Então arrumei tudo e aqui estou. Feliz?

Isabel o encarou, chocada. Um agente do Project Clean Slate seria capaz de inventar toda aquela estória. Mas se fosse, ele sabia muito mais sobre alienígenas do que Isabel jamais imaginou.

Os olhos dourados, acastanhados de Nikolas se estreitaram enquanto ele a encarava.

- Você não acredita em mim? – ele murmurou.

Isabel só podia pensar numa forma de testá-lo.

Vagarosamente ela levantou as mãos e tocou no rosto de Nikolas. Ela inspirou profundamente tentando formar uma conexão. Uma vez que estivessem conectados, ela seria capaz de ver as memórias de Nikolas. Ela saberia a verdade.

Nikolas afastou as mãos dela com violência e se pôs de pé.

- O que diabo você está fazendo? Você acha que vou simplesmente deixar você entrar na minha cabeça e dar uma olhada?

Então ele sabia que ela estava tentando formar uma conexão. E ele sabia sobre as câmeras. E ele sabia sobre entrar nos sonhos.

- Você está dizendo a verdade, não está? – ela sussurrou – Você é mesmo um de nós.

- Bem, dã.

Isabel sacudiu a cabeça tentando afastar a confusão que parecia obstruir seus pensamentos. Outro alienígena. Outro deles.

Exatamente como ela sempre sonhou.

- Desculpe por tentar me conectar a você sem perguntar e tudo o mais. Eu só... eu achei que você poderia ser do Project Clean Slate – explicou Isabel apressadamente.

Nikolas se sentou outra vez.

- Eu nem sei o que é isso.

- É uma agência do governo que foi formada para rastrear os alienígenas que vivem na Terra – disse Isabel. De repente a confusão havia desaparecido. De repente ela desejou lhe contar tudo. Ele era um deles! Praticamente da família. Ela sentiu como se tivesse que explicar toda sua vida a ele, sua vida com Max e Michael que Nikolas havia perdido, crescendo sozinho – O Xerife Valenti, o Xerife de Roswell, ele é um dos agentes – ela adicionou – Ele está nos procurando.

Ela deu uma olhada em Nikolas, tentando medir sua reação. Quando ela descobriu a verdade sobre Valenti, ela ficou apavorada.

- Então é por isso que você está tão assustada? Por que você pensou que eu era um caçador de alienígena ou algo assim? – perguntou Nikolas.

- É – ela respondeu – Você tem que ser cuidadoso, Nikolas. Realmente, realmente cuidadoso. Você tem que parar de usar seus poderes. Até as pequenas coisas como as que você fez com o mascote e com minha bola de golf. Era você, certo?

Nikolas concordou com a cabeça; Mas ele não parecia chateado. Isabel se perguntou se ele estava em choque ou algo assim.

- Não entendo – disse Nikolas.

- Eu sei. Quando descobri que eles estavam nos caçando, eu estava surtando. Mas se você for cuidadoso, então...

- Não. Não foi isso que quis dizer – interrompeu Nikolas. Seus olhos dourados acastanhados queimando com intensidade – Não entendo porque você tem medo de Valenti... ou de qualquer um. Digo, eles são apenas humanos. Como você pode chegar a pensar que um deles poderia machucar você? Você é a que tem poderes.

Isabel piscou em surpresa. “Eu sou a que tem poderes”. Foi o pensamento que ela teve repetitivamente. “Eu sou a que tem poderes”.

Nikolas estava certo. Por que ela estava com tanto medo de Valenti se era ela quem tinha os poderes?

Isabel sentiu todos os seus músculos começarem a se relaxar. Músculos que ela nem havia notado que estavam tensos. “Eu fiquei tão acostumada a ter medo que esse sentimento começou a ser normal para mim”

- Isso é tão incrível – ela murmurou. Impulsivamente ela alcançou as mãos de Nikolas – Nós não sabíamos... pensávamos que fôssemos os únicos. Nunca nem nos ocorreu que poderia ter outro de nós. Você tem que conhecer Max e Michael.

- Eu comecei a pensar que podia estar errado sobre você, Max e Michael – Nikolas disse a ela – Eu estive observando vocês por umas duas semanas e vocês nunca usaram os poderes. Agora eu sei porquê. Eu ainda não acredito que você deixou um humano assombrar você. E vocês são três. Eu poderia cuidar do Valenti facilmente, assim como você poderia.

Uma imagem de Valenti estirado no chão aos pés de Isabel, implorando por misericórdia entrou na cabeça de Isabel. Ela sorriu.

- Max acredita que devemos ser cuidadosos – Isabel respondeu.

- Cuidadosos. É isso que vocês chama? Que desperdício - Nikolas pegou um cacho dos cabelos louros de Isabel e vagarosamente girou entre seus dedos. – Você tem sorte que apareci, Isabel – ele murmurou – Alguém precisa lhe ensinar para que seus poderes servem.

—===—

Alex deu uma olhada na quadra. Isabel e aquele novato Nikolas ainda estavam conversando perto da árvore de noz. Conversando e ficando realmente juntos.

- Posso pegar um pouco da sua carne de porco? – perguntou Max.

- Sim. Claro. Tanto faz – respondeu Alex sem despregar os olhos de Isabel. Max, Liz, Michael e Maria provavelmente pensariam que ele era patético. E eles estavam certos. Ele sabia que deveria parar de encarar Isabel como se fosse algum tipo de perseguidor. Mas ele não podia. Era fisicamente impossível.

Era o cabelo. Ele sabia. Cabelo ruivo podia ficar incrível nas garotas. Mas não ficava bem nos caras. Parecia um bocado de palhaços com, tipo, cabelo laranja.

Se Alex não fosse ruivo, Isabel não estaria ali com Nikolas. Ela estaria sentada aqui, ao lado dele. “É, pode ficar falando isso”, Alex pensou.

Alex deu outra olhada em Isabel e Nikolas. Eles estavam se aproximando. Ah, maravilha. Agora ele seria torturado bem de perto enquanto tentava almoçar.

- Oi, pessoal – Isabel se apertou no círculo, entre Michael e Maria ela agarrou a mão de Nikolas e o puxou para se sentar ao lado dela. Alex percebeu que ela não se preocupou em se apressar a largar a mão dele também.

Isabel fez uma apresentação rápida. Ela falava basicamente diretamente no ouvido de Alex quando chegou a ele. “É pior do que pensei”, percebeu Alex. “Ela não pode nem me olhar nos olhos”.

Não era como se ele e Isabel estivessem saindo ou nada assim. Mas ele tinha a

impressão que ela acha que às vezes algo acontecia entre eles. Ele definitivamente sentia uma coisa quando os dois estavam juntos, uma coisa especial.

Alex pegou Liz e Maria trocando um daqueles olhares significantes que as garotas dão umas para as outras. Era completamente claro que elas achavam que não era legal da parte de Isabel trazer outro cara quando Alex estava bem aqui. Mas eles se conheciam antes de Michael, Max e Isabel entrarem para o grupo deles. É claro que elas ficariam do lado dele.

- Nós temos algo para dizer a vocês – disse Isabel. Ela parecia toda sem fôlego e animada. Nem um pouco parecida com o que ela geralmente era.

“Estou me sentindo como um dos convidados de algum programa de entrevistas idiota”, pensou Alex. “Eu sei que não tem nem chance que eu vá gostar do que estou prestes a ouvir”.

- Nikolas é um de nós – anunciou Isabel olhando de um lado para outro entre Max e Michael – Os pais dele estavam na nave também. Ele quebrou a câmera de incubação antes de todos e foi adotado. A família dele se mudou antes que ele começasse a estudar. É por causa disso que não sabíamos.

Alex sentiu como se tivesse sido perfurado no intestino. “Ah, cara. Nikolas não tinha somente cabelos castanhos. Ele era um alienígena também. Não tinha nem chance para Alex competir”

Por um momento, todo mundo apenas ficou encarando Nikolas.

- Uau, você deve ter sido tão sozinho, – disse, finalmente, Maria – pelo menos Max, Isabel e Michael tinham uns aos outros.

- Eu não acredito – disse Michael antes que Nikolas pudesse responder. Ele virou para Isabel – Eu não acredito que você simplesmente trouxe esse cara sem nem ao menos falar conosco primeiro. Ele podia ser qualquer um. Ele poderia trabalhar para Valenti. O que você estava pensando, Isabel?

O primeiro impulso de Alex foi defender Isabel. Mas ele não estava certo de que ela iria querer que ele o fizesse nesse momento.

- Eu não acreditei nele de cara também – respondeu Isabel – Mas eu estive no sonho dele. Ele tem as mesmas memórias que nós temos... memórias do nosso planeta natal. E ele sabe exatamente onde se encontra a nossa caverna.

Max sacudiu a cabeça.

- Não me importo... eu não posso sentir as emoções dele como eu sinto a sua e a de Michael. Acho que ele está mentindo.

Nikolas bufou.

- Vocês são tão patéticos. Vocês estiveram tão ocupados em não usar seus poderes que não sabem nem que poderes vocês têm! Vocês não sabem como bloquear suas emoções? Vocês não sentem a minha porque eu não quero que vocês sintam.

- É uma desculpa bastante conveniente pra mim – resmungou Michael.

- Se você não acredita em mim, eu posso simplesmente usar meus poderes para tocar fogo naquela árvore – Nikolas disse a Michael.

- Isabel não o avisou para não usar seus poderes? – perguntou Max com a voz baixa e um tom urgente.

- Viu, ele tá mentindo com certeza. Não podemos usar nossos poderes para tocar fogo – disse Michael na mesma hora.

Nikolas rolou os olhos.

- Os poderes de Nikolas são muito mais desenvolvidos do que os nossos – explicou Isabel – Ele irá me dar algumas lições.

“Olha como ela se mete para defender o cara”, pensou Alex. “E olha como é óbvio que ela planeja passar muito tempo com ele”.

- Eu não quero que você receba nenhuma lição dele – disse Max a Isabel – Eu não quero nenhum de vocês usando nenhum poder.

- Quer saber? Eu realmente não me importo com o que você quer – respondeu Nikolas de volta.

- Uh... essa não é a parte que vocês se desafiam numa batalha até a morte, é? – perguntou Alex – Porque se for, eu quero dar o fora do caminho. Essa camisa é novinha e minha mãe ia pirar se eu aparecesse em casa com algum sangue ou material cerebral nela.

Nikolas e Max o ignoraram. O que era provavelmente uma coisa boa. Ele não achava que realmente queria se encontrar no meio de algo entre esses dois. Alex podia permanecer firme em uma briga. Crescer com três irmãos mais velhos havia feito isso. Mas nenhum de seus irmãos tinha poderes alienígenas.

- Se você usar seu poder, você porá todos nós em perigo – disse Michael. Alex percebeu que os músculos do pescoço dele estavam saltados. Ele não estava muito estimulado com Nikolas. E Alex não pôde evitar se sentir um pouco feliz com relação a isso.

- Isabel não lhe contou sobre o Xerife Valenti? – Max perguntou – A missão da vida do cara é capturar alienígenas.

- E ele trabalha pra uma organização chamada Project Clean Slate – adicionou Michael – Então não é como se ele estivesse nos procurando só pra dizer oi.

Nikolas olhou de Michael para Max.

- Espera. Será que tô entendendo isso? Eu sabia que Isabel estava com medo. Mas vocês dois também estão com medo de um *humano*? É como ter medo de uma mosca. Se esse tal Valenti ficar muito próximo, eu vou lá e esmago ele.

- Nikolas está certo – insistiu Isabel – Por que estamos com tanto medo de Valenti? Nós temos o poder. Ele não.

- Não acredito que estou ouvindo isso – falou Liz pela primeira vez. Seus olhos pretos cintilando de raiva – Valenti não é uma mosca. Ele é perigoso para todos nós – ela se virou para Nikolas – Você não o conhece. Nós o conhecemos. Nós sabemos o que ele é capaz de fazer. Você tem que ouvir o que ele fez a mim. Ele...

- Eu não escuto insetos.

A cabeça de Liz se inclinou para trás como se ela tivesse levado uma tapa na cara. O rosto de Maria ficou pálido. Nikolas se levantou e caminhou para a quadra.

“Mas que completo idiota”, pensou Alex. Ao menos Isabel descobriu a verdade sobre ele agora mesmo.

Mas Isabel saltou do banco e seguiu Nikolas sem ao menos olhar para nenhum deles.

- Eu não acredito que ela fez isso! – explodiu Michael - Eu não acredito que ela simplesmente apareceu e disse ‘Oh, oi, esse é Nikolas. Ele é um alienígena também’.

- Ela deveria ter falando conosco primeiro. Sozinhos – concordou Max – Foi como se nem ao menos lhe ocorreu que isso é algo que envolve todos os seis de nós. Aquele cara Nikolas pode colocar todos nós em perigo. No que ela está pensando?

“É bastante óbvio no que ela estava pensando”, respondeu Alex silenciosamente. Ela está pensando que quer o cara do cabelo castanho. E eu acho que para ele tá tudo muito mais do que ok.

====

- Ei, Nikolas, espera aí – chamou Isabel.

Stacey saiu do banheiro bem a hora de ver Isabel trotando atrás de Nikolas. Seus lábios se estenderam num sorrisinho de orgulho.

- Nem pense que você ganhou nossa competição – ela disse gentilmente – Eu vi você na quadra, e pareceu que você estava puxando a mão nele, não pegando daquele jeito – ela mexeu os dedos no rosto de Isabel – Isso não conta.

- Ah, cala a boca, Stacey – resmungou Isabel. Ela continuava indo atrás de Nikolas, mas diminuiu os passos. Era muito humilhante ser vista literalmente perseguindo um cara. Esse não era seu estilo.

Nikolas parou em frente ao seu armário. Isabel forçou a si mesma a andar até o bebedouro e beber alguns golinhos de água. Então, quando achou que não pareceria pateticamente ansiosa, ela deu uma volta e se encostou ao lado do armário de Nikolas.

- Max está preocupado. Ele não pode evitar. Acho que é aquela coisa de irmão mais velho – ela disse – Michael também é totalmente protetor.

- Nos preocuparmos com algum xerife é como um general com uma bomba nuclear nas mangas se preocupar com um garoto com uma pistola BB.

Quando Isabel era criança, costumava ter pesadelos em que o Xerife Valenti era um grande lobo a perseguindo. Ele sempre ficava cada vez mais perto, seus longos e pontiagudos dentes derramando saliva. Mesmo quando ela cresceu, ela não podia perder a terrível sensação de que ele iria capturá-la, trancá-la em algum lugar, e fazer todos os tipos de testes horríveis nela... acabando com ela em alguma mesa de dissecação.

- Eu realmente queria que você me ensinasse a aperfeiçoar meus poderes – disse Isabel – Eu quero ser capaz de fazer o que você disse... esmagar Valenti como se fosse uma mosca, se eu tiver de fazer.

Ela não se importava com o que Max disse. Porque Nikolas estava certo. Com seus poderes, ela poderia ser a mais forte. Ela adoraria dar a Valenti alguns pesadelos sobre ela. Ela iria amar parar de ser cuidadosa.

Ela também iria amar ter uma desculpa para passar mais tempo perto de Nikolas. Não, muito mais tempo.

Nikolas bateu com força a porta do armário.

- Eu acho que posso preparar você – ele a disse. Seus olhos viajaram vagarosamente pelo corpo dela, de seus lábios até suas botas, até seu rosto e demoraram em seus lábios.

- Hum, legal – gaguejou Isabel. Ela tentava não encarar a boca dele. Mas parecia tão boa de se beijar. Quando Nikolas iria beijá-la? Se ele não fizesse alguma coisa logo, ela mesma simplesmente teria que fazer – Bom, todos nós vamos ao cinema hoje a noite. Você deveria ir – ela adicionou. Isabel geralmente não chamava os garotos para sair. Na verdade, ela nunca chamou garotos para sair. Ela gostava de fazê-los trabalhar um pouco.

Mas Nikolas era novo na cidade. Ele não conhecia ninguém. Além do mais, ela sentia como se estivesse viciada nele. Ela não podia suportar a idéia de ter que passar todo um final de semana sem vê-lo.

- E esse 'nós' inclui seus amigos humanos? – perguntou Nikolas.

- Sim. Eu sei que é estranho ter humanos que sabem a verdade sobre nós. Realmente me assustou no começo – disse Isabel rapidamente – Mas os três são

amigos de Max, Michael e meus. Eles nos ajudaram a tirar o Valenti do rastro.

- Eles nem são da mesma espécie que nós somos. E eles cheiram engraçado – respondeu Nikolas – Sentado lá, assistindo a algum filme com um bocado deles não soa tão divertido para mim.

- Qual é. Você nunca teve um amigo humano? – perguntou Isabel.

- Não, mas eu tive um cachorro uma vez – disse Nikolas – Sair com humanos é provavelmente o motivo de seus poderes serem fracos. Você passa muito tempo com eles, e daí começa a pensar como eles, e começa a acreditar que você é um deles.

Isabel pensou em tentar convencê-lo que estava errado, então decidiu pular essa parte. As coisas estavam apenas começando entre eles. Ela não queria arriscar destruir tudo por conta de uma briguinha idiota.

Nikolas teria que conhecer Alex, Maria e Liz, eventualmente. E quando ele o fizer, ele vai mudar o pensamento. Ele tem que mudar.

Max sabia que Liz estava caminhando no corredor logo atrás dele. Ele não tinha certeza como exatamente ele sabia, mas ele com certeza sabia. Talvez ele pegasse as pequenas coisas... como o som dos passos dela ou o cheiro de seu xampu e processasse tudo de um modo subconsciente.

Ele olhou por cima do ombro. É, lá estava ela, caminhando pelo corredor como se houvesse um lugar muito importante onde ela deveria estar. Liz sempre andava daquele jeito, não importa para onde estivesse indo.

- Quer uma carona pra casa? – chamou Max. Porque ele ainda não teve suficientes momentos completamente estranhos, idiotas e tímidos com Liz.

- Na verdade, estou indo para o Crashdown – respondeu Liz enquanto ela o alcançava – Papa ainda não descobriu como fazer os horários do trabalho no computador, então tenho que mostrar a ele.

Liz passava realmente muito tempo no restaurante com tema alienígena de sua família. Antes quando ele era completamente apaixonado por ela e ela apenas pensava nele como seu parceiro de laboratório, Max costumava comer no Crashdown constantemente somente para dar a si mesmo um tempo a mais com ela. Ele se divertiria a observando, fingindo que não estava olhando para ela. Agora fazer disso seria muito esquisito para os dois.

- Então... Nikolas – disse Liz enquanto eles rumavam para fora do prédio e se direcionavam para o estacionamento.

- É... Nikolas. Desculpa, ele é um completo imbecil. O que foi que ele disse sobre humanos? Aquilo foi completamente inaceitável – disse Max – E Isabel nem ao menos abriu a boca para dizer o quão errado ele estava. Eu não pude acreditar.

- Max, você não deveria estar se desculpando por Nikolas – respondeu Liz – Só porque ele é um alienígena também, não significa que você seja responsável por

ele.

Max sacudiu a cabeça.

- Eu acho que todos nós teremos que ser responsáveis por ele. Se ele usar seus poderes do modo errado, o Xerife Valenti irá atrás dele... e isso é perigoso para todos – disse Max – Alguma dúvida?

- Eu sei – disse Liz – Farei uma festa surpresa para Nikolas. Ele ficará tão emocionado que perceberá que eu não sou um inseto.

Max bufou.

- Isso é melhor que meu plano.

- Que seria...?

- Eu não tenho um – ele admitiu. E ele precisava de um. Ele não podia deixar essa coisa com Nikolas sair do controle.

Eles subiram no Jeep e Max saiu do estacionamento.

- Tem que haver algum modo de convencê-lo o quão perigo é o Xerife Valenti – disse Liz – Eu sei que Nikolas pensa que pode simplesmente usar seu poder para Matar Valenti, mas ele está se esquecendo que Valenti é parte de uma organização. Se um agente do Project Clean Slate acabar morto, tenho certeza que haverá algum tipo de investigação, e mais agentes apareceriam aqui.

- Você sabe disso e eu sei disso, mas eu não tenho a sensação que Nikolas é alguém que responde a um argumento lógico – respondeu Max.

- Talvez possamos falar com Isabel e ela possa falar com Nikolas – sugeriu Liz.

- É, porque todos sabemos o quanto Isabel é lógica e racional – disse Max. Sua irmã odiava que dissessem a ela o que fazer. Ela realmente acreditava que as regras não se aplicavam com ela. É, ela tem sido cuidadosa com seus poderes ultimamente - Mas isso era somente porque ela ainda estava um pouquinho assustada sobre o que aconteceu com o Valenti. Agora que Nikolas a convenceu que ela não deveria estar com medo do Xerife, Max não estava certo do que ela iria fazer. Mas ele achava que Isabel e Nikolas faziam uma combinação muito perigosa.

- Nikolas obviamente foi discreto até agora sem ninguém ter descoberto a verdade sobre ele – disse Liz – Então ele não é completamente impulsivo.

- Ao menos que ele simplesmente esmague todo mundo que chegar perto de descobrir – Max respondeu.

- Eu acho que uma festinha de um alienígena assassino iria sair em todas as manchetes - Liz respondeu.

Max de repente percebeu que ele e Liz estavam realmente tendo uma conversa. Ele disse algo, ela disse algo, ele disse outra coisa. Sem pausas estranhas.

Ele estacionou seu Jeep em frente ao restaurante. Liz estendeu a mão e tocou

em seu braço e ele sentiu o corpo todo tremer.

- Max, eu te conheço – ela disse – Sei que você está pensando que todo esse lance de Nikolas-e-Isabel é algo que você tem que resolver. De algum modo é de sua responsabilidade ter certeza de que nada de mal aconteça. Mas você não pode controlar tudo. Você vai ficar louco se tentar fazer isso.

- É porque se eles resolverem sair da linha e começarem a usar seus poderes, nós todos podemos acabar em perigo também – disse ele.

- E se isso acontecer, nós todos vamos pensar no que fazer. Juntos – Liz disse a ele.

Max concordou com a cabeça. De repente ele havia voltado a não saber o que dizer. Liz apanhou sua bolsa e mochila, então hesitou.

- Uh, você acha que vai poder ir ao cinema com todos nós hoje a noite? – ela perguntou sem exatamente olhar nos olhos dele.

Max não sabia se ele seria capaz de lhe dar com um filme. E se ele acabasse sentando ao lado de Liz? Ele não achava que sobreviveria duas horas ao lado dela no escuro sem tocá-la.

Bem, ele teria que se testar hoje a noite.

- Não vou poder. Estou começando no meu novo trabalho.

- Ah, certo. Espero que dê tudo certo – Liz deu um pulo para fora do Jeep – Valeu pela carona.

Max rumou para a rua e dirigiu os dois quarteirões que levavam ao Museu do OVNI. Talvez, uma vez que Max estivesse no seu trabalho por algum tempo, ele iria sugerir fazer algum tipo de acordo com o Crashdown. Do tipo se ele levasse um ticket do Museu, ele ganharia uma sobremesa de graça ou algo assim.

Ele sacudiu a cabeça enquanto estacionava no estacionamento do museu. Ele estava fazendo de novo. Sem nem ao menos tentar, ele pega qualquer coisa que vê, lê ou escuta e arruma um jeito de fazer uma ligação com Liz. Como ele estava no caminho para o museu, ele ligou o museu ao Crashdown Café porque os dois eram relacionados a alienígenas, e era fácil ligar o Crashdown a Liz porque ela trabalhava lá e seus pais eram os donos do lugar. E foi assim que ele teve a idéia de fazer algum tipo de acordo entre o museu e o restaurante.

“Patético”, ele pensou.

Max deu uma olhada em seu relógio. Hora de entrar. Ele pulou para fora do Jeep. Seu novo chefe, Ray Iburg, pareceu legal na entrevista. E trabalhar no museu deve ser mais divertido do que seu último trabalho... fazer pesquisas para seu pai. Talvez se seu pai fosse advogado criminal, talvez fosse mais interessante. Mas seu pai fazia todo o trabalho das leis, e Max estava cheio de ler

sobre vazamento de óleo.

Ele atravessou as portas do museu, e um macacão branco veio voando até ele. Um macacão branco coberto com diamantes falsos.

- Seu uniforme – Ray Iburg chamou.
- Obrigado, Sr. Iburg – disse Max – Eu estava realmente querendo trabalhar aqui.
- Ray, você tem que me chamar de Ray – ele respondeu – Se não vou me sentir como se fosse cem anos mais velho.

Max ficou imaginando quando anos Ray tinha. Havia meio que pouco cabelo no topo de sua cabeça e tinha algumas partes cinza. Mas a pele dele parecia como se ele pudesse estar num daqueles comerciais de creme facial. Era limpa e lisa. Max não viu nem uma ruga.

- Decidi que é hora do museu fazer uma completa e perfeita exploração sobre a conexão Elvis-Alenénígena. – disse Ray. – Foi por isso que peguei os novos uniformes. Eu achei que poderíamos nos inspirar em algumas costeletas também. Ou talvez eu pudesse fazer alguns das sobras dos tapetes.

Max concordou como se tivesse entendendo qualquer coisa que seu novo chefe estava falando. Era seu primeiro dia. Ele queria dar uma boa impressão.

- Eu comecei com uma grande exibição de toda essa falação sobre essa foto de Marte – continuou Ray.
- Marte - Max repetiu. Esse cara era doido? Será que ele havia acabado de ganhar um emprego para trabalhar com um completo lunático?
- Você não faz nem idéia do que estou falando, não é? – perguntou Ray.
- Uh, não – admitiu Max – Acho que terei que ler alguma coisa, ou algo assim.
- Existem fotos incríveis da superfície de Marte que mostra uma rocha gigante formando uma escultura que parece a cara de Elvis. Pelo menos é o que algumas pessoas acham – explicou Ray. – Carl Sagan fez uma grande citação sobre isso. Ele disse "De todas as bilhões e bilhões de rochas de Marte, acontece de essa ser parecida com o Rei. Rancorosamente, admito que isso talvez possa ser um sinal, não de vida inteligente fora da terra mas de alienígenas com baixos padrões de entretenimento".

Max sentiu uma onda de gargalhadas crescer dentro dele. Ele tentou se segurar. Ele não queria ofender Ray.

Ray lhe deu um tapinha no ombro.

- Tudo bem se você rir – ele disse. – Fico rindo sobre isso o tempo todo – ele deu uma olhada ao redor do museu – Apenas tente e se contenha quando estiver falando com as pessoas que vêm aqui. Eles levam isso muito a sério.
- Certo – disse Max. Ele pensou que gostaria desse emprego. Ray parecia

bastante legal.

- Vá experimentar seu macacão. Quero ver se vai se ajustar corretamente – disse Ray a ele – Há um banheiro lá atrás.

Max caminhou com o macacão luminoso, se lembrando de nunca deixar nenhum de seus amigos o encontrarem no trabalho. Eles iriam rir até a cabeça cair se o vissem vestido como Elvis.

Elvis. Será que ele poderia fazer uma ligação em Liz e Elvis? Ela não tinha um cão de caça. Ele achou que ela tivesse alguns sapatos azuis, mas não de camurça.

“Eu estou completamente obcecado”, ele pensou. “Eu preciso viver minha vida”.

—===—

- Então, o que é que a gente vai ver? – perguntou Maria.

- O que você acha desse novo filme que tem o Freddy e o Jason? – sugeriu Michael. Ele se espremeu entre Maria e Liz no banco de trás do carro de Alex. Não que ele estivesse reclamando.

- Parece assustador – disse Maria.

Era exatamente por isso que ele sugeriu. Assistir ao filme de terror na casa de Maria foi divertido. Ela entrou realmente no clima, gritando e praticamente cavando buracos em seus braços com suas unhas.

- Você não precisa ficar nervosa comigo por perto – provocou Michael.

- Liz odeia filmes de terror – disse Maria – Ela é muito científica. Ela está sempre tipo “Se alguém foi cortado tantas vezes por um machado, com certeza, estaria morto”.

- Então o que você quer ver, Liz? – ele perguntou.

Ela não respondeu. Ela apenas continuou a encarar a janela com a testa pressionada contra o vidro. Maria se virou para Michael e disse apenas mexendo os lábios a palavra Max. Ele concordou. Ele deveria ter reconhecido o olhar apaixonado. Ele vê esse olhar na cara do Max o tempo inteiro.

- E vocês dois? – Michael perguntou a Isabel e Alex

- Tanto faz – respondeu Isabel. Ela continuou pintando as unhas com um verde pálido.

- Não me importo – disse Alex.

Michael e Maria se entreolharam. Alex e Isabel geralmente tinham fortes

opiniões sobre qual filme assistir e não se importavam em dizer para todos em voz alta.

Alex tinha até uma lista que se recusava permanentemente a ver. Ele a chamava da Lista S. Ele se recusava a ir a qualquer filme que qualquer crítica o havia descrito como sensível, qualquer filme legendado ou qualquer filme com a Meryl Streep. Tinha um monte de outros tópicos, mas Michael não podia se lembrar.

--Okay, então – disse Michael – Freddy e Jason.

Ele tinha uma idéia realmente forte do porquê Alex e Isabel estavam tão quietos. Ele apostaria qualquer coisa que os dois estavam pensando em Nikolas... por razões completamente diferentes.

Michael se perguntou se Nikolas acabaria fazendo parte do grupo, indo para o cinema com eles e essas coisas. Ele realmente não conseguia ver isso. Nikolas havia saído demais da linha com Liz no almoço. Ele teria que se desculpar e muito e tomar alguma atitude com relação aos humanos, antes que ele esteja apto para se divertir com eles.

“Poderia acontecer”, pensou Michael. Isso meio que aconteceu com ele. Antes daquela noite que Max criou a conexão entre os seis, Michael não tinha o menor interesse em sair para se divertir com os humanos.

Ele nunca pensou neles como inseto ou nada assim, do jeito que Nikolas parece pensar. Ele não tinha nenhum problema em se juntar para jogar um joguinho rápido de basquete com alguns deles ou até flertar um pouquinho com alguma humana bonita.

Mas antes da conexão nunca houve um humano que Michael pensou nele como amigo. E agora “amigo” não parece uma palavra forte o suficiente para descrever como ele se sentira com relação a Maria, Liz e Alex. Eles eram mais como uma família, totalmente ali para ele. Ele nunca pensou que se sentiria assim por mais ninguém além de Max e Isabel.

E essa família de amigos era o motivo dele poder se mudar de casa em casa sem se torturar. Ele não precisava de pais adotivos para lhe apoiar ou amar ou o que quer que fosse. Ele já tinha isso. Ele sempre teve isso de Max e, claro, Isabel. Mas agora ele tinha isso vindo dos humanos. O fato de Maria, Liz e Alex se tornarem parte dessa família até agora só o fez bem.

Ele pensava que formaria esse tipo de laço com outro alienígena quase que imediatamente. Só porque eles têm as mesmas lembranças de sua espécie, o mesmo código genético. Só porque nenhum deles pertencem a este planeta. Mas Nikolas pareceu não ter nenhum interesse em ao menos falar com ele ou Max. Era como se tudo o que eles compartilharam fosse nada para ele. Ele só parecia

interessado em Isabel.

Michael olhou para Izzy no banco da frente. Ela não merecia a um cara como Nikolas. Ela era muito boa para ele, não importa de que planeta ele veio.

Alex estacionou no estacionamento do shopping. Maria e Michael desceram, mas ninguém mais fez qualquer coisa para sair do carro. Michael deu uma olhada para Maria e balançou a cabeça. Eles deveriam ter ido ao cinema com três zumbis, isso seria provavelmente muito mais divertido.

- Por favor, recolham todos os seus pertences nos compartimentos superiores, e muito obrigada por voar conosco – disse Maria enquanto abria a porta de Alex.

Michael se dirigiu para trás do carro e abriu a porta de Liz.

-Tcha-tchau – ele disse. Ela lhe deu um sorrisinho e saiu do carro.

Ele e Maria lideraram o caminho atravessando o estacionamento. Michael ficava olhando para trás para ter certeza de que Alex, Isabel e Liz estavam os seguindo. Ele sentiu como se estivesse liderando uma excursão escolar do jardim da infância ou algo assim.

Um motor de motocicleta rugiu atrás deles.

- Oh-ou – murmurou Maria.

Michael se virou... e viu Nikolas dirigindo veloz através do estacionamento. Indo bem na direção deles.

Ele deu uma olhada para Isabel. Ela estava tentando parecer quase desinteressada. Mas ele podia dizer que ela estava completamente doida por Nikolas ter aparecido.

“Eu realmente tenho que falar com ela sobre esse idiota”, pensou Michael.

Nikolas deu uma freada ao lado deles. Ele não disse uma palavra. Ele apenas estendeu a mão para Isabel. Antes que Michael pudesse fazer qualquer coisa, antes mesmo que ele pudesse ao menos decidir o que *queria* fazer, Isabel pulou na moto e Nikolas disparou com um rugido.

- Uau – disse Maria.

- Eu não gosto disso – murmurou Alex.

“Grande surpresa”, pensou Michael. Mas ele também não havia gostado. Ele não gostava da idéia de Isabel estar sozinha com Nikolas. É, Nikolas era um alienígena, ele era um deles. Mas isso não significava que Isabel deveria automaticamente confiar nele.

Michael com certeza não confiava.

—=(7)=—

- Você se importa se eu cortar isso? – Maria ergueu uma revista da penteadeira de Liz.

Assim que as duas voltaram do filme elas já haviam dissecado toda essa situação de Isabel-Nikolas-Alex. Então dissecaram o filme. Agora Liz estava trabalhando em seus pedidos de faculdade e Maria estava trabalhando em suas unhas. Maria amava o modo com que ela e Liz poderiam simplesmente sentar no mesmo lugar juntas, cada uma fazendo suas coisas, às vezes falando, às vezes sem falar. Você tem que ser realmente amigo de alguém antes de parecer assim tão confortável para basicamente ignorá-lo por um longo período de tempo.

- Claro. Posso perguntar por quê? – perguntou Liz. Ela grudou alguns selos em seus pacote de pedidos que estava enviando para a UCLA.

- Eu vi uma menina no shopping que tinha essas palavrinhas coladas em cada unha. Eu queria experimentar – respondeu Maria.

Liz ligou seu computador e abriu o gráfico dos seus pedidos de faculdade. Ela digitou datas na coluna de pedidos enviados para UCLA e Brown.

- Então, que palavras eu devo usar? – perguntou Maria.

- Você pode colocar uma nota de resgate – sugeriu Liz – Os seqüestradores não usam sempre letras rasgadas de jornais e tal para a polícia não poder identificá-los pela caligrafia?

Maria jogou um travesseiro nela.

- Muito engraçado. Eu estava pensando mais em algum tipo de mensagem subliminar.

- Ah, do tipo 'Sou fácil, qual seu número do telefone?' – provocou Liz.

- Ha. Ha. Ha. 'Me avise quando você estará jogando em Las Vegas' – disse Maria.

Liz pegou outra revista e a jogou na cama ao lado de Maria.

- Talvez eu faça uma mensagem subliminar também. Algo que faça Max desistir desse acordo de “apenas amigos”.

- Estou surpresa que ele ainda não tenha desistido até agora – disse Maria – Se você pudesse ver o modo como ele olha pra você quando ele sabe que você não ta vendo... uau.

Liz sacudiu a cabeça.

- Estamos fazendo de novo. Estamos conversando sobre Max. Eu prometi a você que iria te dar um tempo disso.

- Fale sobre ele o quanto você quiser – disse Maria – Estarei lhe enviando a conta.

Ela pegou com dificuldade a tesoura de unha em cima da penteadeira de Liz e cortou a palavra *amor*.

- Nós precisamos arrumar um garoto para você ter com quem você possa se queixar também – disse Liz – Eu acho que Kyle Valenti está disponível.

- Kyle 'o polvo' Valenti? – Maria enrugou o nariz – Sabe, essa não é a pior idéia. Eu poderia sair com ele e usar toda a minha sedução feminina para conseguir todos os tipos de informações secretas sobre Xerife Valenti.

Liz ficou muito séria.

- Me prometa que você nunca vai fazer algo assim. É muito, mas muito perigoso.

- Prometo. Promessa de melhor amiga – disse Maria. A promessa de melhor amiga foi algo que Liz e Maria inventaram quando estavam na quinta série. Maria ainda guardava a lista de coisas terríveis que aconteceria se alguém quebrasse a “Super-séria Absolutamente Inquebrável Promessa de Melhor Amiga”.

- Ótimo – Liz mudou a página da revista.

- De qualquer modo, assistir a você, Max e Alex não me fez exatamente desejar me apaixonar por alguém. Não é como se eu precisasse de mais dor na minha vida. Digo, minha mãe já está tendo encontros... com *minhas* roupas.

- Alex realmente pareceu bastante inconsolado quando Isabel saiu com Nikolas – disse Liz.

- Fiquei surpresa por você ter notado. Você parecia bastante dentro de um daqueles seus temores 'onde-oh-onde-pode-estar-meu-pequeno-Max'.

- Eu percebi. Pobrezinho – Liz deu uma olhada a Maria – Eu costumava pensar que talvez você e Alex... – ela deixou o resto da frase no ar.

- É, quando ele se mudou para Roswell o ano passado, eu tive alguns momentos que pensei que talvez fosse. Mas não. Digo, ele é completamente fofo, e realmente engraçado. Mas ele apenas não é pra mim, sabe? Ele não... – Maria deu de ombros.

- Ele não faz teu coração palpitar? – sugeriu Liz.

- Exatamente.

O som melancólico da banda The Doors começou a tocar pela casa. Liz podia sentir o chão vibrar com a batida.

- Acho que meus pais estão de volta – ela disse.

Maria franziu a sobrancelha.

- O seu pai está bem?

Maria conhecia Liz desde a segunda série. Ela já havia quebrado as regras há muito tempo atrás. Quando o pai de Liz estava de bom humor, ele escutava a banda Grateful Dead. Os Dead eram absolutamente o ponto alto na escala musical do humor dele. The Doors eram absolutamente o contrário. E agorinha mesmo ele estava escutando The Doors.

- O aniversário de Rosa é amanhã – explicou Liz.
- Ah – Maria sussurrou – É, sinto muito. Eu deveria ter me lembrado. Você está bem?

Liz confirmou com a cabeça. O aniversário de sua irmã mais velha não a atingia do jeito que atingia a seus pais. Não era porque Liz não amasse Rosa. Quando ela era pequenininha, adorava Rosa e estava sempre tentando chamar a atenção dela. Aquela coisa clássica de irmã mais velha e irmã mais nova.

Não é como se ela não pensasse mais em Rosa perto do aniversário dela. Ela pensava em Rosa da mesma forma de sempre, o que era muito. Tipo todos os dias.

Tinha uma vizinha na cabeça de Liz que sempre sussurrava: Não seja como a Rosa. Às vezes parecia com a voz de sua mãe, às vezes com a voz de sua tia Elena, às vezes como a voz de sua *abuelita*, às vezes como de seus tios ou primos. Mas na maioria das vezes, parecia com a voz de seu pai.

E Liz dava muito duro para ter certeza de que ninguém, nem seu papa ou qualquer um, tivesse que ter medo de que ela fosse ter uma overdose do jeito que Rosa teve quando ela estava no colegial. Liz era uma estudante A, e ela iria provavelmente terminar como oradora da turma. Ela sempre se lembra dos aniversários de seus parentes, sempre avisa aos pais quando vai chegar tarde. Ela sempre se lembrou de passar o fio dental em até mesmo quando estava realmente cansada.

Liz deu uma olhada em seu computador para a lista de todas as escolas que ela havia feito o pedido. Às vezes ela mal podia esperar pela graduação e dar o fora da cidade. Morar num lugar onde ninguém sabia nada sobre Rosa e ninguém se preocupasse que Liz iria acabar ficando exatamente como ela.

- Ei, você ficou tão quieta. Sinto muito – disse Maria – Eu não queria que você começasse a pensar sobre coisas tristes.
- Você não fez nada. Tá tudo bem – Liz torceu o seu cabelo em um nó no topo de sua cabeça – Então, e o Michael? – ela perguntou... Ela queria mudar de assunto *imediatamente*.

Maria levantou a cabeça.

- Michael?
- É. A gente já acabou de falar de sua vida amorosa – disse Liz.

- Da falta dela, você quis dizer – interrompeu Maria.
- E nós já falamos da minha e da de Max e Isabel e Alex – Liz continuou – Sobre o Michael. Você acha que tem alguém que ele goste no colégio?

Maria cortou a palavra *dor* da revista e cuidadosamente a adornou.

- Não que eu saiba – respondeu – Você acha que Michael poderia alguma vez, digo, será que ele iria querer sair com uma humana?
- Eu acho que ele costumava se afastar dos humanos – disse Liz – Mas isso foi antes dele realmente perceber como nós somos maravilhosos.
- Eu me pergunto se essas maravilhas irão convencer Nikolas que humanos são gente também – Maria comentou.
- Não tenho certeza. Eu não acho que Michael alguma vez pensou em nós como insetos – respondeu Liz. Ela balançou a cabeça e seus longos cabelos negros caíram sobre seus ombros – Eu tenho uma sensação realmente ruim sobre Nikolas. Eu sei que Max está preocupado com ele também.
- O que você acha que Nikolas e Isabel estão fazendo agora? – perguntou Maria. Ela pintou as unhas com tinta clara e cuidadosamente colocou um pedaço de papel no topo.
- O que quer que estejam fazendo, espero que não estejam usando seus poderes – disse Liz – Não estou pronta para um confronto direto com Valenti outra vez.
- Você acha que deveríamos contar a Max que Isabel deu o fora com o Nikolas? – perguntou Maria.

Liz pensou sobre isso. Isso seria uma desculpa para ligar para Max, ouvir sua voz, se torturar um pouquinho. Mas não tinha nada que ele pudesse fazer. Não há nada que nenhum deles possa fazer se Nikolas e Isabel decidirem agir loucamente com seus poderes.

- Não – ela disse – Digo, não é como se os dois estivessem fazendo nada ilegal.

—————

- Uh, as palavras ‘invasão de domicílio’ significam algo pra você? – Isabel perguntou a Nikolas.
- Regras de humanos são para humanos – ele respondeu – O quê? Você nunca usou seus poderes para arrombar um cadeado? – Nikolas olhou atrás de seus ombros para ela.
- Acho que apenas vivi uma vida certinha – ela respondeu.
- Eu posso dar um jeito nisso – ele disse. Um lento e desalinhado sorriso passou pelo rosto dele.

Isabel sentiu seu estômago revirar. Ah, sim. Nikolas com certeza sabe o que fazer.

- Se concentre nas moléculas do ferro e pressione para juntá-las. Não é lá muito difícil – explicou Nikolas. Ele abriu a porta e colocou Isabel dentro.

O lugar cheirava como... um salão de boliche. Isabel pensava que boliche era basicamente nojento. Ela havia ido somente uma vez no aniversário de alguma criança quando ela era pequena. Mas ela se lembrava que todo o processo era ruim. Você tinha que calçar sapatos que já estiveram em um monte de pés fedorentos antes do seu. Até os buracos das bolas pareciam sujas. Sempre tinham migalhinhas ou bolas sujas ou alguma coisa dentro delas.

A única razão para ela estar ali era que Nikolas queria ir ao boliche, e Isabel queria estar onde Nikolas estivesse. O que foi o primeiro. Os caras sempre chegavam em Isabel. Mas Nikolas não é um cara comum, ela lembrou a si mesma.

- Eu acho que essas bolas grandes deixam o jogo mais fácil. Eu uso essas – Nikolas vagou por umas das mesas de bilhar e pegou umas duas bolas listradas. Ele a passou uma e ela ficou surpresa como aquilo era pesado.

Ele levantou a ponta de sua blusa para fazer meio que um saco e colocou um bocado de bolas dentro. Isabel tentou não encarar o estômago dele. Era durinho e liso, com cada grupo de músculos claramente definidos. Ele era perfeito. Ele não era muito musculoso nem muito magro. Completamente delicioso.

- Vamos lá – disse Nikolas. "Come on," Nikolas said. Ele ligou uma fila de interruptores com o cotovelo e fez o caminho para a pista mais próxima.

"Pelo menos bola de bilhar não tinha aqueles buraquinhos nojetinhos", pensou Isabel.

Nikolas colocou as bolas de bilhar no chão de madeira polido. Ele pegou uma das bolas e jogou pista abaixo. Os pinos caíram com um barulho alto.

"Eu havia me esquecido do barulho", pensou Isabel. Outra maravilhosa parte do ambiente de boliche.

- Woo-hoo! – gritou Nikolas – Um strike pra mim.

Isabel sorriu. Talvez existissem alguns momentos em que Nikolas fosse um cara normal. Era meio que fofo.

- Você trapaceou, de qualquer forma – ela disse a ele. – Eu pude sentir você usando o poder para empurrar a bola.

Nikolas se sentou e baçançou a cabeça para ela.

- Alguém fez um número em você – ele disse. – Por que usar o poder é

trapacear? Nós nascemos com isso. É trapacear pra você ser tão bom quanto você pode ser? Você nasceu com esse cabelo, esses olhos e... todo o resto.

Então ele pensava que ela era bonita. Bom, é melhor ele se ligar, ou ele iria acabar com um daquelas caras que seguiam Isabel pelos cantos com saliva caindo de suas bocas. Ela gostava desse pensamento – gostava muito.

- Max apenas pensa que usar os poderes é perigoso – disse Isabel. Ele a havia ensinado que seus poderes eram algo que ela só deveria usar numa emergência. Claro, que ela usava muito mais do que isso, mas ela sempre meio que se sentiu culpada.

Nikolas bufou.

- Max. Max precisa entender que ele não é humano. Ele nunca será humano. E isso é uma coisa muito boa.

Ele se deitou de barriga no chão. Isabel sentiu poder surgir e de repente Nikolas estava a toda velocidade pista abaixo, planando cerca de um centímetro acima do chão de madeira. Ele derrubou os pinos com a cabeça. E ficou de pé com um pulo.

- É! Um humano poderia fazer isso?

Isabel sacudiu a cabeça.

- Um humano iria querer fazer isso? – ela perguntou.

- Você tem que tentar – ele disse – É como voar.

Voar. Só em estar com Nikolas era como voar. Ela se sentira completamente livre com ele. Livre, leve e brilhante. Tão completamente diferente do modo como ela se sentia perto de Max e dos outros. É, ela se preocupava com eles, e sabia que eles se preocupavam com ela. Mas às vezes parecia que eles estavam a arrastando para baixo com todas as preocupações e cautela e cuidados deles.

- Você vai tentar ou não? – exigiu saber Nikolas.

- Nem pensar. Isso é como um passo além de esmagar latas de cerveja com a cabeça, o que é um truque humano bem estúpido - sim, ela tinha concordado em ir a pista de boliche, mas ela tinha que desenhar a linha de separação em algum momento. Além do que, não era bom para Nikolas fazer tudo do jeito dele o tempo todo.

- Você não devia dizer não pra tudo. Você devia tentar de tudo pelo menos uma vez - disse Nikolas.

Um segundo depois Isabel se encontrava de barriga para baixo, flutuando um centímetro acima do chão, indo diretamente na direção dos pinos.

- Nikolas, não! – ela berrou. Quando sua cabeça estava quase batendo nos pinos, Isabel voou mais para cima, no ar.

Nikolas entrou na pista, se vangloriando e a encarou.

- Agora vai me dizer que isso não foi divertido – ele disse. E ela sentiu estar sendo colocada gentilmente de pé.

- Foi divertido – ela admitiu. De fato, ela nunca havia sentido nada como aquilo... foi como a montanha russa mais incrível do mundo.

- Estou faminto. Será que eles têm aqueles bares nesse lugar? – perguntou Nikolas. Ele caminhou para trás do salão – Ponto. Eles têm uma máquina de sorvete – ele saltou sobre o balcão de madeira.

Isabel entrou por baixo. Ela alcançou a lâmpada na parede, mas Nikolas a impediu de acender.

- É mais divertido no escuro – ele murmurou.

Isabel deu de ombros. Ela podia ver melhor no escuro, de qualquer forma.

- Você alguma vez já ficou em baixo da máquina de sorvete? – ele perguntou. Ele puxou a mão dela e a levou para a máquina.

- Ah, não. Não. – disse Isabel – Estou vestindo uma blusa nova.

- Então tire – desafiou Nikolas. Ele tirou a blusa dele e a jogou no canto.

Isabel decidiu colocar um sorrisinho na cara dele. Até porque não era como se seu sutiã não cobrisse tudo como um biquíni. Ela desabotoou os botões de sua camisa vagarosamente, provocando um pouquinho. Ele merecia.

Ela sentiu um pouco de satisfação quando percebeu os músculos na garganta de Nikolas trabalharem. “Te peguei, não é?”, ela pensou. Bom, isso era simplesmente justo. Olhando para Nikolas sem a blusa estava fazendo umas coisas interessantes com ela também.

- Certo, venha e sente-se no chão e posicione sua cabeça em baixo da torneira – Isabel notou que a voz dele estava um pouco rouca. E ele estava tendo tanta sorte em tentar não olhar para seus seios quanto Isabel tinha de manter os olhos afastados do abdômen dele.

Nikolas pegou uma garrafa de mostarda em cima do balcão.

- Podemos usar isso como acompanhamento.

- Não acredito que estou fazendo isso – disse Isabel. Mas ela tomou sua posição em baixo da máquina e abriu a boca. Nikolas ligou a torneira. A máquina começou a zumbir então uma grande bola de sorvete caiu no nariz dela. Ela começou a sufocar.

Nikolas desligou a máquina e pegou alguns guardanapos. Ele pegou o queixo de Isabel entre os dedos e começou a limpar o rosto dela. Ele podia ser tão selvagem, tão cruel. Mas às vezes quando ele a tocava, ele era tão completamente gentil.

- Divertido, né? – ele perguntou.

- É, você tem que tentar – Isabel empurrou a cabeça de Nikolas para baixo da torneira e a ligou. Ele inclinou a cabeça para trás e pegou alguns pedaços de sorvete com a boca. Ele apertou a mostarda depois disso.

- Essa é uma boa combinação? – perguntou Isabel – Eu geralmente coloco molho Tabasco.

- Quer provar? – Nikolas puxou Isabel para perto dele e a beijou. Um beijo que a fez perder suas forças. Ela correu os dedos pelas costas nuas dele. Músculos bem definidos em uma pele lisa e quente. Hummm.

Nikolas passou a língua no pouco de sorvete que estava no nariz dela. Então se aproximou para outro beijo. Isabel pressionou suas mãos contra o peito dele.

- Espera – ela sussurrou.

- Eu não gosto de esperar – disse Nikolas.

Isabel o encarou, se sentindo perdida em seus olhos dourados. Sua respiração pareceu parar em sua garganta.

- Nikolas... – ela sussurrou enquanto a boca dele se aproximava da dela.

- Ei! – uma voz grossa gritou – Quem é que está aí atrás?

Isabel se afastou de Nikolas e espiou por cima do balcão. Uma das seguranças estava ali de pé, estreitando os olhos pela escuridão.

- Fique aqui – Nikolas sussurrou.

Ele engatinhou até o fim do balcão e começou a circular atrás do segurança. Isabel mal pôde agüentar olhar. A qualquer segundos ele seria pego.

Max iria matá-la. Michael também. Ela pegou sua blusa e a colocou. Se ela estava para ser presa ou algo assim, ela queria estar completamente vestida.

O segurança se aproximou do balcão e Nikolas agiu. Ele tocou a nuca do segurança e ele instantaneamente desmoronou no chão.

- Vamos – Nikolas chamou. Isabel mergulhou em baixo do balcão e quase pisou na mão do segurança.

Ela deu um pulo para trás, encarando o homem no chão, horrorizada.

Nikolas pegou o braço dela e a levou em direção a porta.

- Vamos – ele repetiu. Ele correu para fora até sua moto e a colocou atrás dele. Então, ligou o motor e saiu do estacionamento.

Isabel buscava ar. “Nikolas matou um cara”, ela pensou freneticamente. Num segundo ele estava me beijando, no outro ele matou alguém.

Ela levou suas mãos até o lado do banco da moto. Ela preferiria cair a tocar em Nikolas agora.

Ao menos ele estava a levando para casa. Ele entrou na rua dela e estacionou em frente a casa dela. Ela praticamente caiu da moto e tropeçou para longe dele.

Nikolas pegou a mão dela de volta e a puxou para ele.

- Nem um beijinho de boa noite? – ele perguntou.

- Você matou alguém – lhe repreendeu Isabel. Ela tentou tirar sua mão fora, mas Nikolas não deixou.

- Um humano – respondeu Nikolas – O quê? Você nunca deu um tapa numa mosca ou pisou numa barata?

- Já chega com esse negócio de inseto! Eu tenho que entrar – disse Isabel. Ela sabia que Nikolas não tinha o menor interesse nos humanos. Mas ela nunca imaginou que ele iria realmente matar um.

Nikolas apertou sua mão.

- Brincadeira. Estou brincando. Eu não matei o segurança. Eu só o apaguei.

Ele saiu da moto e colocou suas mãos nos ombros de Isabel.

- Ele vai ficar bem.

- Sério? – perguntou Isabel. As batidas de seu coração diminuindo um pouco.

Nikolas a beijou novamente.

- Sério. Agora chega de conversar sobre humanos – ele jogou os braços dele em volta dela e a beijou até deixá-la sem ar, ela não podia falar sobre nada.

—(8)—

Liz se apressou para fora do restaurante. Ela queria passar as próximas duas horas fazendo pesquisa sobre o debate contra Arlene Bluth. Arlene já checou cada livro que a livraria da escola tinha sobre o tópico das duas. Liz não acreditava que Arlene precisava de cada um dos livros para se preparar... Ela apenas queria que Liz não os tivesse. Isso seria confraternizar com o inimigo, e Arlene nunca fazia isso.

Então Liz estava indo para a biblioteca pública, esperando que Arlene já não tivesse checado lá também. Enquanto ela cruzava a Alameda, o Xerife Valenti apareceu ao seu lado.

Liz não diminuiu a velocidade, mas também não aumentou, ficaram lado a lado. Se ele quer me perguntar algo, ele terá que falar primeiro, Liz pensou. Por que ela facilitaria para ele?

- Você parece bem, Srta. Ortecho – disse Valenti finalmente – Achei que talvez você pudesse estar sofrendo pelo seu amigo morto.

Liz parou de repente. Andar não estava funcionando. Era hora de se restabelecer, mesmo pensando que ficando ao lado do xerife desse jeito fazia os pelinhos de sua nuca se arrepiarem.

- Não sei do que você está falando – ela disse.

Valenti arrumou seus óculos de sol para mais perto. Liz odiava esses óculos. Quando ela tentava olhar nos olhos do xerife, tudo o que podia ver era duas imagenzinhas dela mesma refletida neles.

- Talvez eu esteja enganado – ele contestou – Eu presumi que o alienígena que dirigia o caminhão para o Lago Lee era o que você estava tendando com todas as forças protegê-lo quando falamos da última vez.

Ele pausou, deixando um intervalo de silêncio entre eles. A garganta de Liz parecia tão seca e áspera quando uma lixa. Ela engoliu rapidamente, na esperança de Valenti não ter notado. Ela não queria que ele percebesse que ele estava fazendo ela ficar muito nervosa.

- Mas eu tenho uma nova evidência que sugere que ainda exista ao menos um alienígena em Roswell – continuou Valenti – Talvez seja por isso que você parece tão bem hoje. Talvez seu alienígena esteja são e salvo, não decomposto no fundo de um lago sem fundo.

Ele estava certo, os alienígenas de Liz, Max e Michael estiveram no caminhão que Valenti falava. Mas ele pularam para fora antes que ele batesse na ponte. Não havia nenhum alienígena decomposto no lago, apenas um velho caminhão

enferrujado.

Claro que Liz não iria dizer isso a Valenti. E ela não iria começar a fazer um monte de perguntas a ele ou começar a protestar também. Falar com ele era perigoso. Você podia não planejar contar nada, mas ele tinha um modo de usar cada palavra para manipular você a dizer cada vez mais e mais.

- Eu sei, eu sei, você não acredita em alienígenas – disse Valenti respondendo por ela – Mas uma das suas criaturas que não existem arrombou o salão de boliche a noite passada.

- É, todo mundo sabe que Alienígena ama boliche – Liz não pôde resistir em responder a essa – Não tem a menor chance de ter sido apenas humanos procurando se divertir.

- Eu poderia concordar com sua teoria se não fosse pelo segurança – disse Valenti – Ele foi encontrado inconsciente. Nenhuma evidência de batida na cabeça dele. Nenhum problema médico.

Ele tirou os óculos e a estudou com seus frios olhos cinza. Ela não soube decidir qual era pior, não poder ver os olhos dele ou vê-los.

- Eu consigo pensar numa explicação – ele disse – Esse guarda foi incapacitado por poderes alienígenas.

“Nikolas”, pensou Liz. E se Isabel não ajudou, eu aposto tudo que ela ao menos estava lá quando ele fez.

Valenti a encarou por mais alguns infinitos momentos, então recolocou os óculos de sol.

- Eu suspeito que, como sempre, você sabe mais do que escolhe me dizer. Apenas se lembre, da próxima vez, um humano pode acabar morto... e você não fez nada para prevenir isso de acontecer.

Ele virou os calcanhares e se caminhou para longe. Liz o observou até que ele ficasse fora de vista.

“O que vamos fazer?”, ela pensou. Como vamos deixar o Valenti longe de descobrir a verdade dessa vez?

—==—

- Você sabia que o cara que tirou a primeira foto de Elvis foi também o que filmou a autópsia dos quatro alienígenas do acidente de Roswell? – perguntou Ray a Max.

Max balançou a cabeça. Era apenas seu segundo dia no emprego e ele ainda estava tentando se acostumar com o jeito que o cara estava sempre dizendo algo

escandaloso.

- Quero que você entre na Internet e veja o que consegue achar sobre ele. Acho que o nome dele é Barret, algo assim – disse Ray. – Você pode usar o computador na mesa de informações. Se alguém aparecer com uma pergunta que você não pode responder, me chame. A gente tem umas perguntinhas bem complicadinhas aqui.

- Você que manda, chefe – disse Max – Ele caminhou para o computador e o ligou. Isso deve ser meio que divertido. Ele sempre gostava de ler as teorias das pessoas sobre o Incidente Roswell. Uma de suas favoritas eram que os alienígenas eram na verdade anjos. Era bastante engraçado pensar em Michael como um anjo. Ou Isabel. Sua irmã não faz exatamente o tipo angelical.

Ele digitou alienígena e Elvis na caixa de procura e clicou em enter. Ele se mexeu na cadeira de metal. Todos os diamantes falsos no macacão de Elvis estavam grudando nele. Ele só esperava que Ray não decidisse fazer alguma exibição de alguma conexão entre Marilyn Monroe e alienígenas por que ele não iria se vestir que nem ela, sendo o emprego legal ou não.

Uma lista de mais de mil possibilidades que se encaixavam com alienígenas e Elvis apareceu. Max estudou os vinte primeiros da lista, tentando imaginar qual deles era o melhor para obter a informação que ele precisava.

Max escutou passas apressados em direção da mesa de informações. Deu uma olhada por cima e viu Liz. Ele saltou, preocupado e se apressou a dar a volta na mesa para encontrá-la.

- O que foi? – ele sabia que tinha alguma coisa séria. A aura de Liz que era geralmente tranqüila estava ondulando e dançando em volta de sua cabeça, listras vermelhas passando pelo bonito âmbar.

- Max, por que você não descansa um pouco? – pediu Ray.

- Vamos – Max levou Liz ao pequeno restaurante atrás do museu. Estava quase vazio. Ele puxou uma cadeira para Liz e se sentou em sua frente – Me diga.

- Valenti me parou quando saí do trabalho – disse Liz rapidamente. Ele podia ouvir um pequeno tremor em sua voz – Ele disse que sabe que ainda tem um alienígena em Roswell.

- Ele só estava te sondando ou ele... – começou Max.

- Ele disse que alguém invadiu a pista de boliche a noite passada. Eles derrubaram o segurança... mas o cara não tinha nenhum ferimento na cabeça e não estava drogado nem nada. Valenti pensa que um alienígena usou poder para deixá-lo assim.

- Nikolas – disse Max. Por que ele ainda não achou um modo de parar o Nikolas?

- É – Liz olhou para as mãos dela, que estavam juntas em cima da mesa – E Max? Acho que Isabel estava com ele. Ontem a noite quando fomos ao cinema... bom, menos você... Isabel saiu com o Nikolas – ela falou bem depressa.

Max se deixou cair para trás em sua cadeira, com um suspiro.

- Eu pensei em ligar para você – disse Liz – Mas não liguei porque pensei que não tinha nada que você pudesse fazer. Você ou qualquer um de nós.

Max deixou sua cabeça cair em suas mãos. Ele não precisava de ninguém ligando para ele. Ele sentira o poder sendo usado a noite passada. Por que é que ele não mantinha Isabel afastada de Nikolas? Ele deveria tê-la amarrado na cadeira, se precisasse.

É, como se essa fosse mesmo uma opção. Mas tinha algo que ele poderia ter feito, algum modo de...

Liz alcançou a mão dele.

- Você parece papai quando está pensando em minha irmã. Ele fica encarando o nada e eu quase posso escutá-lo pensando, 'E se, e se, e se'. Não comece a colocar a culpa em si mesmo, Max. É perda de tempo.

Ela estava certa. Era perda de tempo. Ele deveria estar imaginando o que fazer agora. Ele esfregou seu rosto com os dedos. Certo. A primeira coisa que ele tinha que fazer era alertar Isabel sobre Valenti.

- Eu volto já – ele disse a Liz. Ele levantou tão rápido que derrubou a cadeira. Ele a deixou caída lá e procurou por Ray pelo museu. Ele o achou limpando alguns fósseis na exibição que ilustrava que os homens se desenvolveram de alienígenas, não de primatas.

- Uh, Ray, eu meio que tenho uma emergência de família. Eu sei que estou apenas descansando um pouco, mas preciso sair. Eu volto. Trabalharei até tarde. Você não precisa me pagar, ou...

- Vá – disse Ray – E me deixe saber se há algo que eu possa fazer.

- Obrigado – Max correu de volta para o restaurante – Vamos achar Isabel – ele disse a Liz. Eles se apressaram para o Jeep – Acho que vamos tentar lá em casa primeiro. Se ela não estiver lá, Michael, Maria e Alex nos ajudarão a procurar.

- Claro que ajudarão – respondeu Liz.

Ele tirou o carro de estacionamento. Ele queria acelerar, mas forçou a si mesmo a dirigir no limite da velocidade. Ser parados por Valenti agora não seria uma coisa inteligente para se fazer.

Sua casa só era alguns quilômetros de distância, mas parecia como horas antes dele virar para a rua.

- Ela está lá – disse Liz – Eu posso ver a moto de Nikolas na garagem.

Max procurou pelo carro de seus pais. Não estava lá. Bom. Ele estacionou em frente a casa, saltou para fora do Jeep e caminhou para o gramado. Liz estava

bem atrás dele. Ele estava feliz por ela estar aqui. Ele sabia que ele não deveria estar feliz, mas estava.

- Isabel – ele gritou assim que passou da porta.
- Estou aqui – ela respondeu da sala de estar – Qual o problema?

Ele se apressou pelo hall e viu Isabel e Nikolas no sofá. Ela estava praticamente sentada no colo dele e tinha os lábios inchados. Obviamente ele havia interrompido uma sessão de pegação. Ele não queria nem pensar em Nikolas tocando em sua irmã.

- Meus parabéns, Nikolas – cuspiu Max – Você voltou a cidade, em o que, algumas semanas? E você já tem Valenti procurando por você.
- O quê? – choramingou Isabel.
- Ele me fez um monte de perguntas – disse Liz – Ele sabe que tenho alguma conexão com o alienígena que ele procura. Ele apenas não pode provar.
- Você está bem? – começou Isabel.
- Você não tem nada pra dizer? – interrompeu Max, ele encarava Nikolas.
- Eu te disse que não estou preocupado com o Valenti – respondeu Nikolas.
- Eu acho que você também não estava preocupado com o segurança do salão de boliche. Aquele que você o derrubou inconsciente – disse Max – Como você deixou ele usar o poder assim? Você sabe que nunca usamos o poder para fazer mal.
- Ei, ela não me deixou fazer nada – disse Nikolas, raiva saindo de sua voz – E você pode ter um bocado de regras sobre como usar o poder, mas eu não tenho.
- Max, ele não machucou o cara – disse Isabel.
- Não me defenda – disse Nikolas entre os dentes. Ele se levantou e colocou a jaqueta.
- Como você sabe que ele não machucou o cara? – exigiu saber Max - Como você sabe se ele não causou um dano permanente no cérebro daquele guarda, ou algo assim?
- Ah, por favor. Eu não posso ficar nem mais um segundo escutando essa choradeira – disse Nikolas – Você quer ver o que fiz com o guarda? Isso fará você se sentir melhor?

Em três longos passos ele ficou ao lado de Liz.

- Nikolas, não! – gritou Isabel.

Nikolas tocou a testa de Liz, e ela desabou no chão.

- O que você fez? – berrou Max.
- Apenas uma demonstração – respondeu Nikolas enquanto ele saía da sala.

Max queria correr até ele e derrubá-lo no chão. Mas ele não podia deixar Liz. Ele se ajoelhou ao lado dela. Ela estava tão tranqüila e pálida.

- Ela está bem? – choramingou Isabel.

Max a ignorou. Faça a conexão, ele ordenou a si mesmo. Esqueça Nikolas, esqueça Isabel. Esqueça tudo menos Liz. Ele gentilmente pousou suas mãos na testa dela. Instantaneamente ele está dentro. Ele tinha se tornado tão próximo de Liz que ele poderia provavelmente formar uma conexão sem nem ao menos tocá-la.

Certo, o que Nikolas fez no corpo de Liz. Não, no corpo dos dois. Nada separava Max e Liz agora. Ele podia sentir os batimentos cardíacos dela dentro dele. Sentir o sangue dela correr nas veias dele.

Max concentrou sua atenção no cérebro dela. Nenhuma fratura em seu crânio. Nenhum rompimento na superfície. Ele foi mais fundo, explorando o arco do crânio. Procurando o mais profundo e velho gânglio onde o cérebro se torna a medula espinhal. Checando rachaduras nos vasos sanguíneos.

Sim. Ele encontrou. Uma ruptura em uma das artérias estava formando um coágulo. O tecido cerebral estava inchando. E a pressão estava forçando o tronco do cérebro a se desligar da base do crânio.

Ela ficaria bem. Ele poderia concertar isso. Ele precisava apenas se concentrar.

Max moveu as moléculas de sangue com sua mente, gentilmente quebrando o coágulo. Então, ele apertou as células da parede arterial danificada para se juntarem, fechando a ruptura. O tronco do cérebro se deslocou parcialmente, voltando a sua posição.

Os olhos de Liz se agiraram, depois se abriram.

- Ela está bem? – repetiu Isabel, sua voz alta e abalada.

Max não respondeu. Ele encarava Liz observando as cores voltarem vagarosamente ao rosto dela.

- O que aconteceu? – ela murmurou. Ela fez força para se sentar, e algumas gotas de sangue caíram de seu nariz.

Max gentilmente a deitou no chão novamente e cuidadosamente limpou o sangue na manga de sua camisa. Ele apanhou um travesseiro sofá e passou por baixo da cabeça de Liz.

- Não tente se mexer ainda.

- Max, o que aconteceu? – ela repetiu.

- Liz. Sinto muito. Sinto muito, muito mesmo – disse Isabel suavemente.

- Do que você se lembra? – perguntou Max a Liz. Ele não podia agüentar dizer a ela o que Nikolas havia feito. Isso nunca deveria ter acontecido. Max deveria ter

sabido disso Ele deveria tê-lo impedido.

- Eu me lembro de estar dizendo a você o que aconteceu com Valenti. Lembro de vir até aqui. Lembro de Nikolas dizendo que ninguém iria dizer a ele... dizer a ele qualquer regra sobre como usar o poder dele.

- Então ele usou o poder dele em você. Ele a derrubou no chão para demonstrar o que ele fez com o guarda – continuou Max. Ele deu um olhar enfurecido a Isabel, então retornou sua atenção a Liz – Exceto que o que ele fez com você foi muito mais forte. Ele lhe deu um coágulo sanguíneo que precisaria de uma neurocirurgia.

- Se você não estivesse aqui... - disse Liz – Você salvou minha vida de novo. Meu herói – ela sorriu, e por um momento Max achou difícil respirar. O modo como ela o olhava... fazia ele se sentir completamente fraco.

Max sacudiu a cabeça.

- Salvar sua vida não é lá muito heróico quando eu sou aquele que a coloca em perigo. Eu deveria ter parado isso – ele disse a ela – Eu deveria...

Liz levantou a mão e alcançou os lábios dele com os dedos.

- Não – ela disse apenas isso.

Max beijou as pontas dos dedos dela. Ele sabia que não deveria tocá-la. Não daquele jeito. Mas ele não podia se controlar.

- Eu deveria pegar alguma água, ou... – Isabel começou.

Max se levantou.

- Você já fez o suficiente – ele berrou – Isso não teria acontecido se você tivesse ficado afastada de Nikolas.

- Você está culpando a mim? – ela gritou – Eu não fiz nada.

- Você saiu com ele depois de todos nós te dizermos que ele era perigoso – respondeu Max – Nós sabíamos que ele iria trazer o Valenti direto para nós. Mas você tinha que ficar o perseguindo, de qualquer forma.

- Nikolas disse que não temos que nos preocupar com relação a Valenti – protestou Isabel – E ele está certo. Com nossos poderes podemos nos livrar dele facilmente.

- Matá-lo, você quer dizer? – exigiu saber Max – De repente, você não tem problemas com assassinato?

- Não se isso significar salvar as nossas vidas – exclamou Isabel, seus olhos azuis brilhando de raiva.

- Nossas vidas não estavam em perigo, se lembra? – perguntou Max – Achamos um modo de nos livrar de Valenti sem machucar ninguém. Pelo menos até Nikolas começar a brincar com os poderes dele. Espero que você tenha se divertido, Isabel.

Liz se esforçou para se levantar.

- Não façam isso, pessoal. Vamos apenas pensar no que vamos fazer.

Max passou os braços dele em volta da cintura de Liz. Ela não parecia muito bem para ficar de pé.

- Isabel obviamente precisa de ajuda para pensar no que vai fazer, então eu direi a ela – ele virou-se para a sua irmã e falou cada palavra devagar e deliberadamente – Isabel não verá mais o Nikolas. Isabel não usará mais seus poderes, Isabel...

- Isabel está de saída! – ela gritou. Ela correu para fora da sala. Um momento depois Max escutou a porta da frente bater. “Ótimo”, ele pensou. “Eu realmente lhe dei com isso muito bem”

- Ela vai se acalmar – disse Liz – O que Nikolas fez comigo a fez pensar, posso te garantir. Ela vai pensar na coisa certa a se fazer.

Max de repente percebeu que estava sozinho com Liz, a segurando em seus braços. Seria tão fácil apenas aproximá-la e colocar seu rosto perto do dela. Isso era tudo o que ele queria fazer.

Mas ele não podia. Ficar próxima dele era perigoso para Liz. Tudo o que acontecera a ela hoje, apenas provava isso.

Lentamente Max afastou seu braço dela.

- É melhor eu te levar pra casa.

—=(9)—

- Eu trouxe algumas caixas. Não estava certa se você tinha caixas suficientes – disse Maria.

- Eu realmente não tenho um monte de coisas – respondeu Michael.

“Ele não está brincando”, Maria pensou dando uma olhada no quarto dele. Michael tinha as roupas perfeitamente dobradas em sua cama. Um par de tênis e um par de botas de cano longo estavam no canto. Uma caixa de CDs e um Walkman descansavam em cima de sua cômoda ao lado de uma pilha de livros sobre o Incidente Roswell, uma par de mapas, um compasso e um fichário.

E era só isso. Maria tinha mais porcarias em cima de seu guarda-roupa do que Michael tinha em todo o seu quarto.

Uma imagem apareceu de repente na cabeça de Maria. Era uma grande caixa de papelão coberta com flores que tinha todas essas coisas da infância dela. Sapatinhos de bebês e lápis de cor para desenhos e diplomas antigos. Tinha até pequenas anotações que Maria deixava para seus pais na geladeira. Seus pais guardaram tudo aquilo para ela porque eles sabiam que ela iria querer algum dia, talvez quando ela tivesse seus próprios filhos.

Na verdade, essas foram as coisas pelo qual os pais dela mais brigaram quando o seu pai se mudou. Ele queria levar as caixas de Maria e Kevin com ele. A mãe dela disse que de jeito nenhum. Eles acabaram dando as caixas para Maria e Kevin guardá-las, mesmo que só pensassem em fazer isso quando os dois saíssem de casa. Seus pais ainda gostavam de adicionar coisinhas de vez em quando. Ou, pelo menos costumavam fazer A.D., Antes do Divórcio.

Maria pegou uma das caixas e começou a empacotar os livros. Será que Michael alguma vez já desejou que tivesse algo do primário? Algum projeto de ciência ou agenda? Ou talvez um brinquedo especial. Ela sorriu enquanto imaginava Michael brincando com um daqueles brinquedos de Transformers que praticamente todo garoto tinha pelo menos um.

- Quê? – ele perguntou.

- Anh?

- Você tá aí dando risadinhas feito mongol – ele provocou.

Não tinha nem chance dela dizer a Michael que havia percebido que ele não tem nenhuma coisa de quando era pequeno. Provavelmente soaria muito sentimental ou como se ela tivesse pena dele, ou algo assim, e ele iria odiar completamente isso.

- Certo, eu admito. Eu estava meio que sonhando acordada que eu era uma dessas heroínas de livros de romance – disse Maria. Ela imaginava que o melhor

que ela podia fazer para Michael agora era manter o bom humor. Deveria ser difícil empacotar todas as coisas, suas poucas pequenas pilhas de coisas, pela milionésima vez e ser arrastado para outro grupo de pessoas estranhas.

Michael bufou.

- Você diz aquelas garotas com vestidos longos com os melões pulando pra fora?

Maria adicionou alguns CDs e o Walkman na caixa dela.

- É, uma dessas garotas – ela respondeu – Mas tenho que te dizer, nenhum herói romântico nesses livros usou nenhuma vez a expressão melões.

- Então como eles chamam aquilo? – ele abriu a mochila e colocou suas roupas dentro.

- Eles chamam de orbes – disse Maria com exatidão.

- Ah, baby. Você não sabe o que significa pra mim quando você fala a palavra orbe – brincou Michael.

Maria deu uma olhada ao redor, procurando por algo para enfiar na caixa. Ela localizou um par de Saleiro e Pimenteira de cerâmica que tinha a forma de uma abelha grande no peitoril da janela dele. Ela pegou os dois.

- Devo empacotar isso aqui? – perguntou.

Michael tirou o objeto das mãos dela.

- Isso era dos meus primeiros pais adotivos. Eu achei que iria viver lá pra sempre, até mesmo quando o cara do serviço social me disse que seria apenas temporário. Eu ficava pensando que os Salingers iriam mudar de opinião e ficar...

As bochechas de Michael ficaram vermelhas de repente. Ele jogou o saleiro no lixo.

- Eu não sei porque estive carregando isso comigo por todo o lugar – ele murmurou.

- Ei, tem certeza? Eles são meio que fofos – Maria deu um passo em direção a lixeira para recuperá-las.

- Deixe aí – mandou Michael.

Maria apanhou a fita adesiva e se apressou em ficar ocupada fechando a caixa. Ela podia sentir lágrimas chegando aos olhos dela, e ela não queria que Michael percebesse. E obviamente já estava se sentido humilhado por revelar que um dia ele foi uma criancinha que queria um lar de verdade. Ela não queria que Michael visse o quão triste ela achava que era aquilo.

- Você não quer saber o equivalente dessa palavra... o que equivalente no

masculino, que eles usam nesses livros?

- Você tem muito o que aprender se pensa que ao menos existe um equivalente – respondeu Michael.

- Você sabe o que estou querendo dizer – riu Maria.

- Eu quero ouvir você dizer – ele disse – Não acredito que você vai conseguir. Não com os seus pequenos e inocentes lábios.

- Eu te disse pra não me chamar de inocente – reclamou Maria.

Pronto. Ela havia feito. Ela mudou o assunto de um outro que Michael obviamente não poderia agüentar falar. Ela esperava que ele percebesse que se ele alguma vez quisesse falar, ela estaria ali para ele. Ela sempre estará ali para ele.

====

Max encarava a tela do computador. Nenhum resultado encontrado. Como não podia ter resultados para alienígenas e Elvis? Nem eram duas horas atrás quando ele havia achado milhares de resultados.

Ele deu uma olhada no campo de pesquisa. Ele tinha digitado as duas palavras erradas. Max inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Pelo menos eu soletrei certo, ele pensou. Depois do que aconteceu, isso era realmente uma coisa boa.

Ele não podia parar de ficar lembrando da imagem de Liz desabando no chão. Ele não podia parar de pensar no modo como Nikolas apenas saiu tranqüilo da casa como se o que ele tivesse feito a Liz não fosse grande coisa. E ele não podia parar de se perguntar onde estava Isabel.

- Tendo problemas? – Ray perguntou.

Max levantou a cabeça e abriu os olhos. Ele estava perdendo o controle. Ele nem ao menos ouviu Ray se aproximar. Essa era apenas sua segunda noite no emprego. Ray deve pensar que contratou um completo idiota.

- Não, sem problemas – disse Max rapidamente – Eu devo conseguir algumas coisas daquele fotógrafo bem rápido – ele digitou no campo de busca novamente. Ele não pôde se controlar em dar um pequeno gruído quando percebeu que havia colocado dois dêns no final.

- Você está bem? – perguntou Ray – Você não precisava ter voltado se tem algo errado acontecendo em sua casa.

Max suspirou.

- Eu quis voltar. Não tem nada que eu possa fazer lá, de qualquer maneira.

Ray concordou. Ele não perguntou mais nada, mas ele também não se afastou. Ficou claro que se Max quisesse falar, Ray queria escutar. Mas se Max não quisesse estava tudo certo também.

- É apenas a minha irmã que está envolvida com esse cara... – Max hesitou. Não é como se ele pudesse contar a Ray o que estava realmente acontecendo.

- Um rapaz que você não aprova, claramente – disse Ray.

- Ele está a encorajando a fazer coisas, coisa que ela não faria por conta própria – respondeu Max.

- Você acha que ela está em perigo? – Ray perguntou, ele olhou diretamente nos olhos de Max.

- Sim. Sim, eu acho – respondeu Max.

Ray pegou uma cadeira, colocou ao lado de Max e se sentou.

- Você pode não gostar dessa sugestão, mas você já considerou falar com seus pais? – ele perguntou.

Max desejou que pudesse falar com seus pais sobre isso. Eles eram ótimos em crises. Ele não ficavam culpando ninguém ou nada disso. Eles eram realmente práticos. Eles compreendiam o que precisava ser feito e faziam. Claro que algumas vezes depois tinham alguns gritos. Mas eles simplesmente arrumavam as coisas.

Mas Max não podia pedir ajuda de seus pais com essa situação de Isabel. Eles não sabiam que ele e Isabel eram alienígenas. Claro, eles sabiam que havia algo estranho sobre o fato de encontrar duas crianças pequenas vagando sem roupas ao lado da estrada principal. E depois que eles os adotaram, tentaram encontrar a história dos dois. Mas eles nunca apareceram com nenhuma resposta.

Naqueles tempos seria impossível para Max contar a verdade sobre ele e Isabel a seus pais. Ele não sabia que era um alienígena... não até alguns anos depois quando ele viu fotos das ruínas do acidente em Roswell e reconheceu alguns símbolos de sua câmara de incubação. Ele viu fotos da autópsia dos alienígenas também. E leu as estórias sobre o governo ameaçar as testemunhas do acidente. Foi aí que ele percebeu que ser um alienígena colocava ele e Isabel... e todos a volta deles, em perigo. Eles fizeram um pacto de nunca contar a ninguém.

Max não iria quebrar esse pacto agora. Se seus pais souberem a verdade, eles estariam em perigo por causa do Valenti. Max não podia deixar isso acontecer. Ele não iria arriscar a vida de seus pais também.

- Penso que pelo seu silêncio, envolver seus pais não é uma opção – disse Ray.

- É, realmente não é – respondeu Max – Acho que vou apenas lhe dar com isso sozinho.

Ray se levantou.

- Se você alguma vez quiser me contar mais sobre o que está acontecendo, sabe onde me achar – ele vagou pela prateleira perto da entrada.

“Eu vou apenas manter o olho bem aberto em Isabel”, Max pensou. “Não me importo o quanto ela me odeia. Vou saber todo o passo que ela dá. Vou chamar os outros para me ajudar”

Mas primeiro ele tinha que encontrá-la. Para onde será que ela foi quando saiu correndo de casa? Max esperava que ela tivesse ido até o Michael. Ou para a caverna deles.

Mas ele tinha a sensação que ela foi direto para Nikolas.

—===—

Isabel entrou com violência no quarto de Michael.

- Você tem que tirar o Max do meu pé – ela berrou.

Então registrou o fato de que Maria estava lá. Ela nem ao menos pensou na possibilidade de Michael não estar sozinho. Ele estava sempre sozinho... menos quando ele estava se divertindo com ela e Max.

Ou pelo menos costumava ser assim. Isabel não podia se lembrar de Michael ao menos sair com alguma garota que não fosse ela. Parecia um pouco estranho ver Maria aqui, parecendo tão confortável no quarto dele.

Isabel sacudiu essa sensação para longe. Não era como se Maria fosse tomar o lugar dela na vida de Michael ou nada assim. E Maria era uma de suas melhores amigas agora. Todos os humanos – Alex, Liz e Maria – se tornaram parte da “família” de Isabel que se formou no momento que Max fez a conexão entre eles.

Isabel tentou explicar isso para Nikolas, mas ele não quis ouvir. Ele nem ao menos queria que ela mencionasse os humanos para ele. Não era exatamente como se ele os odiasse. Ele apenas não queria perder tempo falando sobre eles.

- Então o que Max fez agora? – Michael perguntou – Ele quis que fosse sua vez de lavar a louça ou algo assim?

Isabel sabia que Michael realmente não acreditava que era algo sem importância. Ela queria jogar tudo para ele, mas não em frente a Maria. Pela primeira vez desde a conexão ela tinha algo que só queria dividir com sua própria espécie. Ela desejou que Maria entendesse a indireta e sáísse, ela parecia completamente distraída. E Isabel estava furiosa demais para esperar.

- Ele mandou que eu ficasse afastada de Nikolas – ela explodiu – Ele está sempre me dizendo o que fazer. Não use seu poder. Seja cuidadosa. Vá ali. Faça isso. Blá, blá, blá. Ele me deixa doente. Por que ele pensa que tem que ser responsável por todos nós? Você tem a mesma idade que ele, Michael. Se alguém tem que está no comando, por que não pode ser você? Por que ele tem que automaticamente ter controle de tudo?

Michael se levantou, pegou Isabel pelos ombros e a sentou na cama, ao lado de Maria. Ele se apoiou contra a cômoda com os braços cruzados... sua postura de não-me-enrole.

- Comece do começo – ele a instruiu. – E não deixe de contar nada
- Ontem a noite Nikolas e eu fomos nos divertir na pista de boliche – disse Isabel – Mas era meio que tarde e não estava aberto.
- Traduzindo: vocês invadiram – disse Michael. – E?
- E nós brincamos por lá. Comemos algumas coisas. Jogamos boliche com bola de bilhar – respondeu Isabel. Ela sabia que iria ter que chegar na parte do segurança, mas seria difícil.
- E? – repetiu Michael.
- E então o segurança quase nos apanhou, então Nikolas usou o poder dele para noucateá-lo – revelou – Mas ele está bem. Nikolas não o machucou realmente. Liz disse, que o Xerife Valenti disse...
- Espera. Volta aí. Como é que Valenti entrou nessa estória? – Michael exigiu saber.
- Valenti perguntou a Liz algumas coisas sobre o que aconteceu. Ele acha... – Isabel descobriu que não podia olhar para Michael ou Maria.
- Ele acha que um alienígena derrubou o cara – Michael terminou por ela.
- Exato – ela admitiu. Ela olhou para Maria. O que ela estava pensando? Ela não disse uma palavra desde que Isabel chegou ali.
- Eu acho que precisamos marcar um encontro – ela disse lentamente – Acho que precisamos sugerir outro plano para lhe dar com Valeti.

Obrigada, Maria, pensou Isabel. Pelo menos tinha uma pessoa que não iria gritar com ela. Maria lembrava a Isabel, um pouco de sua amiga Tish. As duas sempre queriam acreditar no melhor das pessoas.

- Antes de começarmos a trabalhar num plano, eu acho que Isabel tem alguma outra coisa para nos dizer. Certo, Iz? – perguntou Michael.

Droga, ela pensou. Michael tinha que sempre fazer isso. Ele não apenas sabia quando Isabel estava mentindo, ele sabia quando ela estava encobrindo a verdade ou escolhendo não dizer tudo. Michael a conhecia melhor do que qualquer pessoa no mundo. Era como se ele pudesse ver em sua alma, com aqueles penetrantes olhos cinza.

- Max e Liz apareceram lá em casa agora a pouco. Nikolas estava lá comigo. Max bancou o todo correto, do modo como ele sempre faz. Ele começou a dizer a

Nikolas o que fazer. E Nikolas ficou, tipo, por que *ele* teria que escutar o Max? O que é bem verdade.

Isabel tomou um grande fôlego. Seu peito apertou.

- Foi aí que Nikolas tentou mostrar a Max, mesmo pensando que ele não teria que fazer, que ele realmente não machucou o segurança. Ele... ele tocou Liz e a derrubou. Eu acho que ele acidentalmente causou um pouco mais de dano do que ele pretendia. Ele estava com raiva. Ele só queria provar que...

- O quê? – explodiu Michael

- Ele derrubou Liz? – Maria gritou – Ela está bem?

- Ela está ótima. Max a curou – explicou Isabel – Foi estupidez de Nikolas. Realmente estúpido. Vou falar com ele sobre isso.

E ela iria falar. Se ela pudesse fazer Nikolas entender como ela sentiu ao ver Liz estendida no chão, com aquelas gotinhas de sangue em seu rosto... ele nunca mais faria nada como isso novamente. Ela estava certa disso.

E não era como se ele tivesse realmente ferido Liz. Nenhum dano permanente ou algo assim. Ele a apenas a derrubou. Ela estava bem.

- Não, você não vai falar com ele – disse Michael com a voz fria – Você não vai nem ficar um metro perto desse cara de novo.

Isabel se virou para Maria. Ela havia entendido, não havia? Nikolas não quis...

- Eu não quero ouvir isso – ralhou Maria – Eu não posso acreditar que você ainda queira sair com uma cara que fez isso com Liz.

- E eu não posso acreditar que vocês estão sendo tão críticos – respondeu Isabel – Vocês não estão nem dando uma chance a Nikolas.

Ela saltou para fora da cama e correu para fora do quarto. Ela não queria ouvir nem mais uma palavra de nenhum dos dois.

Isabel andou para fora da casa e rumou para a rua. Ela andava rápido, os braços balançando. Então ela começou a correr, se forçando a correr cada vez mais rápido. Ela se concentrava em sentir seus pés batendo no chão, a sensação de queimação que crescia em suas pernas, as batidas fortes de seu coração.

Tentou se perder nas sensações físicas. Mas ela não podia deixar de ver Liz caindo no chão imóvel. Ou Max gritando com ela, ordenando que ela nunca mais visse Nikolas novamente. Ou a voz fria de Michael insistindo que ela teria que se afastar de Nikolas.

Eles estavam tratando ela como se fosse uma criança. Eles nem ao menos a escutaram quando ela os contou que ela falaria com Nikolas sobre o que ele fez. Ela sentaria com ele e contaria toda a estória de como Liz, Maria e Alex

arriscaram suas próprias vidas para ajudar a combater Valenti. Ela faria Nikolas escutar. Ela faria ele entender. Ela sabia que podia fazer isso.

Mas não, eles não confiavam o suficiente nela para pensar que ela poderia lher dar com as coisas por conta própria. Eles pensavam que podiam tomar o passo a frente e começar a dar ordens. Eles pensavam que ela era impulsiva e idiota.. eles sempre se sentiriam assim quando fosse com ela.

Bom, Isabel não iria mais agüentar isso. Eles não confiavam nela, mesmo quando ela se comportava exatamente do jeito que eles queriam. Então por que se incomodar em tentar fazê-los felizes?

Ele deu a volta para a rua dela e diminuiu a corrida. Ouviu o motor de uma motocicleta atrás dela.

Nikolas. Ele queria que ela fizesse somente o que ela gostasse. Ele não queria fazê-la voltar, ou fazê-la ser cuidadosa, ou dizer a ela o que fazer.

Ela se virou e correu na direção dele. Atirou-se nos braços dele.

Isabel sempre riu das meninas que ficavam todas caídas pelos seus namorados. Ela achava que elas pareciam desesperadas. Patéticas.

Mas agora ela entendia como elas se sentiam. Ela precisava de Nikolas, como precisava de ar em seus pulmões. Esperar até um minuto a deixava sem ar. Ela não podia desistir dele. Não por qualquer um.

—=(10)—

- Eu tô te expulsando, certo? Eu esqueci que tem algo que tenho que fazer – Michael praticamente puxou Maria para a porta da frente – Valeu por me ajudar a empacotar e tudo o mais.

- Uh, certo. Tchau – disse Maria.

Ele fechou a porta atrás dela, então caminhou direto para o telefone. Ele iria ligar para Max, e eles iriam achar Nikolas. Agora. Não tinha nem chance de Michael deixar Nikolas escapar disso que ele fez com Liz. Não importava que Liz não tivesse se machucado. Ninguém tocaria em nenhum membro de sua família e sairia assim.

Michael discou com violência o número de Max. Tocou algumas vezes, então caiu na secretária eletrônica. Michael desligou. Ele não podia esperar que Max chegasse em casa. Ele hesitou por um segundo, então discou o número de Alex.

Alex atendeu no segundo toque. Michael rapidamente o deixou por dentro.

- Estou indo te apanhar – disse Alex. Ele desligou antes que Michael pudesse dizer outra palavra.

Michael apanhou a jaqueta em seu quarto, então ele parou em frente a janela que dava para ver a rua. Pelo menos os Hughes não estavam em casa, então ele não teria que responder a qualquer pergunta sobre para onde ele estava indo.

Seus pais adotivos não têm estado muito perto desde que o Sr. Cudduhy deu a notícia de que ele se mudaria para outra casa. Uma noite eles iam para o cinema, na outra eles iam para um jantar na casa de um amigo. Mas Michael pensavam que essas eram realmente apenas desculpas para dar o fora da casa, se afastar dele. Era completamente evidente que a Sra. Hughes estava desconfortável na presença dele. Ela quase parecia envergonhada quando o via no corredor. O Sr. Hughes basicamente o ignorava. O que estava bem para Michael. Era melhor do que sempre estar no meio de um combate com o cara.

Michael reconheceu o carro de Alex virar a rua. Ele trancou a porta. O segundo que ele saiu de casa, ele sentiu. O forte odor de ozônio, cheiro de poder sendo usado. A momento depois ele sentiu um zunido familiar formigando pelo seu corpo. Todos os pelos em seus braços se eriçaram.

Nada bom, ele pensou enquanto trotava na direção do carro de Alex. Isso não é nada bom. Ele subiu no banco de passageiro e bateu a porta. Alex deu partida no carro, mal dando tempo de Michael colocar o cinto de segurança.

- Sabe aquelas placas que tem aqueles numerozinhos? Elas estão ali pra dizer a velocidade certa para dirigir com segurança.

Era uma piada sem graça. Ele nem sabia porque havia falado isso. Talvez porque Alex parecia pronto para explodir.

Alex não deu um sorriso.

- Onde vamos começar a procurar? – ele perguntou.

- Boa pergunta – respondeu Michael – Eu nem mesmo sei onde ele mora. Vamos apenas olhar os lugares certos - não é como se Roswell fosse uma grande cidade. – Não tinha tantos lugares assim onde você podia ir num sábado a noite.

- Até Nikolas e Isabel não seriam tão idiotas de voltarem a pista de boliche. Vamos tentar o OVNIacos – sugeriu Alex.

- Boa idéia. Isabel ama dançar – disse Michael. As mãos de Alex apertaram o volante. “Ah, ótimo”, pensou Michael. “Por que eu simplesmente não ofereci colocar algum sal em sua ferida? - Apesar de que eles provavelmente podem nem estar juntos - ele adicionou.

Alex lhe deu um olhar de “Ah, me poupe”. Michael decidiu que ficar calado era provavelmente uma boa idéia. Ele encarou a janela, olhando as casas bem cuidadas do lado sul passar por eles.

Quando Alex virou para a Rua Principal, Michael começou a procurar no estacionamento pela motocicleta de Nikolas. Ele pegou alguns flashes de luzes pelo canto dos olhos – Vire aqui – ele mandou.

Os pneus do carro de Alex derraparam com barulho enquanto Alex virava 180° na Mescalero – Eu quero ver o que está acontecendo no 7-Eleven – murmurou Michael. A cruiser do Xerife Valenti e uma ambulância estavam estacionadas na frente do local.

Alex estacionou o carro do outro lado da rua.

- Você sabe o que aconteceu lá? – ele perguntou a um menino num skate.

- Alguém invadiu o lugar – o menino respondeu – Eu acho que estavam drogados e fizeram a maior comilança. Todas aquelas sacolas de comidas foram rasgadas. Eu queria que tivessem me convidado.

- Mas e a pessoa responsável pela caixa registradora? – perguntou Michael.

- Arriou – o menino respondeu – Eu não sei com o que eles bateram nele, mas deve ter sido pesado.

Alex saiu da rua.

- Não queremos estar aqui. Vai chegar uma hora que Valenti vai começar a perguntar a todos sobre o que viram.

- Se isso foi Nikolas e Isabel que...

- Se? – Alex perguntou.
- É, você tá certo – disse Michael – Eu não acho que eles irão sair por aí depois de fazer isso. Vamos dar uma olhada na caverna.

Alex concordou com a cabeça. Ele dirigiu para fora da cidade, e aumentou a velocidade na estrada principal, rumando mais e mais rápido para o deserto. Ele nem ao menos falava, e isso estava deixando Michael assustado. Alex geralmente falava constantemente. Era como se algum mutante clone de Alex estivesse ali no carro com ele. Michael ligou a rádio só para ter algum tipo de barulho.

- A caverna fica a esquerda daqui a alguns quilômetros – disse Michael – Você acha que seu carro agüenta?

Alex nem ao menos diminuiu a velocidade. Ele varou para dentro do deserto.

- O chão é bastante duro... nós ficaremos bem, Eu não quero mais perder tempo.

Michael ouviu um galho quebrar em baixo do carro de Alex. E Alex nem ao menos desviou para evitar bater. Ele estava numa missão. Michael sempre achou realmente difícil acreditar que Alex vinha de uma longa linhagem de militares. Agora não mais.

- Eu vejo a moto de Nikolas – avisou Michael – Estacione aqui. Eu quero surpreendê-los.

Alex estacionou e silenciosamente eles saíram do carro. Atravessaram a boca da caverna. Michael se jogou para dentro, Alex logo atrás dele.

Isabel levantou a cabeça do saco de dormir no canto. Ela rapidamente abotoou os dois botões de cima de sua blusa. Nikolas levantou-se mais vagarosamente. Ele provavelmente queria ter certeza de que Alex soubesse exatamente o que ele interrompeu, pensou Michael.

Michael e Alex caminharam em direção a Nikolas. Ombro a ombro, eles o encararam. Nikolas olhou de volta de um para o outro, seus lábios se curvando em um sorrisinho.

- O que você fez com Liz é inaceitável – disse Michael a Nikolas.
- Eu te disse... – começou Isabel.
- Ninguém está falando com você – Michael devolveu. Ele deu um passo a frente – De agora em diante você ficara afastado de nós – ele continuou. – Todos nós. Se você não fizer haverá conseqüências.
- Quero que vocês dois saiam daqui – Isabel apanhou as costas da jaqueta de Michael e tentou puxá-lo para longe. Ele a fez parar.
- E é pra eu ter medo de vocês? – perguntou Nikolas.
- Isso mesmo – respondeu Alex – Você quer uma prova? Ficarei feliz em lhe dar.

Michael olhou para Alex. Sua aura estava cheia de bolhas cor de aço e um vermelho profundo. Nem um vestígio de medo. Alex não estava só falando. Ele estava mais do que preparado para enfrentar Nikolas.

- Se isso é para me impressionar ou algo assim, Alex, não está dando certo – Isabel informou a ele.
- Novidade, Isabel. Nem tudo é sobre você – respondeu Alex – Isso aqui é sobre Liz. Eu não deixo ninguém machucar meus amigos.
- Enquanto você está tão ocupado protegendo a todos, quem é que vai proteger você? – perguntou Nikolas baixinho. Então, num movimento rápido, ele alcançou a testa de Alex e a tocou. Os olhos de Alex rolaram para trás e ele desabou no chão da caverna.

Com um pequeno engasgo, Isabel correu e ficou de joelhos ao lado dele.

- É isso – Michael empurrou Nikolas contra a parede de pedra calcária – Essa é a última vez que você...

Michael de repente sentiu que estava voando no ar, voando pela caverna. Então batendo na parede oposta com uma pancada. Ele sentia seus dentes em sua língua e sangue escorria pela sua boca.

“O que foi que acabou de acontecer?”, pensou Michael. “O que ele fez comigo?”

Nikolas caminhou vagarosamente em direção a Michael, um sorriso de satisfação passando pelo seu rosto.

- Você não é muito mais forte do que um humano. É isso o que acontece quando você é cuidadoso demais com seus poderes.

Michael rosnou alguma coisa. Ele começou a tentar se atirar contra Nikolas – mas ele estava preso na parede da caverna. Ele não podia se mexer.

Nikolas sorriu.

- Você deve estar se sentindo como uma mosca num papel mata-moscas agora – ele parou centímetros de Michael e o estudou. Então rapidamente ele pôs seus dedos na teste de Michael. Instantaneamente uma onda de tontura passou por todo o corpo de Michael.
- Acho que vou fazer isto bem devagar – disse Nikolas – Eu quero saborear isso.

Onde estava Isabel? Ela ia simplesmente assistir a isso? Michael deu uma olhada para ela. Ela estava curando Alex, perdida na conexão.

Michael fazia força contra a parede. Esticando seus músculos.

“Estou fazendo isso da forma errada”, ele percebeu. Seus pensamentos diminuíram, como se seu cérebro não estivesse trabalhando da maneira certa. Nikolas está usando o poder para me segurar num lugar. Isso significa que tenho que usar o meu para me libertar.

Michael fechou os olhos. Ele precisava se concentrar no poder dentro dele, não no que estava acontecendo ao seu redor. Ele deixou o sabor do sangue em sua boca e a dor em sua cabeça desaparecer. Ele deixou o ódio que sentia de Nikolas desaparecer.

Sim. Agora ele podia se concentrar no campo de força. Agora ele podia sentir contra sua pele. Lisa, oliosa e fina. Muito fina.

- Aarrgh! – Michael canalizou seu poder e fez um buraco com campo de força. Ele libertou uma mão da parede da caverna.

Ele abriu os olhos e impulsionou seus dedos no peito de Nikolas.

Faça a conexão, ele ordenou a si mesmo. E foi tudo o que foi preciso fazer. A conexão aconteceu instantaneamente. Talvez fosse porque Nikolas é um alienígena também.

Michael concentrou sua atenção não pulmão esquerdo de Nikolas. Ele usava sua mente para comprimir as células e juntá-las.

Nikolas se engasgou, sem ar. Michael continuou a juntar as células. Ele iria fazer o pulmão de Nikolas parar se fosse preciso.

Nikolas manteve os seus dedos apertados na testa de Michael. A cabeça de Michael começou a doer como se estivesse sendo triturada. Michael's head began to pound. Listras vermelhas relampejavam em frente a seus olhos.

Ele fez força para manter a atenção no tecido pulmonar de Nikolas. “Esmague”, ele pensou. “Eu tenho que esmagar”. Sua visão saiu de foco. Sua mão começou a escorregar do peito de Nikolas. Ele manteve as unhas na camisa dele, mantendo a conexão. E ele sorriu quando viu Nikolas respirar com dificuldade para colocar ar em seu pulmão danificado.

Michael reuniu suas forças e conseguiu fazer outro buraco no campo de força. Agora sua cabeça estava livre. Ele balançou a cabeça, tentando tirar os dedos de Nikolas de lá. Mas Nikolas não iria soltá-lo.

A visão de Michael escureceu. Ele iria desmaiar. Nikolas iria vencer.

- Parem! – gritou Isabel. Sua voz soava distante. Fora da conexão.

De repente o rosto dela apareceu na frente de Michael. Ela afastou Nikolas dos dedos de Michael. As mãos de Nikolas saíram da cabeça de Michael.

A conexão foi quebrada.

O campo de força desapareceu e Michael desabou no chão. Ele não tentou se levantar. Usou os poderes de cura nele mesmo. Dissolvendo os dois coágulos de sangue que Nikolas havia formado em seu cérebro. Reparando o rasgo nos vasos sanguíneos.

- Okay, vamos apenas chamar isso de empate – disse Isabel, sua voz áspera – Espero que vocês dois tenham percebido que não tem jeito de um matar o outro... sem acabar morto também.

Michael pegou Alex pelo braço e o pôs de pé.

- Vamos, Isabel – ele disse.

Ela não se mexeu.

- Eu disse vamos – ele disse entre os dentes.
- Você não pode me dizer o que fazer – Isabel murmurou.
- O que diabo aconteceu com você? – explodiu Michael – Esse idiota acabou de tentar me matar! Ele machucou o Alex! Eu não vou deixar você sozinha com ele. Agora vamos, vamos pra casa.

Os olhos de Isabel brilharam.

- Não.

Sem dizer mais nada, Michael virou as costas e a deixou lá.

=====

Isabel olhava para si mesma no espelho de sua penteadeira na manhã do domingo. Ela esteve a encarando por tanto tempo que seu rosto não parecia mais um rosto... só uma mistura de formas e cores.

- Nós vamos para o escritório por algumas horas, querida. Voltaremos pela uma da tarde – disse a Sra. Evans do outro lado da porta trancada de Isabel – Max já foi, então você está por conta própria.
- Certo – respondeu Isabel – Tchau.

O feitiço havia sido quebrado. Seu rosto pareceu seu rosto novamente. Isabel deu as costas para o espelho. Ela se perguntou se Nikolas apareceria para pegá-la.

Nikolas nunca fazia planos antecipados. Ele apenas aparece e ela pula em sua moto.

Quando ele aparecer, Isabel sabia que teria que ter uma conversa com ele. Uma longa conversa. Geralmente quando ela começava a falar alguma coisa que Nikolas não queria ouvir, ele a beijava. Daí no tempo que levava para ela voltar a órbita da terra, ela já teria esquecido o que ia falar.

Mas ela não o deixaria fazer isso. Não dessa vez. Ela teria que deixar muito claro que se ela vai ficar com ele, ele teria que prometer que nunca usará seu poder contra Alex, Max, Michael, Liz ou Maria. Se ele não promettesse, ela iria se afastar. Não importando como ela se sente em relação a ele. Não importa o quanto é bom sentir estar nos braços dele.

Ela tinha algumas coisinhas que queria dizer aos outros também. Não é como se eles fossem completamente perfeitos. Isabel afastou os cabelos para trás num rabo de cavalo enquanto franzia as sobrancelhas, refletindo.

Por que tinha que ser desse jeito? Por que eles não podiam ver como era incrível ter Nikolas por perto. Por toda a vida deles, eles acharam que estiveram sozinhos aqui. Apenas os três. E agora tem outra pessoa, alguém como eles.

Michael e Max deveriam estar animados com Nikolas. Eles deveriam ter aceitado ele como parte do grupo. E Liz, Maria e Alex – até Alex – deveria estar feliz que Isabel havia encontrado alguém de sua própria espécie para ficar com ele. Alguém que a entendia. Alguém que a ensinava a não ter medo...

Os pensamentos de Isabel foram interrompidos pela campainha da porta. *Nikolas!* Ela se apressou para fora do quarto de desceu as escadas. Abriu a porta da frente e viu Alex parado lá.

Claro que não era Nikolas. Nikolas não era exatamente um cara que tocava a campainha.

Olhando para Alex, Isabel não pôde evitar em pensar no que ela viu quando o curou a noite passada. Dentro da mente de Alex havia um santuário para Isabel. Ele lembrava coisas sobre ela, que nem ela mesma se lembrava

Se conectando a Alex convenceu Isabel que ele estava do lado dela. Ele não estava feliz com todo esse lance com o Nikolas, mas ele estaria sempre ao lado dela para o que for.

Mesmo depois de ela deixar o namorado dela derrubá-lo.

Isabel rapidamente tirou aquele pensamento de sua cabeça. E daí que Nikolas tem um lado selvagem? Ele era sempre gentil com ela. E isso era tudo o que importava. Certo?

—==—

Alex concentrou seu peso de um pé para outro. Isabel iria dizer alguma coisa?

- Então, você está aqui pra me ver, ou ver o Max? – disse ela gentilmente – Eu sei que nem tudo é sobre mim.

“Isso era pra soar como uma desculpa?”, se perguntou Alex.

- Estou aqui pra ver você – ele respondeu.

Isabel deu um passo para trás e abriu a porta.

- Você quer alguma torrada, ou algo?

- Você está se oferecendo pra cozinhar pra mim? Estou tocado – respondeu Alex. E parecia que ela estava tentando dizer que sente muito, num modo Isabel de se dizer, pensou Alex.

- Vamos – Isabel caminhou na frente rumando para a cozinha – Meus pais e Max já comeram, mas eu acho que eles podem ter deixado alguns bolinhos – ela pegou um prato coberto de miolo de pão – Ou talvez não.

- Eu não estou com muita fome, de qualquer modo – disse Alex. Seu estômago dava nós. Ele não queria ter essa conversa com Isabel, mas ele precisava.

- Você está se sentindo bem? Sua cabeça? – ela perguntou.

- É, estou bem. Você fez um bom trabalho – ele se sentou numa das cadeiras da cozinha. Isabel se sentou na frente dele. Não do lado dele, ele pensou. Ela mal pode olhar para essa sua cabeleira vermelha - Uh, o motivo que te chamei aqui...

- Alex tomou um grande fôlego – É porque estou preocupado com você.

- Você não precisa... – ela começou a protestar.

- Espera. Me deixe terminar – disse Alex – Eu sei que você odeia que a mandem fazer alguma coisa. Mas às vezes o que as pessoas estão te dizendo é a coisa certa a se fazer, sabe?

Isabel se levantou e começou a recolher os pratos sujos da mesa. Ela os largou na pia fazendo barulho.

- Então você está aqui para me dizer para me afastar de Nikolas.

- Sim, estou. Porque você não está pensando claramente – disse Alex – Eu sei que não acha que Valenti é alguma ameaça para você e Nikolas porque vocês têm poderes, mas...

- Não. Não estamos tendo essa conversa. Porque não é disso que se trata – disse Isabel – Ele pegou uma mão cheia de talheres e os atirou na pia.

- Então do que se trata? – perguntou Alex.

- Você está com ciúmes. Trata-se de você estar vendo que está acontecendo algo entre mim e Nikolas e isso está te deixando louco – respondeu Isabel.

- Eu admito isso – Alex disse a ela. Qual era o propósito de negar isso? Era óbvio.
– Mas e seu irmão? E Michael? E Liz e Maria? Eles não têm nenhuma razão para ter ciúmes e todos acham que Nikolas está te colocando em perigo. Não, não só você... todos nós.

Isabel pegou um dos pratos e o esfregou furiosamente.

- Quero que você saia – ela disse, sem se virar para olhar para ele.
- Tudo bem – disse Alex – Mas você tem que saber disso. Se eu for agora, é pra sempre. Não vou voltar correndo para você caso mude de idéia.
- Eu posso viver com isso – respondeu Isabel.

—(11)—

- Então você tá se sentindo melhor? – perguntou Maria.

Liz olhou para Alex. Ela sabia que Maria pensava que arrastar Alex para tomar um sorvete o animaria. Mas *animado* não era exatamente a palavra que Liz usaria para descrevê-lo agora.

- Não muito – admitiu Alex.

Maria virou para Liz.

- Que é que você acha? Mais M&M's?

- Humm. Não acho que o problema são os grãosinhos de chocolate. Ele precisa dos coloridos, não dos de chocolate – respondeu Liz – Colorido significa felicidade, não é?

- Certo. Vou arrumar isso – Maria saltou da cadeira e agarrou o sundae de Alex para fora da mesa. Ela se apressou até o balcão.

Liz deu uma mordida no iogurte congelado. Ela estava basicamente esperando. Ela estava esperando que aparecesse alguma coisa ótima para dizer a Alex sobre todo o lance com a Isabel. Mas não tinha nada. Liz sabia disso. Não é como se alguém fosse capaz de dizer alguma coisa que a fizesse se sentir melhor sobre o Max querer ser *apenas amigos*.

- Esses coloridos não têm sabor de nada – murmurou Alex.

- É. Eles parecem ter um sabor ótimo. Como se fossem simplesmente explodir na sua boca com todos esses sabores – concordou Liz – Talvez você possa fazer uma de suas listas sobre isso, sobre comida que tem o gosto totalmente diferente do que você estava esperando.

- Talvez – Alex ficou bastante interessado em alisar as dobras de seu papel de guardanapo.

- Ei, me desculpe – Liz deu um tapinha no braço dele como se ele fosse um filhotinho ou algo assim, o que a fez se sentir como sua *abuelita*. Isso era o que ela sempre fazia quando alguém parecia angustiado. – Eu sei que às vezes quando as pessoas tentam te animar, faz você se sentir pior – ela disse.

Tinha horas que com certeza Liz só queria se enrolar em baixo das cobertas, ouvir alguma música realmente triste sobre amor com finais ruins e pensar em Max. Quando ela estava nesse tipo de humor, ela não queria ninguém tentando a fazer se sentir melhor.

Ela se inclinou para perto de Alex.

- Eu sei que sorvete também não vai ajudar – ela sussurrou – Mas faz Maria se sentir melhor por fazer algo por você.

Maria havia forçado todo o menu como consolação depois de Max lhe dizer que eles teriam que ser apenas amigos. Liz havia colocado para dentro muitas variedades de chocolate, macarrão com queijo, batatas fritas e todas as outras comidas engorduradas, que engordam, e doces que Maria pôde pensar.

O que apenas provava o quanto Maria era uma amiga maravilhosa. Maria era uma completa fanática por comida natural. Ela se recusava a comer qualquer coisa com condimentos, aditivos ou cores artificiais. Ela nunca comia nada que tivesse carne, ou ovo, ou laticínios. Mas quando seus amigos estavam se sentindo para baixo, Maria fazia o que fosse preciso para conseguir a comida que ela achava que os faria se sentirem melhor. Mesmo se ela estivesse morrendo de vontade de colocar algumas algas azul turquesa, farinha de trigo e tofu.

Maria se apressou a voltar com o novo e melhorado sundae de Alex. Ela o assistia atentamente enquanto ele tirava um pedacinho, então ela balançou a cabeça.

- Não está funcionando. Ele não parece nem um pouco mais feliz – ela disse – Eu tenho uma teoria que explica isso. Ela come fast food três vezes por dia, então esse tipo de comida não dá a ele o estímulo que dá na maioria das pessoas.

- Talvez – disse Liz. “Ou talvez quando você tem seu coração partido, nada pode te fazer se sentir melhor”, ela pensou.

Todos os dias quando ela acorda, ela faz um pequeno experimento consigo mesma. Ela olha para uma foto que tinha de Max e tentava fazer um rank de um a dez de quanto doía vê-lo. Ela tinha a esperança de que um dia a escala chegue a pelo menos a 9.9, sem ser um completo dez. Mas ainda não aconteceu.

- Alex, conte para a gente de novo o que aconteceu quando vocês foram jogar miniatura de golf – disse Maria – O que exatamente Isabel disse antes de beijar você?

- Eu tenho que lembrar a você que eu sou um cara – disse Alex – Eu sei que conversamos e nos divertimos muito e que você possa começar a ficar um pouco confusa. Mas eu arrotei e me coço, e eu até tenho um protetor de testículos. Eu sou um cara e completamente homem. E homens não ficam todos “então ela disse, então eu disse” analisando-cada-pequeno-detelhe das coisas.

- Não tem nada para ficar se vangloriando sobre isso – disse Maria a ele – É saudável falar sobre as coisas.

Liz não estava tão certa sobre isso. Ela e Maria haviam analisado cada momentozinho do tempo depois que Liz e Max se tornaram amigos, mas antes deles se tornarem *apenas amigos*. Mas isso não ajudou. Não fez Liz se sentir nem um pouco melhor. E também não deu a Liz nenhuma idéia brilhante de como ter Max de volta.

- Apenas me diga que tipo de beijo foi – começou Maria para Alex – Você sabe, tipo quanto tempo durou. Vai ajudar, é sério.

Alex colocou a cabeça nas mãos e lamentou. “Ele está completamente deprimente”, pesou Liz. “Eu me pergunto se Isabel faz a menor idéia disso”.

Ela sabia que Max se sentia tão ruim quanto ela, e isso a fazia se sentir melhor. Ela sabia que não deveria, mas fazia.

Um pouquinho.

—==—

Michael abriu a janela de Maria e pulou para dentro. Ele atirou a fita de *A Morte do Demônio* na cama dela. Onde ela estava? Ele abriu a porta do quarto dela e escutou. A casa estava vazia. Que saco. Ele já estava quase escutando os gritos agudos dela assistindo a outro filme de terror.

Talvez ele devesse ter ligado primeiro para saber se, pelo menos, ela estava em casa. Mas não era como se ele planejasse aparecer. Foi a noite de ontem na casa dos Hughes e a Sra. Hughes o disse para ter certeza que estaria lá para o jantar, o que ele estava. Ela fez bolo e tudo o mais. Era meio que óbvio que ela estava se sentindo mal em expulsá-lo de lá.

Mas a coisa toda foi tão fingida e falsa. As auras do Sr. e da Sra. Hughes deixavam claro que os dois não estavam se divertindo. E Michael com certeza não estava também. Mas eles estavam sentados lá, fingindo uns paras os outros. Patético. Lá pela hora que ele pegou um pedaço de bolo, ele estava morrendo de vontade de sair de lá. Ele inventou uma péssima desculpa de dizer adeus para algumas pessoas vizinhas – como se ele fosse – e deu o fora.

Ele passeou por alguns minutos e quando passou pela locadora de vídeos, ele teve a idéia de alugar um filme e se divertir com Maria. *A Morte do Demônio* é um de seus filmes favoritos. Tinha essa cena incrível onde um cara ficava possuído e começava a quebrar todos os pratos na própria cabeça. Era meio o que aconteceria se Os Três Patetas fizessem um filme de terror.

Michael pensou em levar o vídeo e assistir com Alex. Mas desde que o trem do amor de Alex capotou, não seria exatamente divertido assistir com ele. Se os dois se juntassem hoje o mau humor dos dois poderia empurrar os dois para o fundo do poço.

Ele definitivamente não queria bater na casa de Max. Por uma coisa, ele não pensava que pudesse olhar para Isabel sem começar a gritar com ela. Além do que, todo domingo a noite era meio que um tempo para a família na casa deles. O Sr. e a Sra. Evans sempre foram legais sobre o fato de ter Michael por perto. Eles brincavam sobre Michael ser o filho predileto deles. Mas ele não se sentia um membro honorário da família Evans. Não essa noite.

Michael se sentou na cama de Maria. Talvez ele esperasse um pouco por ela. Ele se esticou e sentiu um volume em suas costas. Ele procurou e puxou um par de calças de camuflagem da cor roxa e laranja. Ele bufou. Camuflagem deveria ajudar você a se misturar no meio. Não era como se existissem muitas árvores roxas e laranjas ou edifícios ou... qualquer coisa.

E as pernas da calça eram enormes. Em cada perna caberiam duas Marias, praticamente. Então era muito ruim se camuflar, e se você precisar correr – esqueça. Mas as calças pareciam bastante legais em Maria no outro dia quando ela a vestiu com aquele suéter pequenininho.

Michael mudou seu lugar na cama. Ainda tinha alguma coisa em baixo dele. Ele procurou e puxou um par de cuecas samba canção. Espera. O que é que Maria estava fazendo com cuecas samba canção na cama dela?

Então ele as levantou e um sorriso passou pelo seu rosto. Isso definitivamente não pertence a nenhum homem. Tinha patinhos bebês por toda a roupa. E pareciam do tamanho de Maria. Ele as deixou em cima da calça.

Ele apanhou um dos travesseiros e arrumou em baixo de sua cabeça. Tinha aquele cheiro esquisito, cheio de pastilha de tosse e flores. Ele inspirou. Talvez Maria estivesse certa. Realmente tinha um cheiro meio que legal. E limpava completamente o nariz dele.

Ele escutou passos se aproximando pelo hall. Um segundo depois a porta se abriu e Maria entrou. Ela deu um gritinho quando o viu.

- Eu trouxe um filme – ele disse a ela.
- Na verdade, eu tenho que fazer um bolo para o aniversário da minha mãe – disse Maria.

Michael se pôs de pé. Ele deveria saber melhor antes dele mesmo de se convidar.

- Eu acho que já está meio tarde, de qualquer modo. Eu deveria dar o fora.
- Espera – chamou Maria – Eu posso precisar de alguma ajuda.

Michael se virou. Ele sentiu esse grande e imbecil sorrisinho se espalhar pelo seu rosto. Ele tentou se controlar, mas era como se os músculos de sua boca agissem por conta própria.

- Certo – ele respondeu – Mas não vou vestir um avental.

Isabel apanhou um par de espadilha preta do seu guarda roupa e as atirou na lixeira. Ela nunca as usava. Elas tinham aquelas rendas horríveis que envolviam tudo até seus joelhos. Quem é que queria sair por aí parecendo como se pertencesse em alguma produção dramática de *Julio César*?

Ela apanhou um par de sandálias que teve que usar quando era primeiro ano e dama de honra no casamento de sua prima. Ela jogou no lixo também. Sua prima estava se divorciando, então não tinha nenhuma razão ficar toda sentimental com os sapatos. “Talvez o casamento dela desse mais certo se ela tivesse um gosto melhor”, pensou Isabel. Os sapatos tinham lavandas nas pontas. Isso dizia tudo.

Alguém bateu na porta. Antes que Isabel pudesse mandar quem quer fosse embora, Max enfiou a cabeça dentro do quarto.

- A gente está começando a ver o filme – ele disse a ela.
- Estou limpando meu guarda-roupa – ela respondeu.
- Vamos lá. Você sabe como mamãe e papai gostam que façamos coisas juntos nas noites de domingo – ele disse – Eu aluguei um filme de menina. Eu sei que você gosta.
- Você não se importa se eu gosto ou não – ralhou Isabel. Ela pegou o par de sandália de dedos e arremessou para a pilha atrás dela – Você só quer que eu desça para poder manter o olho em mim.

Max e os outros não iriam ficar felizes até transformarem Isabel num pequeno fantoche. Mas isso nunca iria acontecer. Ninguém a controlaria.

Ela deu uma olhada para o irmão.

- Você ainda está aí? – ela perguntou.

Ele saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Bom. Tudo o que ele diz para ela a deixa ainda mais furiosa.

Isabel procurou pelo seu guarda roupa. Não sobrou nenhum par. Então ela se virou e estudou a pilha de sapatos atrás dela. Como ela deveria organizar tudo aquilo? Por cor? Estilo? Tamanho do salto?

O telefone tocou. Ela atendeu.

- O quê?
- Oi pra você também. É a Maria.

“Ótimo”, pensou Isabel. Maria quer me dizer para me afastar de Nikolas.

- Michael está aqui em casa e a gente queria que você viesse. Fizemos um bolo

e precisamos de ajuda na decoração – disse Maria.

- Ah, Deus, isso parece ser tão divertido. Mas eu comprei um daqueles novos papeis higiênicos com cheiro, aqueles que você sente uma nova fragrância cada vez que usa e eu estou planejando instalar hoje a noite – Isabel desligou o telefone.

“Decorar bolo. É, certo”, ela pensou. Decorar com as palavras *Isabel, você está em perigo* em letras garrafais.

Ela não era idiota. Ela sabia como tomar conta de si mesma. Por que todos eles estavam tratando-a como se ela fosse um bebê? Eles provavelmente aparecerão com horários para eles. Max será a babá de Isabel das nove às onze, Michael será de onze às duas...

O telefone tocou novamente.

- Olá. Você ligou para Isabel Evans. Se você quer deixar uma mensagem me dizendo para me afastar de Nikolas, aperte um. Se quiser me deixar uma mensagem me dizendo que estou em perigo, aperte dois. Se você quiser me deixar uma mensar me dizendo como sou uma pessoa horrível pelo que aconteceu com Liz, aperte três. Se...

- Uh, Isabel. Aqui é Alex. Eu não quis fazer nenhuma daquelas coisas. Só queria dizer que menti para você hoje pela manhã. Se você mudar de idéia, eu voltarei correndo.

Isabel sentiu lágrimas chegando em seus olhos. Ela piscou, as afastando. Alex queria o mesmo que o resto do grupo. Ele era outro babá. Ela tinha que se lembrar disso.

- Bip – ela disse gentilmente. Então, desligou o telefone. Ela ligou a secretária eletrônica. Ela não podia agüentar outro telefonema.

Sapatos. Era isso que ela precisava pensar. Talvez ele fosse dividí-los em diferentes estações. Mas isso iria realmente fazer sentido em Roswell? Algumas das estações nem era assim tão diferentes.

O telefone tocou novamente. “Essa aí deve ser Liz”, pensou Isabel. Sua última babá.

Ela ouviu o bip.

- Oi, Isabel, aqui é a Liz.

Isabel sacudiu a cabeça, enjoada.

- Eu só tenho essa pergunta sobre... um problema de matemática. Eu sei que você é fera em matemática, então dá pra você me ligar? – disse Liz.

Liz iria se tornar a oradora da turma, e ela não podia pensar numa estória melhor do que essa? Ela deveria tomar umas aulas de mentira, ou algo assim. É, Isabel era boa em matemática. Mas ela estava no penúltimo ano, Liz era veterana. Além disso, Max – o garoto gênio - morava na mesma casa. Se Liz realmente precisasse de ajuda, ela deveria perguntar a ele.

“Na próxima vez que o telefone tocar, vou jogar ele pela janela”, decidiu Isabel.

—==—

Max deu uma olhada para seu pai. Seus olhos estavam quase se fechando. O pai dele precisava de um filme com uma boa explosão de tempo em tempo para deixá-lo acordado.

Ele deu uma olhada na mãe dele. Ela parecia bastante concentrada no filme. Max sabia que Isabel iria adorar também. Ela era a única razão para ele ter saído e alugado esse filme idiota.

E agora ele estava aqui preso assistindo a esse filme sobre uma garota que se apaixonou por um cara que é um anjo de verdade. Era bem idiota. Quando Nicolas Cage disse a Meg Ryan que ele era uma mensagem de Deus, ela simplesmente ficou, tipo, “Certo, tudo bem”.

Ninguém agiria daquela forma. Quando ele contou a Liz que era um alienígena, ela enlouqueceu completamente. Bom, primeiro ela achou que ele estivesse brincando com ela. Então depois ela pirou.

Max se perguntou se Liz gostaria desse filme. Ele não pensava que se importaria tanto se estivesse assistindo com Liz abraçada a seu lado. Fala sério, ele disse a si mesmo. Você assistiria até o filme do Barney e amaria se isso significasse ficar perto de Liz.

Ele pegou uma mão cheia de pipoca. Ele decidiu contar o tempo, para ver quanto tempo ele ficaria sem pensar em Liz. Se ele conseguisse demorar uns poucos segundos, talvez um dia ele recuperasse sua sanidade. Ele checou o relógio. “Okay, agora”, ele disse a si mesmo.

Ele voltou a atenção para o filme. Um cara estava explicando a Nicolas Cage que ele poderia estar com Meg Ryan se ele estivesse disposto a desistir de seus poderes de anjo.

“Será que eu faria isso por Liz?”, pensou Max, “Eu desistiria de meus poderes, o que provavelmente significaria desistir de qualquer chance de ver meu planeta natal? Será que eu...”.

Max checou seu relógio. Três segundos. Ele ficou três segundos sem pensar em Liz.

Ele suspirou. Vou tentar quatro segundos dessa vez, ele disse a si mesmo.

Então ele ouviu o som de um motor de motocicleta se aproximar da casa. Ele deu um pulo e se apressou para a janela da frente.

Bem a tempo de ver Isabel correr pelo jardim e subir na moto de Nikolas.

—=(12)=—

Isabel fechou o bracelete de diamante em seu pulso.

- O que é que você acha? – ela perguntou a Nikolas.
- Está bom. Você já terminou? – ele respondeu.

Era óbvio que Nikolas não apreciava os prazeres de fazer compras, mesmo quando eles tinham o shopping inteiro para eles. Isabel amava. Não importa o quão mal ela estava se sentindo, fazer compras sempre a fazia se sentir melhor. E ir passeando de loja em loja, pegando tudo o que ela queria, a fazia se sentir como a rainha do mundo.

Bom, ela não estava exatamente pegando tudo. Era meio que pegando emprestado. Ela planejava deixar as coisas no shopping quando ela terminasse de se divertir.

Ela estudou o bracelete.

- É um pouco sereno demais, eu acho. O presente de aniversário especial de uma mãe suburbana requintada – Isabel tirou o bracelete e o jogou no balcão. Ela se perguntou onde eles guardavam as coisas realmente boas.

Ahá. Tinha um cofre embaixo da registradora.

- Nikolas, abre aqui, por favor.

Nikolas produziu um pequeno som de murmúrio com a garganra, mas usou o poder dele para abrir o cofre.

- Você mesma poderia fazer se você se importasse em trabalhar nisso – ele disse a ele.

Isabel foi até o cofre e pegou três bolsas de veludo. Ela abriu a primeira.

- Era disso que eu estava falando – disse. Ela deslizou o colar de pérola em volta de seu pescoço. O pendente rubi em forma de coração ficou um pouco acima de seus seios. Iria ficar tão perfeito com um vestido de gala decotado, tipo aqueles que se usa no Oscar. Ela ia ter que pegar um desses para ela.

- Mais um minuto e vou dar o fora – Nikolas avisou.

Ela deu uma olhada de relance para ele, o avaliando. Não, ele não estava

falando sério. Ele não iria a lugar nenhum.

Ela abriu a próxima bolsa e deu um pequeno suspiro de alegria. Ela sempre pensou que deveria ter uma tiara. Gentilmente, ela colocou a argola de diamante brilhante em sua cabeça.

- Só mais uma – ela disse a Nikolas. Ela choramingou de ambição quando abriu a última bolsa. Era o maior anel de diamante que ela já viu na vida. Uma pedra com a letra R.

- Isso é muito ruim – ela disse – Parece aquelas coisas que você tira das máquinas de chiclete.

- Então já podemos ir? – Nikolas perguntou.

- Sim, podemos ir – ela largou o anel de volta na bolsa e atirou as bolsas para dentro do cofre.

- Vamos à praça de alimentação – disse Nikolas.

- Certo, fica lá em cima – Isabel pegou a mão de Nikolas e caminhou em direção a escada rolante. Ela ficava dando espiadinhas nela mesma pelos vidros das lojas. Hunrrum. Ela com certeza nasceu para usar jóias. Ela podia ir se acostumando com isso.

O som dos passos dele na escada rolante a fez se tremer até a espinha. Ela ainda não estava acostumada como o shopping ficava silencioso. Ela nunca esteve aqui quando ele estava sem ninguém fazendo compras, passeando, comendo, falando, flertando.

- Você tem certeza que aquele segurança não vai acordar enquanto a gente ainda estiver aqui? – ela perguntou.

- A palavra covarde significa alguma coisa pra você? – respondeu Nikolas.

Isabel podia ouvir esse tom de voz. Esse tom que significava que em um segundo, ele ficaria seriamente irritado. Mas ela tinha que fazer mais uma pergunta.

- Apesar de que ele vai ficar bem, certo? – disse Isabel – Digo, ele vai acordar em algum momento? Porque Max disse que Liz iria precisar de cirurgia se ele não estivesse ali.

Ela odiou o tom de hesitação que ouviu em sua própria voz. Às vezes quando ela estava com Nikolas, ela nem parecia ela mesma. Ela ficava muito preocupada sobre o que ele pensaria dela, se ele gostava dela, se ele continuaria aparecendo. Todo esse lixo que ela costumava pensar que tornava as outras garotas patéticas por se sentirem assim.

- Vou te dizer mais uma vez – sua voz soava rude – Eu causei mais dano a Liz do que eu queria porque estava muito bravo com Max. Agora esquece isso, tá certo?

Não era uma pergunta. Isabel sabia que se ela não esquecesse, Nikolas iria largá-la parada ali.

- Nós podemos parar na farmácia? – perguntou Isabel, ignorando o fato de que Nikolas não respondeu exatamente sua pergunta se o segurança iria ficar bem ou não.

- Tá, tudo bem – ele não parecia feliz com isso, mas ele abriu a porta dupla de vidro trancada e fez o caminho para dentro. Assim que ele usou o poder para quebrar as lentes das câmeras de segurança, Isabel o carregou para trás da loja, onde tinha aquelas máquinas velhas de fotografia. Ela deslizou para cima do banco e puxou Nikolas para ficar ao lado dela.

- Você vai ficar me devendo uma bem grande por essa – ele disse.

- Você tem alguma moeda? – perguntou Isabel.

Nikolas bufou.

- Não preciso de moedas. Agora dê um sorriso bem bonito e vamos terminar logo com isso.

- Espera! – exclamou Isabel – Volto já. Ela se espremeu entre Nikolas e correu pelo corredor de artigos para escritório. Pegou um grande bloco de papel de desenho e uma caixa de lápis de cor e se apressou de volta para a cabine. Ela entrou e se sentou no colo de Nikolas, então fechou a cortina.

- Talvez essa não seja uma idéia tão má – ele disse puxando-a para mais perto dele.

Isabel abriu o bloco e escolheu um lápis vermelho claro da caixa. Ela escreveu as palavras “*Oi, Stacey*” em letras grandes. Ela adicionou algumas exclamações. – Ok, estou pronta – ela disse a Nikolas.

Nikolas ligou a câmera e Isabel se inclinou para perto e lambeu um lado do rosto dele, só para dar a Stacey algo para pensar quando visse a foto. Bom, isso e porque Nikolas era delicioso.

Ele pegou uma folha do bloco dela, arrancou a página e rabiscou as palavras “*Oi, Alex*”. Então ele a beijou, um beijo realmente, completamente, profundamente para ela. A câmera acendia repetitivamente.

Mesmo quando a câmera parou de acender, Nikolas não parou de beijá-la. Ele passava as mãos através dos cabelos dela, seu dedos quentes e suaves. Ela girou em seu colo até ficar de frente para ele e passar seus braços pelas costas dele. Ela nunca podia se aproximar demais.

Ela não pôde conter um pequeno lamento quando Nikolas a afastou, quebrando o beijo.

- Uh-uh – disse Isabel. Ela pegou o rosto dele com as mãos, a trazendo de volta para ela.

- Shhh. Acho que escutei alguém – ele sussurrou. Ele abriu um pouco a cortina e espreitou – É, olhe no espelho lá do canto.

Isabel se inclinou para trás e olhou o espelho. Um segurança de uniforme estava andando vagarosamente no corredor de beleza. Caminhando na direção deles.

- Você vai pegar ele? – ela sussurrou.
- Não. Você vai – ele respondeu.

Isabel sacudiu a cabeça.

- Não posso. Não sei como.
- Sim, sabe sim – Nikolas não estava sorrindo. Mas ele tinha que estar brincando. Ou a testando ou algo assim. Quando o cara se aproximasse, Nikolas iria derrubá-lo. Ele tinha que fazer. - Apenas escolha uma veia na cabeça dele e aperte – disse Nikolas.

Isabel olhou o espelho novamente. O segurança estava descendo o corredor com todo aquele nylon e as meias. Ele estava se distanciando deles agora.

- Ei – berrou Nikolas – Estamos bem aqui.
- Pra que é que você fez isso? – gritou Isabel.
- Você pega ele, ou nós somos pegos – ele respondeu.

Isabel o encarou. Seus olhos dourados acastanhados estavam calmos enquanto ele a olhava de volta. Ele estava falando sério.

Uma imagem de Valenti entrou no cérebro dela. Se ela fosse pega, ela seria levada a ele. Ele iria encontrar a verdade sobre ela, ela sabia. Ela podia quase sentir o metal gelado das ferramentas de dissecação cortando seu corpo.

A cortina da cabine fotográfica se abriu. Isabel não pensou. Ela se atirou contra o guarda, o derrubando no chão. Ela foi até ele e pressionou os dedos contra a testa dele.

A conexão, ela não conseguia fazer a conexão. Ela estava muito assustada. Em completo pânico.

Ela sentiu Nikolas tocar a nuca dela e de repente ela estava dentro. Ela se concentrou no cérebro do segurança. Escolheu um vaso sanguíneo, um que não parecia tão grande e o beliscou com a mente.

A dor e a confusão do segurança passou por ela durante a conexão. Estou machucando ele, ela pensou. Ele sabia disso. Ele sabia que estava acontecendo. A sensação lhe deu náuseas, mas ela não deixou de fazer pressão até os olhos do segurança se fecharem.

- Bom. Você fez certo – Nikolas tocou a cabeça do guarda por um momento, então puxou Isabel para ficar de pé.

Isabel não pôde tirar os olhos do segurança. Seu rosto estava pálido, mas ele estava respirando.

- Desculpa te enganar para fazer isso – disse Nikolas – Mas eu queria que você visse como é.

Max ficaria horrorizado pelo que acabei de fazer, pensou Isabel. A coisa que ele mais dizia era não usar os poderes para machucar. Nunca.

Ela esfregou as mãos no rosto, e seus dedos estavam molhados. Ela estava chorando? Ela enxugou o rosto novamente. Esperou que Nikolas não percebesse.

Não importa o que Max pensaria, Isabel disse a si mesma. Ela estava tomando as próprias decisões. Estava vivendo a própria vida. Ela não era mais o fantochezinho dele.

O segurança estava bem. Ele só está basicamente tirando uma soneca, ela pensou. Ei, não era um modo assim tão ruim de passar o turno dele. Isabel ajustou a tiara na cabeça.

- É uma viagem, não é? – perguntou Nikolas. "It's a rush, isn't it?" Nikolas asked.

Se ela dissesse não, ele pensaria que era ela uma completa perdedora.

Isabel sorriu para ele.

- É.

=====

- Alguém tem alguma idéia de onde procurar? – perguntou Max. Ele virou o Jeep na Estrada Principal.

- Quase todos os lugares estão fechados – disse Alex – Talvez devêssemos tentar a caverna.

“E se eles estiverem lá, o que é que eu vou fazer?”, ele pensou. Não é como se algo que eu pudesse dizer influenciaria a Isabel. Isso já tinha ficado bastante claro. E Nikolas – tenho certeza de que ele ficará simplesmente encantado em me sufocar, ou o que quer que ele chame, de novo.

- Eu não acho que fechado significa muito para Nikolas e Isabel – respondeu Michael.

- É – concordou Liz – E os dois obviamente gostam de sair e fazer a festa. Eles

provavelmente não iriam direto para a caverna.

“A não ser que eles queiram voltar para seu pequeno e aconchegante saco de dormir”, pensou Alex.

- Vamos tentar a escola – sugeriu Maria.
- É, quando eu penso na palavra festa, eu penso na escola – disse Michael.
- Mas você não acha que arrombar a escola e torná-la seu próprio parque de diversão seria meio que divertido? – ela perguntou.
- Não custa nada tentar – Max virou a esquerda e uma sirene começou a tocar atrás deles.

Alex olhou por cima de seus ombros e viu a luz azul clara e ondulante da cruiser do Xerife. Justamente quando ele pensou que as coisas não podiam piorar.

Max freou e parou. A porta do cruiser abriu com um clique e Valenti começou a andar na direção deles. A som do salto da bota do xerife no chão fez os dentes de Alex doer. Valenti iria se lembrar que foi Alex que disse a ele que o alienígena que ele estava procurando estava dando o fora da cidade num caminhão verde? Ele acharia suspeito o fato de Alex está no mesmo carro que Liz, quem Valenti já pensa que sabe algo sobre alienígenas em Roswell?

“É muito tarde pra pensar sobre isso agora”, ele pensou. Ele tentou manter uma expressão basicamente normal enquanto Valenti se aproximava de Max e pedia por sua licença e carteira.

Max entregou a ele. Valenti se demorou olhando os documentos, então devolveu. Ele olhou de pessoa a pessoa, fazendo contato visual com todos que estavam dentro do Jeep. Alex não pôde dizer se Valenti o reconheceu ou não. A expressão dele não mudou nem nada assim, mas ele parecia bastante frio, controlado, então ele deve se lembrar de cada detalhe de seu ultimo encontro com Alex.

- Srta. Ortecho – Valenti se deslocou e ficou bem ao lado de Liz – Eu estive... interessado em conhecer alguns de seus amigos a um longo tempo.
- Estamos apenas fazendo um projeto de ciências para o colégio juntos – respondeu Liz – É uma coisa de astronomia.
- Estamos dirigindo para o deserto, assim podemos observar melhor as estrelas sem interferência de nenhuma luz da cidade – Max adicionou rapidamente.

Max e Liz estavam sempre em perfeita sincronia. Era estúpido que eles não estivessem juntos. Um total desperdício. Alex entendia que ele queria manter Liz a salvo. Mas todos eles sempre estariam lá para lhe dar com Valenti ou qualquer coisa juntos. Max precisa desistir dessa idéia que ele tem de proteger todos por ele mesmo.

- Vocês estão pegando o caminho errado – disse Valenti.

Ele estava verto. Para ir para o deserto, eles deveriam pegar o norte ou o sul. Mas estavam seguindo para o leste.

- Vamos passar na minha casa primeiro – disse Alex. – Eu me esqueci de levar papel quadriculado.

- Papel quadriculado – repetiu Valenti.

Alex sentiu tremores que vinham de Maria. Ele passou seu braço ao redor dela.

- Isso aí. É mais fácil mapear as estrelas com papel quadriculado.

- Bom, já que estão dirigindo por toda a cidade, vocês perceberam alguma coisa fora do comum? – perguntou o xerife.

- Não, nada – disse Max – Está tudo completamente tranquilo.

O beeper de Valenti chamou. Ele deu uma olhada no número.

- Tudo bem. Você pode ir – ele caminhou de volta para sua cruiser.

- Ele está procurando por Nikolas e Isabel também – disse Liz quando Valenti saiu do alcance da voz.

- É, mas pelo menos ele não sabe quem está procurando – disse Michael – E não saberá se nós achamos os dois primeiro.

- Mas nós não sabemos onde eles estão – protestou Maria.

Alex acompanhou a cruiser de Valenti passar rápido por ele.

- Eu tenho a sensação de que Valenti acabou de encontrá-los. Vamos segui-lo.

Tanto Max quanto Michael podiam ver melhor a noite do que durante o dia, então não era difícil para eles manter Valenti a vista sem ele saber disso. Quando ele estacionou dentro do estacionamento do shopping, Max dirigiu até o outro lado do shopping e estacionou na rua. Eles pularam para fora do Jeep e correram para dentro do estacionamento.

- Devíamos ter pensando no shopping – disse Maria – Tem coisa mais legal do que ter todo o shopping só pra você?

Michael tentou uma das portas do lado.

- Fechada – ele avisou.

- Nós movemos um caminhão com nossos poderes. Acho que podemos mover uma porta – disse Max.

Michael deu de ombros.

- Com certeza Nikolas pode fazer isso, então significa que também poderemos. Temos apenas que pensar em como – Michael ficou calado, apenas meio que encarando a porta. Max também. Ele parecia que estava em transe ou algo assim.

A porta rangeu alto e um momento depois, caiu com barulho no chão.

“Espero que Valenti não tenha escutado isso”, pensou Alex.

- Acho que podemos supor que Nikolas já tomou conta dos seguranças – disse Liz suavemente enquanto entravam no local.

- É... eu tenho sentido espasmos de poder a noite inteira. Vamos nos dividir, assim podemos achar Nikolas e Isabel mais rápido – respondeu Max – Eu fico com um grupo. Michael, você fica com outro. Eu não quero ninguém sem poder caso precisem.

- Certo, vou subir as escadas com Alex e Maria, você procura aqui em baixo com Liz – Michael concordou. Ele saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Alex e Maria seguiram atrás dele.

Eles subiram as escadas e começaram a fazer o caminho. Alex tentava pisar gentilmente. Valenti estava lá fora em algum lugar, escutando.

Michael apontou para a praça de alimentação. Era óbvio que Nikolas e Isabel estiveram lá. Metade das lojas estavam acesas e o cheiro estava muito forte para ser de comida que foi cozinhada quando o shopping ainda estava aberto.

- Por aqui – sussurrou Maria. Ela caminhou em direção a farmácia com a porta aberta. Alex e Michael a seguiram, entrando.

Sem discutir, eles se dividiram cada um pegando um corredor. “Eles não estão aqui”, pensou Alex. Estava muito silencioso. Ao menos que tivessem percebido que Valenti estava no shopping e estivessem se escondendo.

Ele percebeu um par de sapatos descaçando no final do corredor. Não, sapatos não. Pés. Ele correu na direção deles. Um gosto agudo de ácido atingiu o fundo de sua garganta quando ele viu o segurança se deitando no chão.

Segundos depois Michael e Maria chegaram ao fim de seus corredores. Michael se apressou para o homem e pôs a mão na testa do segurança.

- Não, não, não – Maria suspirou.

- Ele está bem – disse Michael – Mas vou deixá-lo acordar por conta própria ou teremos que amarrá-lo ou algo assim.

Maria sentia-se tonta observando o segurança.

- Venha. Sente-se aqui um minuto – disse Alex.

Ele a segurou pelos braços e fez o caminho para a cabine de fotos. Ele a sentou no banquinho. A última coisa que eles precisavam agora era Maria desmaiar.

De repente Alex sentia que precisava se sentar também. Ele olhou para as fotos novamente e percebeu que Nikolas segurava uma placa em uma delas.

E dizia: *Oi, Alex.*

—=(13)—

- Vamos tentar a Victoria's Secret – sussurrou Liz – Parece o tipo de lugar que Isabel gosta – ela praticamente podia ver Isabel enlouquecendo numa ótima farra em uma loja de lingerie.

Max concordou. Eles se apressaram para a loja. O portão estava aberto e a porta destrancada. Mas quando eles deram um passo para dentro, o lugar estava vazio.

- Quero checar os provadores – disse Liz – Talvez ele tenham sacado que Valenti está procurando por ele e se esconderam – ela fez o caminho para o fim da loja. Os tecidos de seda tocando de leve sua pele enquanto ela se espremia entre os compartimentos de camisolas e roupões e roupas de dormir.

De repente Max agarrou Liz pela mão e mergulhou para trás do balcão onde ficava a registradora.

- Eu escutei alguma coisa.

Um Segundo depois Liz também ouviu. O som de passos se aproximava. Valenti. Liz estava certa de que era Valenti. Nikolas teria derrubado os seguranças. Alex, Michael e Maria estavam lá em cima. E não tinha chance de Nikolas e Isabel estarem andando tão devagar pelo shopping, tão propositalmente.

Max se enfiou de baixo do balcão. Ele rolou de costas e puxou Liz para frente dele. Ela enterrou a cabeça no peito dele e apertou os olhos com força. Ela podia escutar os passos de Valenti enquanto ele entrava na loja.

Faça a tabela periódica, Liz disse a si mesma. Sempre que ela queria se acalmar, ela recitava todos os elementos e seus pesos atômicos. Era como se isso a lembrasse que o mundo era um lugar equilibrado, organizado. Mas nesse momento ela não podia se lembrar de nada. Nenhum fato.

Liz podia sentir os batimentos do coração de Max contra sua bochecha. Ela se concentrou no ritmo e sentiu seus músculos relaxarem um pouco mais. Não importa o que aconteceria, Max estava com ela. Isso ajudava. Isso ajudava muito mais do que a tabela periódica alguma vez já ajudou.

Os passos de Valenti se aproximaram. Liz ouviu um assobio suave enquanto ele corria os dedos em cima do balcão. Ele estava praticamente em cima deles.

Max apertou seus braços em volta dela. Ela sentiu a conexão começar entre

eles, e ela foi inundada com uma onda de amor vindo de Max. Ela sentiu seu próprio amor por Max despejando nele.

Ele podia dizer que eles eram *apenas amigos* o quanto ele quisesse. Ele podia se negar até a ir ao cinema, ou a boates com ela, ou fazer qualquer coisa que lembre remotamente atividades de casais. Mas nada disso importava. Porque pessoas que são *apenas amigos* não se sentem assim um pelo outro.

Liz escutou passos novamente. E então um silêncio. Valenti havia ido embora.

Ela levantou a cabeça e encarou direto os olhos azuis de Max.

- Eu... – ela começou.

Ele pressionou os dedos contra os lábios dela. Ele estava certo. Era muito cedo para falar. Eles precisavam esperar até Valenti se mover para mais longe.

Ele continuou a explorar o rosto dela. Ele correu os dedos pelo queixo dela e sobre a covinha em sua bochecha esquerda. Ele traçou a linha do seu nariz e do arco de cada sobrancelha. Seu toque era tão leve, como uma pluma quente a acariciando.

E os olhos dele. Seus olhos seguiam a direção de suas mãos. Ele estudava cada detalhe do rosto dela, quase como se ele estivesse tentando memorizar tudo.

Liz não podia agüentar. Ela tinha que tocá-lo também. Ela abaixou a cabeça e roçou sua bochecha na dele. Os pelos eriçados contra a pele macia dela a fez ter calafrios.

Ela continuou usando o próprio rosto para explorar o dele. Ela passou seu nariz contra o de Max e próximo o suficiente para bater os cílios dela nos dele. O beijo da borboleta. Era como ela e Maria chamavam quando tocavam os cílios quando era criancinhas.

Liz moveu sua cabeça para mais baixo e passou seus lábios nos de Max. Leve e rapidamente. Então, ela acariciou sua bochecha na dele.

Max tomou um fôlego fazendo barulho e entrelaçou suas mãos no cabelo dela. Ele trouxe a boca dela para perto dele novamente. Ele correu sua língua pelo lábio dela, encorajando o beijo.

Não tinha nada de gentil com relação a sua perda de palavra. Foi gostoso e desesperado, como se ele não pudesse agüentar esperar um outro segundo.

Então de repente a afastou.

- Valente já deve ter ido – ele disse.

Liz piscou.

Ele iria simplesmente fingir que isso não aconteceu? Ele iria realmente sair e tentar fingir que eles ainda era *apenas amigos*?

Ela encarou Max, mas ele não a encarou de volta.

- Temos que encontrar Isabel – ele disse.

Liz deslizou e se levantou. Ela passou os braços em volta dela mesma. Parecia tão frio sem o calor do corpo de Max.

—==—

Isabel correu os dedos pelo seu corpo, passando pela curva de seu quadril. É, esse vestido combinou. Ela amou o ornamento que circulava a bainha. E o grande decote mostrava o pendente de rubi em forma de coração.

Mas ela não estava com os sapatos certos. Talvez ela tivesse que ir ao departamento de sapatos da Macy. Como é que ela iria dar a Nikolas um show realmente bom de moda sem os sapatos certos?

Max estava sempre a provocando sobre o número de par de sapatos que ela tinha. Ele não entendia que sapatos eram a chave de uma linda roupa.

Max. Por que é que ela tinha que pensar nele agora? Pensar em Max a fazia pensar naquele segurança. “O cara está somente tirando uma soneca, e é só”, ela lembrou a si mesma.

Ela recuou enquanto lembrava-se da sensação de beliscão no vaso sanguíneo da cabeça do segurança. Eu o machuquei. Esse pensamento simplesmente apareceu em sua cabeça.

“Okay, então ela machucou *e/le*. Um pouquinho”. O que é que ela podia fazer com relação a isso agora? Nada.

Isabel fez um rabo de cavalo em seu cabelo e então o transformou num chinó. Um vestido elegante como este merecia um elegante penteado. Ela deu uma checada no espelho. Perfeito. Hora de começar o show particular na pista de moda para Nikolas. Ela olhou para os outros vestidos que escolheu para desfilas. Eles eram lindos também, mas a idéia de trocar de roupas tantas vezes simplesmente a fazia se sentir... cansada.

Talvez ela devesse dizer a Nikolas que queria ir para casa. Mas será que ele...

- Vire-se vagorosamente e coloque suas mãos na parede – uma voz grave e profunda sacudiu os pensamentos de Isabel para fora. Ela conhecia aquela voz. Era a voz de seus pesadelos

Valenti estava lá fora com Nikolas! A bainha de seu vestido começou a tremer. Isabel olhou estupidamente para a bainha. “É porque eu estou tremendo”, ela percebeu.

“Se lembre do que Nikolas disse”, ela ordenou a si mesma. “Você tem o poder. Você não precisa ter medo de Valenti ou de nenhuma outra pessoa”.

Ela deu um passo para fora do provador e andou na ponta dos pés no corredor estreito. Ela pegou a calda longa do vestido com as duas mãos e a subiu. Ela poderia precisar ser ágil para se mover rápido.

Isabel espiou por cima da cortina que marcava a entrada dos provadores. Ela pressionou seus dedos contra os lábios para tentar não gritar. O Xerife Valenti tinha uma arma apontada para Nikolas.

- Vire-se vagorosamente e coloque suas mãos na parede – Valenti repetiu, sua voz monótona e sem emoção.

“Faça logo, Nikolas”, pensou Isabel. Quando Nikolas se virasse, Valenti começaria a andar na direção dele. Ele passaria em frente a cortina e Isabel iria alcançar e apertar o cérebro dele até ele cair. Ela não iria se sentir mal sobre isso. Ninguém iria ferir Nikolas.

Nikolas não se moveu para obedecer Valenti. Ele apenas sorriu. Ele obviamente planejava brincar um pouco com o xerife.

Um tiro explodiu. Nikolas caiu no chão com uma pancada.

Nikolas continuou inerte. Sua aura dourada tremeluziu uma vez e então desapareceu como se alguém tivesse desligado o interruptor.

Como é que a aura dele poderia desaparecer? Valenti não podia matar Nikolas. Valenti era um humano. Apenas um fraco e patético humano. Isso não aconteceu. “Não pode ter acontecido”, pensou Isabel. Em um Segundo, Nikolas iria pular em cima e esmagar o Valenti.

Mas Nikolas não se mexeu.

Valenti caminhou em direção ao corpo. A cortina balançou contra Isabel enquanto ele passava, a fazendo sentir um cheiro mofado de giz.

“É melhor eu colocar minhas roupas antes que ele me ache”, ela pensou.

Ela virou lentamente e andou pelo corredor. Seus pés pareciam adormecidos. Ela não podia senti-los tocando o chão. Talvez eu esteja flutuando. Talvez seja esse o motivo. “Talvez eu seja um fantasma. Um fantasma alienígena”. Ela começou a sentir sorrisinhos crescerem dentro dela. Mas ela não sorriu. Lobos gostam das garotas que sorriem. Eles gostavam de devorá-las. Fazia o estômago deles feliz.

Isabel entrou no vestiário e tirou o vestido. O lindo vestido. Ela tirou a tiara e o pendente de rubi. Ela não deveria estar usando, de qualquer forma. Ela deveria estar usando uma capa vermelha com um capuz. Ela devia estar indo para casa da vovozinha, não para o shopping. E o lobo não deveria ter uma arma. Por que é que o lobo não estava seguindo a estória?

Ela vestiu suas jeans e sua camisa rendada. Então ela se enroscou no canto da parede, fechando os olhos e esperando o lobo achá-la.

Sim, ela podia escutá-lo agora. Ouvir suas botas andando pelo pequeno corredor. Um lobo calçando uma bota. Não era assim que deveria acontecer.

——— ———

- Houve um tiro – Max tropeçou um passo para trás. Ele apenas sentia uma grande quantidade de terror vinda de Isabel. Ela foi atingida? Valenti estava com ela?

- Acho que veio da Macy – choramingou Liz. Ela correu desabalada, passando o mais rápido possível pelo chafariz no centro do pátio do shopping.

Max estava bem atrás dela. Eles entraram à toda pela porta principal da loja. Liz agarrou o braço dele e sinalizou para ele diminuir o passo. Ela estava certa. Não havia propósito em anunciar a Valenti que eles estavam aqui.

Ele se moveu para frente rápida e silenciosamente, escaneando a banca de perfume e a de maquiagem na frente dele. Tudo parecia normal.

Ao menos Isabel ainda estava viva, ele pensou enquanto fazia o caminho para mais afundo da loja. Ele desejou poder enviar uma mensagem mental a ela, lhe dizendo que ele estava aqui e que ela iria ficar bem. Mas não funcionava assim. Ele não podia ter conversas telepáticas com Isabel ou Michael. Ele apenas podia sentir o que eles sentiam.

E Isabel sentia agora um medo devastador.

Liz tocou o ombro dele e depois apontou para o nariz dela. Então ela apontou para a esquerda. De primeira, Max não conseguiu entender o que ela estava tentando dizer a ele. Então ele sentiu. O cheiro de pólvora de uma explosão.

Ele seguiu o cheiro.. Ele virou o canto em uma das pequenas boutiques de vestido... e viu Nikolas jazido no chão com Valenti ao lado dele.

Max e Liz se abaixaram atrás de um cabide com longos vestidos. Max levantou um pouco e deu uma espiada. A aura de Nikolas desaparecera. Ele estava morto. Valenti havia assassinado ele.

Onde estava Isabel? Ele pensamento se repetia na cabeça de Max até ele sentir que iria pirar. Por que ele não correu para fora de casa e a tirou da motocicleta de Nikolas hoje? Por que ele não a forçou a descer as escadas e assistir a porcaria do filme com ele?

Max arriscou dar uma outra olhada para Valenti. O xerife se levantou e caminhou em direção as cortinas, rumando para os vestiários. O estômago de Max apertou. Isabel poderia estar ali, presa na armadilha.

- Vou distrair Valenti. Você encontra Isabel – disse Liz.

Antes dele poder responder, Liz deu um alto, agudo grito. Ela saltou e correu em direção a saída, ainda gritando. Uns segundos depois, Valenti parou de caminhar para os vestiários. Assim que ele ficou fora de vista, Max deu um pulo e correu na direção do corredor dos provadores.

- Isabel – ele chamou baixinho. Não houve resposta. Ele esperava que onde quer que ela esteja, ela tenha visto Liz levando Valenti para fora da loja. Ele se virou e encarou a cortina. Ele hesitou, então ouviu um som baixinho atrás dele. Ele continuou prestando atenção até que escutou novamente. Um choro abafado. Isabel.

Ele seguiu o som até um dos provadores. Abriu a porta e viu Isabel, enroscada no canto da parede.

- Isabel, temos que tirar você daqui – Max se curvou e tocou os ombros dela. Ela hesitou, mas não olhou para cima. Ela mantinha a cabeça pressionada contra os joelhos.

- É o Max – ele disse gentilmente – Você está bem, Izzy. Tudo vai ficar bem. Mas preciso que você venha comigo. Ele a pegou pelos ombros e a pôs de pé. Ele afastou o cabelo do rosto dela, e ela abriu os olhos.

- O que você tá fazendo aqui? – ela sussurrou.

- Sou seu irmão, onde mais poderia estar? – ele respondeu. Ele pegou sua mão e fez o caminho para fora do provador e depois para o corredor. Ela hesitava antes de cada passo, quase como se tivesse se esquecido de como se andava

- Chapeuzinho Vermelho não tem irmão – ela murmurou.

Max pegou em seu queixo e a virou para ele.

- Você andarรก mais rรกpido se nรกo olhar para seus p茅s – ele disse a ela.

Obedientemente, ela manteve os olhos bem fechados, mas seus passos ainda estavam lentos.

- Se lembra de como vocę costumava implorar para eu te carregar nas costas? – ele perguntou. Ele a passou para trรกs, a levantou e a carregou atę a saıda rumando direto para fora do estacionamento.

Quando ele a colocou de p茅s, ela parecia um pouco menos desorientada. Ela inspirou profundamente o ar da noite,

- Onde estรก Nikolas? – ela perguntou.

- Eu nรกo sei – respondeu Max. Ele nรกo podia dizer a ela a verdade. Nรกo agora.

—==—

Maria ouviu um longo, agudo grito e os pelinhos de sua nuca se eriçaram.

- a Liz! – ela gritou.

Ela correu para fora da farmรกcia, Michael e Alex bem atrรกs dela.

Outro grito ecoou pelo shopping. Parecia que vinha do andar de baixo. Maria se comprimiu contra o corrimњo sobre a passagem superior e deu uma olhada para baixo.

- Ali! – Alex apontou na direçњo da Macy’s. Liz estava correndo pela passagem abaixo deles. E Valenti estava se aproximando dela.

Eles tinham que fazer algo. Mas eles nunca iriam descer as escadas antes de Valenti pegar Liz.

- Venham comigo – Maria ordenou. Ela tinha uma idęia. Mas eles tinham que ser rรกpidos. Ela fez o caminho de volta a farmรกcia. Ela precisava de algo. Algo que ela pudesse jogar. Onde estava? Onde estava?

Ela viu uma caixa de seis unidade de gua com gรกs. Isso deve dar. Ela pegou tręs caixas e os encaixou no corrimњo. Ela rasgou uma das garrafas de soda e arremessou em direçњo a Valenti. Nรกo chegou nem perto de bater nele.

- Vocę um gęnio – exclamou Michael enquanto corria para o corrimњo com

duas caixas de seis unidades. Ele não se importou em puxar uma das garrafas. Ele jogou todos em Valenti. Bateu nas costas do xerife. Ele tropeçou e caiu.

- Você é um gênio – exclamou Michael enquanto corria para pegar uma caixa também. ... Ele atirou tudo em Valenti. Bateu nas costas do xerife. Ele tropeçou e caiu.

- Uai – Alex gritou.

- Poder – explicou Michael.

- Apenas corra – Maria gritou. Ela correu para a escada rolante. Ela sentiu algo deslizar em baixo de seu pé... então ela estava no chão.

Ela começou a se levantar e sentiu algo legal e duro em baixo de seus dedos. Um anel de ouro. Enquanto ela olhava, a coisa começou a brilhar. *A brilhar.*

Maria encarou o anel, atraída ela profunda luz dourada.

- Maria! Você está bem? – chamou Michael.

Maria levantou a cabeça.

- Sim.

Ela guardou o anel no bolso, se levantou e correu a toda velocidade atrás de Michael e Alex. Ela não achava que Valenti ficaria caído por muito tempo.

———

Max encarou as portas. “Vamos lá, vamos lá”, ele pensou. “Temos que dar o fora daqui. Não é seguro”

Ele se perguntou se ele deveria ir buscar Liz. Mas o shopping era tão grande que seria fácil se perder dela. Ela podia estar aqui fora, esperando por ele.

Além do mais, ele não podia deixar Isabel sozinha. Ele deu uma olhada na irmã. Ela estava encarando o nada. Ela nem parecia assustada. Apenas completamente desorientada.

Max andou de um lado para o outro. Ele queria fazer alguma coisa. Mas não tinha nada que ele pudesse fazer.

Será que Valenti pegou todo mundo? O que ele iria fazer se ele tivesse pegado?

As duas portas do shopping se abriram e Maria, Michael, Alex e Liz correram para fora.

- Ele está bem atrás de nós – berrou Maria.

De repente, as portas se abriram novamente e Valenti passou por ela. Ele alcançou e agarrou Liz pelo braço. Ela tentou escapar, mas o xerife não a deixaria ir.

Max andou para frente. Ele não ia simplesmente olhar isso acontecer.

Um alto som de trovão invadiu o estacionamento e uma bola brilhante de luz branca explodiu em todo o shopping.

Max se atirou e agarrou Liz, puxando-a com força para longe de Valenti.

- O que aconteceu? – gritou Alex.

- Olhe Valenti! – berrou Maria.

Max olhou para o xerife. Ele estava dentro de uma bola de luz brilhante – completamente imóvel.

- Isso deve segurá-lo por alguns minutos... e ele não se lembrará de nada – uma voz calma saiu por trás deles.

Max virou-se e viu Ray Iburg. Seu chefe maluco.

Ray coçou a cabeça.

- Eu me esqueci de lhe dizer? Eu também não sou daqui.